

**FACULDADES INTEGRADAS “ESPÍRITA”
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E VALORES HUMANOS
THIAGO FELIPE SEBEN**

**DISCUTINDO VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR:
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO MÉTODO “EDUCARE”**

**Curitiba
2012**

THIAGO FELIPE SEBEN

**DISCUTINDO VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO MÉTODO “EDUCARE”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Valores Humanos do Centro de Pós-Graduação e Extensão das Faculdades Integradas “Espírita”.

Orientador: Mestre Alexandre França Salomão

Curitiba

2012

FACULDADES INTEGRADAS “ESPÍRITA”

CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E VALORES HUMANOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome do autor: Thiago Felipe Sebben

Título: Discutindo Valores Humanos na Educação Física escolar: uma perspectiva a partir do método “educare”

Esta monografia foi julgada e aprovada pelos membros da banca designada pela Professora Regina, Coordenadora do curso de Pós-Graduação *Latu sensu* em Educação e Valores Humanos, do Centro de Pós-Graduação e Extensão das Faculdades Integradas “Espíritas” para a obtenção do título de Especialista.

Curitiba, 01 de fevereiro de 2012.

Regina

Especialização em Educação e Valores Humanos

.....
Prof.: Nome do Professor

Instituição, Departamento, Setor:

.....
Prof.: Nome do Professor

Instituição, Departamento, Setor:

Orientador:.....

Prof.: Nome do Professor

Departamento, Setor:

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mulher, Cybele, que com seu amor foi capaz de respeitar meus inúmeros momentos de reflexão em torno desta pesquisa, momentos no qual o ser-humano precisa estar somente consigo próprio, somente com sua própria consciência a dialogar com os pensamentos.

Dedico esta trabalho ao querido amigo Alexandre Salomão, que com suas ideias marxistas sempre gostou de travar boas batalhas intelectuais, inclusive aquelas regadas à boa e velha cevada.

Dedico também à minha família: meu pai Ivan, minha mãe Hilda, e meus irmãos Débora e Ivan Filho, que sempre se preocuparam em saber quem eu sou, para me ajudar a descobrir a mim próprio. São tochas de luz que iluminam meu caminho.

Por fim, e certamente mais importante, dedico este trabalho a todas as crianças e membros da comunidade escolar que estiveram presentes durante todos os momentos pedagógicos proporcionados por essa experiência, antes mesmo de ser pedagógica, uma experiência antropológica.

AGRADECIMENTOS

Quando penso na complexidade dos processos que serão inicializados na realidade subjetiva do leitor a partir da leitura dessas palavras, percebo que a precisão na escolha dos conceitos chave e das palavras corretas faz toda a diferença na qualidade do que está sendo escrito e na interpretação correta do mesmo. Desse modo, me desafio enquanto comunicador de ideias, socializador de conceitos, um desafio que nada mais é que a busca da coerência entre conceitos, sentidos e valores, discurso e prática. Se o leitor compreenderá ou não aquilo que se pretende com este texto depende exatamente da capacidade comunicativa do pesquisador, nesse caso eu, enquanto criador, executor e descritor de um plano de pesquisa específico. Ciente do desafio exposto, cabe a mim, enquanto pesquisador eticamente comprometido com o resultado de sua pesquisa, o esforço para não cair nas armadilhas da incoerência e da má expressão das relações de ideias pretendidas, mas também o compromisso com a verdade, mesmo que seja aquela verdade do ponto de vista relativo e humilde de um mero professor de Educação Física.

Posto isso, eu gostaria de agradecer ao leitor, por sua paciência, compreensão e esforço em buscar desvendar métodos para ensinar cada vez mais apropriados ao aprimoramento humano, um aprimoramento integral, holístico - um aprimoramento intelectual, emocional, sensitivo e intuitivo.

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi promover os valores humanos (paz, amor, ação correta, verdade, não-violência) a partir de práticas originárias do conteúdo da Educação Física (ginástica, luta, dança, jogos e esporte) sempre abordado com os estudantes através da ludicidade e das técnicas propostas pelo método “educare”. O microambiente escolar da prática pedagógica foi a Escola Municipal (EM) Santa Ana Mestra, escola da Rede Municipal de Ensino (RME) da Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC). A escola possui um total de 768 alunos matriculados, sendo 390 no turno matutino. Destes, 175 participaram da pesquisa. A pesquisa foi de caráter aplicado qualitativo, tendo como instrumento metodológico a pesquisa-ação, em quatro etapas: diagnóstico, ação – que foi subdividida em duas sub-etapas: planejamento e ação propriamente dita -, avaliação e reflexão. Os resultados da aplicação desse método foram: o diagnóstico da realidade de indisciplina e dos problemas de convivência entre os estudantes, o planejamento pedagógico unindo os valores humanos e as práticas da cultura corporal, os relatórios da aplicação das aulas planejadas, a melhora no nível de desenvolvimento moral de duas turmas avaliadas, e a reflexão dos estudantes sobre o método a que estiveram expostos durante a pesquisa. É possível afirmar que o método “educare” é um instrumento pedagógico coerente com o objetivo de tentar transformar/aprimorar o caráter das crianças e, por consequência, a convivência das crianças no ambiente escolar e em outros ambientes.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Diferenças entre Paradigma Atual e Paradigma Emergente.....	24
QUADRO 2 – Níveis e estágios de desenvolvimento moral.....	42
QUADRO 3 – Conteúdos Conceituais.....	44
QUADRO 4 – Conteúdos Procedimentais.....	44
QUADRO 5 – Conteúdos Atitudinais.....	45
QUADRO 6 – Sinais de indisciplina.....	46
QUADRO 7 – Planejamento Pedagógico.....	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Avaliação do Nível de Desenvolvimento Moral das turmas do 4º e 5º ano.....	61
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fragmentação da Psique e do Conhecimento.....	30
FIGURA 2 – As dimensões do ser-humano Integral.....	31
FIGURA 3 – Etapas da Pesquisa-Ação.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	20
2.1 EDUCAÇÃO, CULTURA E PARADIGMA: A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL QUE SE PRETENDE.....	20
2.2 PARADIGMA ATUAL X PARADIGMA EMERGENTE: A TRANSDICIPLINARIEDADE COMO RESPOSTA PEDAGÓGICA.....	23
2.3 O MÉTODO “EDUCARE”: UMA EDUCAÇÃO HUMANISTA.....	25
2.4 ALGUMAS PERSPECTIVAS DE SER-HUMANO E O MÉTODO “EDUCARE”.....	30
2.5 “EDUCARE” E “CULTURA CORPORAL”.....	34
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	46
4.1.1 DIAGNÓSTICO.....	46
4.1.2 AÇÃO.....	47
4.1.2.1 PLANEJAMENTO DA AÇÃO.....	47
4.1.2.2 AÇÃO PROPRIAMENTE DITA.....	60
4.1.3 AVALIAÇÃO.....	61
4.1.4 REFLEXÃO.....	62
4.2 DISCUSSÃO.....	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	92

1 INTRODUÇÃO

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors¹, coloca-se que o papel da educação é “fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS ET AL, 1997, p. 89). Nesse cenário complexo e impermanente, não basta apenas que os indivíduos acumulem conhecimentos indefinidamente, mas antes, que questionem e coloquem à prova esses conhecimentos, em todas as situações de vida, criando ocasiões em que os conhecimentos possam ser atualizados, aprofundados e enriquecidos, trazendo a adaptação do indivíduo a um mundo em mudança.

O mesmo relatório afirma que para poder dar conta de sua missão,

a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: “*aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes (Ibidem).

O problema que exponho nesse trabalho é justamente o problema constatado nesse relatório: um lapso no conhecimento que tange o “aprender a conviver” e o “aprender a ser”. Infelizmente, o conhecimento disseminado na educação acaba privilegiando um lado mais “técnico” e “instrumental” do conhecimento², tornando a escola num local que visa formar principalmente para o mercado de trabalho³ – um local que acaba apenas reproduzindo os valores capitalistas de exaltação do ego (o “ter” em detrimento do “ser”) que acabaram alçando a humanidade a um estado de crise:

– *Crise ambiental*, resultado da exploração sanguessuga dos recursos

¹ Relatório completo em:

http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

² http://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro_Pilares_da_Educa%C3%A7%C3%A3o.

³ <http://www.consciencia.org/a-formacao-do-super-homem-nietzscheano-atraves-da-educacao-pelo-e-para-o-ocio>, principalmente o capítulo IV, que mostra como a educação, antes um instrumento que formava para o ócio, tornou-se um instrumento de formação para o trabalho.

naturais, fruto das formas, modos e costumes que a humanidade escolheu para lidar com a natureza, gerando um cenário de respostas naturais cataclísmicas, respostas que só têm aumentado de frequência nos últimos anos, com vários recordes de enchentes, nevascas, ciclones, etc., por todo o planeta. Para se ter ideia da gravidade da situação, uma pesquisa no site da Wikipedia⁴, com o descritor “maiores desastres naturais”, aponta para uma sequência de 18 desastres naturais catalogados durante todo o século XX, enquanto que somente na primeira década do século XXI já ocorreram 14 desastres naturais catalogados. É interessante notar o conceito que a enciclopédia livre aponta para o termo “desastre natural”:

Um desastre natural é uma catástrofe que ocorre quando um evento físico perigoso (tal como uma erupção vulcânica, um sismo, um desabamento, um furacão, inundação, incêndio, ou algum dos outros fenômenos naturais da lista) provoca direta ou indiretamente danos extensos à propriedade, faz um grande número de vítimas, ou ambas. Em áreas onde não há nenhum interesse humano, os fenômenos naturais não resultam em desastres naturais⁵.

Este conceito acaba por apontar as ações humanas como as grandes responsáveis pelas mudanças no cenário ambiental, mudanças essas com o sentido da destruição da natureza – esta sendo simplesmente essencial para a vida humana.

- *Crise econômica*, causada por um mercado agressivo e não preocupado com a conservação e proliferação de condições de vida digna para toda a humanidade, mas sim preocupado com a conservação e proliferação do dinheiro e do poder que este possui embutido. O mercado acabou por se tornar num cassino, em que operações *on-line* mudam o destino de uma empresa e afeta milhares de empregos por todo o mundo, desencadeando grandiosas crises econômicas. Essa situação pudemos vivenciar na pele no final de 2008, com consequências que se tornaram fatos históricos, como a falência de bancos possuidores de muito capital, e também a nova configuração de riquezas globais, com a ascensão dos países BRIC

⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_dos_maiores_desastres_naturais.

⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Desastre_natural.

(Brasil, Rússia, Índia e China, as economias que são motores do mercado global), consequências que já duram até os dias de hoje⁶.

- *Crise das instituições sociais*, expressas na corrupção política; na quebra de confiança entre o cidadão e o governo; nos sistemas de governo extremamente liberais ou extremamente controlados pelo Estado – sem o equilíbrio necessário para superar os problemas sociais; na mídia, que muitas vezes deixa a verdade de lado para vender notícias, mas sem deixar abalar sua credibilidade; na instituição da justiça, que no caso do Brasil, especificamente, possui a fama de ser uma para aqueles que detêm mais recursos e outra para aqueles que nada detêm, a não ser seu próprio trabalho; ou ainda, expressa na escola que forma para o trabalho e não forma para a vida integrada à sociedade, que transmite a ciência mas não ensina sob quais valores ela deve ser utilizada, que ensina a ganhar dinheiro, mas não contribui na formação do caráter. Essa crise educacional, especificamente, pode ser percebida de maneira razoavelmente clara por todas aquelas pessoas ligadas de certo modo às práticas escolares contemporâneas, seja educador, educando, pais, comunidade em geral, em que “boa parte da população de crianças que ingressam nas escolas não consegue concluir satisfatoriamente sua jornada escolar de oito anos mínimos e obrigatórios” (AQUINO, 1998).
- *Crise de consciência*, tal qual afirma Krishnamurti⁷, que conduz a humanidade a erigir relações sociais cada vez mais doentes e contaminadas pela programação da consciência por parte do capitalismo, programação essa que instala o sentimento de “vazio” na pessoa: o mote não é apenas ter muito, mas sim lutar para sempre ter mais. E esse “vazio” apenas se amplifica, trazendo consigo os sentimentos de “insatisfação”, “ansiedade”, “medo”, impossibilitando, dessa forma, o ser humano de atingir a plenitude, através da aceitação da impermanência das coisas e da experiência da felicidade ou da plenitude.

A crise da humanidade nos mostra quão grave é a problemática em estudo.

⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_econ%C3%B4mica_de_2008-2009.

⁷ É possível ver o trecho em que Krishnamurti, filósofo indiano, cita isso no site <http://caetanomauro.posterous.com/43124620>, que disponibiliza inclusive um vídeo e uma pequena introdução a quem foi ele.

Em verdade, mostra que a humanidade corre sim risco de extinção⁸ por não saber conviver em harmonia. É importante deixar claro que o conhecimento “técnico” e “instrumental” não é o vilão dessa história, visto que possui extrema importância para a humanidade, pois nos ajuda a criar tecnologias que trazem facilidades para o nosso cotidiano – como a informática, por exemplo; entretanto, o foco exacerbado nesse tipo de conhecimento acabou deixando de lado o conhecimento que tange a experiência humana de tentar viver harmoniosamente consigo própria e com a natureza.

Vários autores identificam crises e problemas que justificam preocupação com o futuro⁹. “Esses autores mostram que, se mantidas as concepções vigentes de civilização e globalização, bem como os paradigmas éticos e científicos que as sustentam, crises e problemas dificilmente serão resolvidos” (CORREIA, 2010, p. 15).

Esse cenário é muito bem descrito por Basarab Nicolescu, quando este afirma que “duas verdadeiras revoluções atravessaram este século: a revolução quântica e a revolução informática” (1999, p. 1). Segundo ele, a revolução quântica “poderia mudar radicalmente e definitivamente a nossa visão de mundo, no entanto, [...] nada aconteceu” (Ibidem). Já a revolução informática, “poderia levar a uma *partilha do conhecimento* entre todos os seres-humanos, prelúdio de uma riqueza planetária compartilhada. Mas aí, também, nada acontece” (Ibidem).

Eis a humanidade inserida num paradoxo:

Tudo está estabelecido para nossa autodestruição, mas tudo também está estabelecido para uma mutação positiva comparável às grandes reviravoltas da História. O desafio da autodestruição tem sua contrapartida na esperança do autonascimento. O desafio planetário da morte tem sua contrapartida numa consciência visionária, transpessoal e planetária, que se alimenta do crescimento fabuloso do saber. Não sabemos para que lado penderá a balança. Por isto é necessário agir com rapidez, agora. Pois amanhã será tarde demais” (Idem, p. 3).

Para que a humanidade consiga superar esse cenário, é necessário ajustar a organização social, e aqui está incluída a educação – a organização social

⁸ Alguns poderão dizer que essa é uma visão fatalista ou trágica do cenário atual, entretanto, é fato que estamos destruindo o meio-ambiente num ritmo nunca antes registrado e também, é fato, que a humanidade nunca criou tantas riquezas como na época atual, entretanto, ainda não implantou definitivamente um sistema de organização social que erradique a fome e a pobreza.

⁹ Conforme Correia (2010, p. 15): Capra (1982 e 2001), Boff (2000), Santos (2001) e Russel (1992).

representando um macroambiente e a educação representando um microambiente, ambas numa relação dialética de influência sobre a outra – para o sentido do desenvolvimento humano integral. Mas qual o sentido do desenvolvimento humano? É o sentido exposto por Ken Wilber (2008), um sentido de ampliação dos níveis da consciência do indivíduo - ou da criança, no caso da educação -, indo do nível egocêntrico, para o nível etnocêntrico e depois para o mundicêntrico.

Ken Wilber, em sua obra *A Visão Integral*, expõe um quadro que correlaciona diversas linhas de desenvolvimento da consciência humana, desenvolvidas por diversos psicólogos: o desenvolvimento das necessidades de acordo com Maslow; as visões de mundo de acordo com Gebser; as linhas cognitivas de acordo com Commons & Richards/Piaget/Aurobindo; as linhas de valores de acordo com Graves/Wade; as ordens de consciência de acordo com Kegan e a auto-identidade de acordo com Loevinger/Cook-Greutser (2008, p. 112/3). Nesse quadro, é possível contemplar que o nível de consciência que favorece o indivíduo perante o coletivo, como é o caso dos valores capitalistas – uma consciência do “instinto de luta” na linha de valores de Graves/Wade - é de natureza egocêntrica e pode ser admitido numa criança. Entretanto, para um adulto, devemos esperar a manifestação de um nível de consciência mais amplo, já num sentido etnocêntrico – “de vínculo humano”, na mesma linha de valores de Graves/Wade -, no qual o indivíduo é capaz de considerar outras culturas diferentes da sua; e até mesmo mundicêntrico – “de visão global”, segundo ainda a mesma linha, na qual o indivíduo é capaz de preocupar-se com a humanidade enquanto espécie, “independente de sua raça, cor, sexo ou credo” (Idem, 2008, p. 33/4).

Esse mesmo processo de linhas de desenvolvimento expostas por Ken Wilber, foi também utilizado por Lawrence Kohlberg, quando este autor descreveu os níveis e estágios de desenvolvimento moral de um indivíduo. Ele considera três níveis: 1) Pré-convencional, 2) Convencional e 3) Pós-convencional. Seriam os mesmos níveis propostos por Wilber, quando este fala em nível de consciência egocêntrica, etnocêntrica e mundicêntrica. Em verdade a linha de desenvolvimento de Kohlberg possui a especificidade de se propor a explicar o desenvolvimento moral do indivíduo, enquanto que a linha exposta por Ken Wilber faz parte do que ele chama de Sistema Operacional Integral (SOI) (Idem, 2008, p.19), sendo uma

linha mais geral que a de Kohlberg. Mas o que importa aqui é a apreciação do nível desses valores, independente da ótica psicológica que se pretenda utilizar. E o nível que estamos querendo ultrapassar ainda é o do egocentrismo, o que é um atraso tremendo para o amadurecimento psicológico do ser-humano.

Mas e porque chamar de desenvolvimento humano integral? Pois visa aprimorar o corpo, a mente e o espírito. Uma pedagogia que visa esse objetivo não poderá apartar a dimensão espiritual do indivíduo, sendo importante não confundir “espiritualidade” com “religiosidade”. Enquanto que a primeira parte da “curiosidade” em descobrir as respostas às perguntas mais naturais a qualquer ser-humano, como por exemplo “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “quem somos nós?”, “o que é Deus?”, “o que estamos fazendo aqui?”, etc.; a segunda parte dos “dogmas”, que são conhecimentos considerados como verdades absolutas e nada dinâmicas¹⁰. Enquanto a “espiritualidade” deriva da “dúvida”, a “religiosidade” deriva da “fé”.

O próprio cotidiano escolar comprova o problema do lapso do conhecimento no que tange o “aprender a conviver”. Como professor, desde 2009 dando aulas em algumas escolas do município de Curitiba, pude diagnosticar um cenário grave de indisciplina na escola¹¹. Para ESTRELA (1992, p. 17) a indisciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como "desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo". Na maioria das vezes ansiosas, rebeldes, barulhentas, desrespeitadoras do professor e dos próprios colegas, as crianças possuem uma convivência que muitas vezes podemos julgar sendo desarmoniosa, excessivamente conflituosa – mas não esqueçamos que um julgamento proveniente de um adulto, no caso eu enquanto observador. As crianças simplesmente brigam entre si, por coisas bobas muitas vezes, fruto da inocência ou da mais pura emoção – exemplo: a criança brigar para ser a primeira da fila somente para poder dar a mão para o professor -, mas outras vezes com socos e pontapés. Os trabalhos em grupo, na idade entre 6 e 10 anos, com algumas crianças de 11, 12, 13 e até mesmo 14 anos, que é o público com o qual me relaciono em minhas aulas, quase sempre resultam em intrigas pessoais. Muitas se queixam até de dores de cabeça provenientes do barulho durante as aulas. Esses conflitos, na maioria das vezes atrapalham a aula,

¹⁰ "O primeiro pecado da humanidade foi a fé; a primeira virtude foi a dúvida." (Carl Sagan). Ou: "A dúvida é o princípio da sabedoria" (Aristóteles).

¹¹ Mais sobre esse tema consultar: Aquino (1998), Aquino *et. al.* (1996), Lima (2009).

obrigando o professor a corrigir o rumo de seu planejamento, escolhendo conversar com a turma sobre aquele comportamento do que seguir com o conteúdo a ser explorado naquela aula. Existem turmas onde os conflitos superam o conteúdo na maioria das vezes, fazendo da aula de Educação Física uma aula em que, antes de explorar o conteúdo da “cultura corporal”¹², é necessário trabalhar o “aprender a conviver” e o “aprender a ser”.

Em conversas com outros professores(as), pude perceber que muitos se queixam do comportamento das crianças, que são ansiosas, indisciplinadas, barulhentas, agressivas, gerando um ambiente muitas vezes caótico demais para o processo ensino-aprendizagem acontecer em grau satisfatório. O(A) professor(a), em algumas escolas, deixa de exercer sua função para tornar-se terapeuta, mediador, administrador de conflitos, assistente social, isso quando não se torna um advogado do diabo que defende punições severas e excesso de vigilância sobre o corpo. O que o(a) professor(a) pode se tornar enfrentando um ambiente de trabalho como esse todos os dias, está registrado nos inúmeros atestados médicos que essa classe costuma pegar, para tratar dos distúrbios das doenças que se instalam em seus corpos. Ora, esse lapso no conhecimento do “aprender a conviver” e “aprender a ser”, além de prejudicar as crianças, que perdem tempo precioso de atividades pedagógicas, também prejudica os professores, que sofrem na mão daquelas crianças que não sabem se comportar em prol do grupo.

É claro que sempre existem aquelas crianças que são carinhosas com os outros, que se relacionam harmoniosamente com as outras, transmitindo confiança, fazendo amizades e propagando a paz, entretanto, essas não nos preocupam tanto quanto aquelas que resolvem seus conflitos através de socos, pontapés, que não possuem mãe, não possuem pai, ou pior, o pai é bandido. Não nos preocupam tanto pois acreditamos ser mais fácil *manter* um ser humano em desenvolvimento¹³ do que *convencer* aquele que não se permite ampliar sua consciência para além do ego.

Um cenário como esse necessita de uma urgente transformação. Criticar o cenário sem apresentar alguma proposta de intervenção seria abandonar a função do professor. Desse modo, esse trabalho surge, em verdade, como tentativa de

¹² Aqui invocada na perspectiva do Coletivo de Autores (1993).

¹³ Toda vez o termo “desenvolvimento” for invocado nessa obra, pretendo utilizar no sentido das “linhas de desenvolvimento humano” de Ken Wilber (2008), salvo com alguma observação que afirme a invocação do termo em sentido diverso.

implantar práticas pedagógicas que favoreçam a formação de indivíduos mais capazes de perceber e abarcar em suas vidas graus mais complexos de consciência, ajudando esses indivíduos a perceberem seus egos e superá-los. A superação do ego é a superação de um baixo estágio de desenvolvimento de consciência e de moral e a educação é a ferramenta que julgamos como sendo uma das principais transmissoras dos valores morais.

E quais valores morais transmitir? Ora, se pretendemos um amanhã diferente para a humanidade e para o planeta, antes de tudo é necessário promover valores que superem os valores atualmente dominantes – valores que resultaram numa sociedade que está se autodestruindo, juntamente com seu *habitat natural*. É necessário transcender a tábua de valores morais praticados pelo egoísmo e viver os valores que privilegiam o coletivo, a humanidade e a própria natureza.

Dessa maneira, pretende-se, com o presente estudo, promover os valores humanos (paz, amor, ação correta, verdade, não-violência) a partir de práticas originárias do conteúdo da Educação Física (ginástica, luta, dança, jogos e esporte) sempre abordado com os participantes através da ludicidade e das técnicas propostas pelo método “educare”. Se pensarmos que é através da educação que uma sociedade se forma e é através da sociedade que a educação é construída (GALLO, 1996) então será lícito pensar que a tentativa de mudança na realidade de um microambiente escolar pode auxiliar na transformação do macroambiente social.

O microambiente escolar escolhido para a prática pedagógica é a Escola Municipal (EM) Santa Ana Mestra, escola da Rede Municipal de Ensino (RME) da Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC). Trata-se de uma escola que fica mais próxima da cidade vizinha (Fazenda Rio Grande) do que do centro de Curitiba, pois situa-se no bairro Campo de Santana. O entorno da escola é predominantemente residencial, mas existem alguns estabelecimentos comerciais também. O bairro do Campo de Santana é um dos poucos na cidade de Curitiba que ainda possui algumas chácaras, com criação de ovelhas, vacas e galinhas. Todavia, é o bairro que mais cresceu populacionalmente no período 2000 a 2010. A taxa de crescimento anual foi 13,77%, muito superior a taxa da cidade no mesmo período que ficou em 0,99% ao ano¹⁴. Ele é o terceiro maior bairro da capital paranaense, ficando há

¹⁴ <http://www.ippuc.org.br/ippucweb/sasi/home/>

pouco mais de 19km do marco zero da cidade, numa região bem periférica da mesma¹⁵.

A escola possui um total de 768 alunos matriculados, sendo 390 no turno matutino e 378 no turno vespertino. A escola conta com 4 professores de Educação Física, sendo dois para cada turno. Somente metade das turmas da manhã vão ter contato direto, através das aulas de Educação Física, com o instrumento pedagógico objetivo dessa pesquisa, totalizando 175 alunos.

Esse estudo pretende, dessa forma, fornecer uma resposta válida para a seguinte pergunta: como reduzir os problemas de convivência entre os estudantes na escola e contribuir para a vivência de situações sociais pacíficas, harmoniosas e cooperativas através das técnicas do método “educare” aplicadas ao conteúdo da Educação Física?

A justificativa e a importância de se realizar o presente estudo, para a coletividade humana, em geral, e para certas áreas do conhecimento, em específico, reside na tentativa de elaboração e intervenção pedagógica engajada na arquitetura de uma sociedade com valores alinhados para o aprimoramento humano. Os valores humanos necessitam, mais do que nunca, serem resgatados, para que possamos desenvolver modos mais harmoniosos e humanos de convivência e de organização econômica, ou dos recursos materiais (naturais e tecnológicos). Tentar contribuir nesse sentido é tentar apresentar uma alternativa de redução dos problemas de convivência levantados na escola, num resultado mais concreto, e também apresentar modos de convivência balizados num nível de consciência mais amplo da dimensão humana: não só a razão, mas também a afetividade, a sensação, o sentimento e a intuição.

O problema exposto não foi ainda resolvido pois trata-se de algo que não terá solução de uma hora para a outra, dado a sua complexidade. O objetivo principal, aqui, não é resolver o problema, mas sim, num primeiro momento, traçar apontamentos que propiciem a criação de instrumental pedagógico coerente com o diagnóstico de realidade feito, e, num segundo momento, colocar em teste o instrumental pedagógico criado, de modo a ver se ele funciona para os fins que se presta.

¹⁵ http://www.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/anexos/2005_Campo%20de%20Santana%20-%20Aspectos%20F%C3%ADsicos.pdf

O conjunto de hipóteses que guiarão esse estudo podem ser resumidas nos seguintes tópicos:

- 1) O método “educare” é um instrumento pedagógico coerente com o objetivo de tentar transformar/aprimorar o caráter das crianças e, por consequência, a convivência das crianças no ambiente escolar e em outros ambientes, como na família.
- 2) A aplicação do método “educare” em conjunto com o conhecimento de que trata a cultura corporal, durante o espaço-tempo pedagógico das aulas de Educação Física escolar, será suficiente para melhorar o convívio dos estudantes, tanto entre si, como com relação às pessoas de outras esferas sociais (da família, por exemplo).
- 3) O conteúdo da Educação Física escolar será utilizado para gerar vivências, reflexões e novas ações conscientes acerca dos valores humanos, facilitando sua exteriorização nas crianças.
- 4) A autoconsciência das crianças em contato com a intervenção pedagógica proposta será ampliada, contribuindo na transformação dessas crianças em seres-humanos plenos.

O objetivo desse estudo é fazer apontamentos para uma sociedade humana mais equilibrada em suas relações sociais, sejam elas com a natureza, entre os seres humanos ou entre os sentidos e significados (as conexões subjetivas paradigmáticas que se comunicam através da cultura). Contribuir na (trans)formação dos estudantes, para que eles possam compreender os valores humanos propostos e passem a praticá-los em seu cotidiano, na convivência com seus semelhantes. Trata-se de tentar ampliar o nível de consciência dos participantes no sentido da compreensão da importância de um melhor convívio social: pacífico, cooperativo, amoroso, verdadeiro, coletivo.

Já os objetivos específicos, ou seja, os pormenores que deveremos percorrer para tentar encontrar resposta ao problema proposto são:

- Apontar a relação teórica entre o método “educare”, os conteúdos da Educação Física e a transformação social que se pretende
- Observar a realidade de convivência entre as crianças, anotando fatos que representem situações de indisciplina;

- Formular um planejamento pedagógico de intervenção a partir dos pressupostos apresentados;
- Aplicar o planejamento nas turmas selecionadas pelo recorte dessa pesquisa e observar a ocorrência de problemas de convivência;
- Avaliar os resultados obtidos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO, CULTURA E PARADIGMA: A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL QUE SE PRETENDE

A problemática que se pretende abordar nessa pesquisa é algo que deriva epistemologicamente dos conhecimentos sociológicos, filosóficos e educacionais com o qual eu tive contato em meus estudos. Em verdade, o problema identificado está nos valores morais que regem a organização social capitalista e nos reflexos institucionais desse mesmo conjunto de valores, em particular os reflexos na instituição educacional.

Mas que valores são esses? Qual a relação desses valores com a organização social capitalista? Quais são exatamente seus reflexos educacionais?

Responder a essas perguntas significa trazer o problema da pesquisa para uma situação palpável e passível de experimentação, algo necessário à condução de uma pesquisa que se pretende científica. Entretanto, antes de proceder às respostas, é importante expor que a abordagem exigida para esse estudo não pode ser contaminada pelos mesmos valores que vamos criticar, tratando-se de uma situação delicada que deve ser encarada com o máximo de clareza possível.

Sendo assim, a abordagem dessa pesquisa deverá considerar vários níveis: o nível ético – para estudar os valores morais -, o nível de arquitetura social – para estudar os problemas da organização social capitalista e seus reflexos institucionais – e o nível pedagógico – para estudar a influência desses valores e desse sistema social na instituição escolar, bem como tentar interferir ativamente nesse processo educacional.

Os valores morais que critico são os valores da competição, da crueldade, da ganância, da agressividade, da vontade de sobrepujar e submeter o outro ou a própria natureza às próprias vontades, em nome do poder, em nome do dinheiro, em nome do indivíduo perante o coletivo. São valores que manifestam um nível de consciência muito aquém do potencial de auto-consciência humano, valores que, em

verdade, manifestam exclusivamente o instinto humano, “o desejo”, algo que certamente está presente em nós – como bem denunciou Nietzsche, em toda sua obra, em especial na obra *Humano, demasiado humano* -, mas que deve ser controlado¹⁶ de modo a ser superado, em prol da expressão de níveis de consciência considerados mais amplos. O ser-humano pode aproveitar muito mais de seu potencial coletivo - praticando, por exemplo, uma natureza cooperativa, solidária – quando adquire autonomia para escolher entre seus desejos. O ser-humano, nesse momento, deixa de “ser escravo de si próprio” e passa a ser “senhor de si próprio”. O pior é que, no sistema capitalista, o desejo se relaciona diretamente ao acúmulo de bens materiais.

Esses valores compõem o que podemos chamar de paradigma. Ora, o paradigma é a forma com que o ser-humano lida com a experiência da vida, a sua forma pessoal de enxergar o mundo, influenciada pela cultura, pelo momento, mas que sem dúvida fará ele ser quem ele é, fazer o que faz, compreender o que compreende, e relacionar o que relaciona, enfim, um conhecimento que modula a interpretação dos fenômenos da realidade. Sua atuação biopsicossocial depende de seu entendimento com a vida e si próprio, depende de sua auto-consciência e de sua consciência acerca dos fenômenos que o rodeia¹⁷.

A relação social desses valores morais com a organização social capitalista é dialética – uma influencia a outra, ou seja, os valores morais ecoam na organização social e a organização social ecoa nos valores morais. São considerados aquém da potencialidade da consciência humana pois não objetivam ultrapassar a consciência além do ego, consciência esta que é pautada principalmente no “desejo”, no “apego às coisas materiais”, na “fetichização dos objetos”. Desse modo, a educação, que deveria ser colocada em serviço da formação coletiva de interesse mútuo, fica sendo utilizada como instrumento de formação de trabalhadores e consumidores que vão retroalimentando permanentemente o sistema capitalista e seus valores.

Para interferir nesse cenário complexo, faz-se necessário um esclarecimento conceitual, para que possamos atingir um entendimento sobre alguns conceitos chave desse trabalho, conceitos já considerados e ponderados sob diversos

¹⁶ Aqui é importante perceber a diferença que “controlar” os desejos não é o mesmo que “reprimilos”, mas sim adquirir autonomia para escolher entre eles (D’ALMEIDA, 2006, p. 5).

¹⁷ A esse respeito consultar: <http://www.consciencia.org/crise-ambiental-e-mudanca-de-paradigma-uma-possivel-solucao>.

aspectos nas ciências humanas, que são os conceitos de *paradigma*, *cultura* e *educação*, tentando também estabelecer um entendimento sobre como eles se inter-relacionam.

Paradigma deve ser aqui considerado como o filtro com que interpretamos os fenômenos e construímos nossos entendimentos acerca do viver. Trata-se de uma cosmovisão, que pode ser individual mas também coletiva. Tem muito a ver com as nossas convicções éticas, com o nosso nível de desenvolvimento moral, com o nosso aprimoramento humano. Um ser-humano de elevado nível de desenvolvimento moral é aquele que conhece e vivencia os valores humanos.

Cultura, deve ser considerada como sendo um grande ponto de contato entre opiniões e interpretações humanas dos fenômenos da realidade socialmente compartilhadas. É o grande conjunto de signos e significados criados pela humanidade através das suas inúmeras atividades. Humanas no sentido restritivo que isso impõe às outras espécies - porque somente o ser humano possui o nível necessário de consciência para estabelecimento de uma linguagem verbal, com conceitos, sentidos, ideias, utopias, que entram em debate e constituem a cultura¹⁸. Dessa maneira, a cultura é invocada como um campo comunicativo - estritamente humano -, uma verdadeira rede social sendo tecida pelos atores sociais, “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”¹⁹. O paradigma se relaciona com a cultura no sentido de complementaridade, visto que o paradigma é o filtro com o qual se olha e a cultura é a rede social na qual a cosmovisão individual é compartilhada coletivamente.

Já a *educação* deve ser entendida como o meio de transmissão e criação dos *paradigmas* e como campo de expressão e diálogo da *cultura*, sendo compreendida aqui como “situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender” (BRANDÃO, 1986, p. 14). Desse modo, a educação deve se preocupar em transmitir os valores que sejam favoráveis ao aprimoramento humano, que façam com que as crianças cheguem ao auge de seus potenciais, tanto corporais, como mentais e também espirituais – isso considerando uma perspectiva integral do ser-humano.

¹⁸ Conforme Bucke, 1982, p. 25. Ver citação direta mais adiante no texto.

¹⁹ Conceito de Edward B. Tylor, citado por Roque de Barros Laraia, 2006.

2.2 PARADIGMA ATUAL X PARADIGMA EMERGENTE: A TRANSDICCIPLINARIEDADE COMO RESPOSTA PEDAGÓGICA

O problema reside no fato de que o paradigma dominante e prevalecente durante o último século e ainda nos dias atuais - paradigma resultante, certamente, do impacto social da obra de pensadores como Descartes, Comte, Bacon, e, posteriormente, Marx, Nietzsche, Freud²⁰ – está ficando velho e antiquado face os desafios impostos à humanidade na contemporaneidade. Provas dessa crise paradigmática que assola a humanidade no presente não faltam, sendo manifestas em diversas crises como colocamos na Introdução da presente obra.

O processo de decadência das civilizações é enormemente complexo e suas raízes mergulham na mais absoluta escuridão. É claro que podemos encontrar, a posteriori, inúmeras explicações e racionalizações, sem conseguir contudo dissipar a ideia de que há algo de irracional atuando no próprio âmago desse processo. Os atores de uma civilização bem estabelecida, desde as grandes massas até os principais responsáveis pelas grandes decisões, mesmo que sejam mais ou menos conscientes desse processo de decadência, parecem impotentes para sustar a queda de sua civilização. Uma coisa é certa: *uma grande defasagem entre a mentalidade dos atores e as necessidades internas de desenvolvimento de um tipo de sociedade acompanha invariavelmente a queda de uma civilização*. Tudo ocorre como se os conhecimentos e os saberes que uma civilização incessantemente acumula não pudessem ser integrados no ser interior daqueles que compõem essa civilização. Ora, afinal de contas, é o ser humano que se encontra ou deveria encontrar-se no centro de toda civilização digna desse nome. (NICOLESCU, 2005, p. 1).

Mas a humanidade não está parada apenas observando e descrevendo os efeitos dessa crise. Existem fortes indícios que apontam para o surgimento de um novo paradigma, inovador e assentado em uma nova forma de encarar o universo: um paradigma emergente. Em verdade, a obra de físicos como Einstein, Max Planck, Niels Bohr – só para ficar nos mais básicos – alterou completamente a noção de realidade que tínhamos anteriormente. A mecânica quântica, por exemplo, mostrou que a realidade é muito mais dinâmica e passível de possibilidade absurdas do que imaginamos. A começar que não existe matéria, tudo é energia, sendo matéria um condensado de energia. Essa noção da realidade é o que podemos

²⁰ Sobre a influência desses autores consultar: <http://www.scribd.com/doc/22082432/Foucault-Michel-Nietzsche-Freud-e-Marx>.

chamar de paradigma holográfico, ou simplesmente um paradigma emergente face ao paradigma dominante nas ciências atuais.

Para expor melhor essa situação, invoca-se a obra *O ser quântico* (1990), da autora Danah Zohar, de onde é possível extrair a existência de dois estilos de gestão, baseados em dois paradigmas diferentes:

QUADRO 1 – Diferenças entre Paradigma Atual e Paradigma Emergente

Paradigma Atual	Paradigma Emergente
Certeza	Incerteza
Previsibilidade	Mudanças rápidas
Hierarquia	Redes não-hierárquicas
Divisão de trabalho e fragmentação de funções	Esforço integrado / holístico
O poder vem do centro ou do topo	O poder vem de vários centros
Empregados passivos	Empregados sócios
Uma maneira correta	Vários pontos de vista
Competição	Compartilhar
Controle burocrático	Estruturas flexíveis
Eficiência	Relacionamento
Operação de cima para baixo (reativa)	Operação de baixo para cima (experimental)
<p style="text-align: center;">Visão Dualista</p> <ul style="list-style-type: none"> • o átomo é indivisível; • objetos são sólidos; • o mundo físico é estável; • o universo é mecanicista; • existe causalidade e determinismo; • a relação sujeito versus objeto; • a realidade é percebida pelos sentidos; • a observação é indireta; • afirma a verdade absoluta da forma; • o conhecimento é fragmentado; • a consciência depende da estrutura cerebral fixa; • a relação básica é ou/ou 	<p style="text-align: center;">Visão Holográfica</p> <ul style="list-style-type: none"> • estruturas subatômicas; • impermanência da forma; • transformação constante; • probabilidades; • universo das incertezas e paradoxos; • inter-relação dos campos; • análise dos efeitos; • interação do observador; • correlação com a experiência; • o todo é maior que a soma das suas partes; • expansão da consciência e suas alterações; • relação com ambos: Ying e Yang

FONTE: ZOHAR, 1990.

A partir desse quadro, é possível perceber que os valores que compõem o paradigma atual dualista são justamente os valores morais que regem a sociedade capitalista e que está em crise. Considerando a percepção do espaço/tempo pedagógico no qual atuo cotidianamente como professor de Educação Física da Rede Municipal da Prefeitura de Curitiba, é possível afirmar que esses valores

possuem reflexos claros na educação, quando, por exemplo, somos obrigados a lidar com a fragmentação com a qual o conhecimento é organizado nas instituições de ensino. Talvez os “valores humanos” sejam o principal conteúdo educacional a ser transmitido, o conteúdo transdisciplinar por excelência.

A transdisciplinaridade, segundo Nicolescu, se refere “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objectivo é a compreensão do mundo presente.” (Nicolescu, p.51, 2001). O conteúdo dos “valores humanos” é justamente isso que está entre, através e além de todas as disciplinas, pois se trata do conteúdo mais básico de toda escola, seja ela onde for, pois é um conteúdo indispensável para adquirir a noção de “humanidade”, onde as pessoas adquirem o sentimento de espécie, se dão conta que somos todos iguais, com as mesmas dimensões humanas – corpo, mente e espírito. Entretanto, nesse processo também se dão conta de que o mundo presente é totalmente desigual, em que a riqueza é concentrada na mão de menos de 10% da população mundial. O importante é notar que, nesse cenário, aquela pessoa que possui noção de humanidade provavelmente agiria no sentido de tentar diminuir a desigualdade de condições de dignidade das pessoas no planeta, enquanto outra que não possui essa noção, tenderia a agir no sentido de sobrepujar os outros amealhando mais poder para si.

2.3 O MÉTODO “EDUCARE”: UMA EDUCAÇÃO HUMANISTA

O método que transmite os “valores humanos” escolhido para o presente estudo é o método “educare”. Esse método tem a intenção de ajudar as pessoas, através do conhecimento e prática dos “valores humanos”, a compreenderem si próprias (autoconhecimento), para que possam ter consciência de seu devir existencial e saberem se conectar no mundo que as rodeia através de relações harmoniosas, pacíficas, e que visam o bem-comum da espécie humana e da vida de todo o planeta (tornando os seres-humanos). Trata-se da formação do ser-humano integral, uma educação que pretende formar para a coletividade, formar através da

cooperação, da amizade; para uma cultura de paz, amor e não-violência; para o exercício do civismo e da cidadania; para o auto-conhecimento e para ajudar as pessoas a tornarem aquilo que são.

Também conhecido como “Programa Sathya Sai de Educação e Valores Humanos”, o método “educare” tem como propósito a formação do caráter. Não adianta a educação formal ser apenas uma transmissão de informações científicas se o indivíduo não pensar, agir e discursar de modo ético e universal – no sentido de agir de acordo com a luta pela vida digna da *espécie humana*, não só de si próprio -, através dos valores humanos. Como o próprio Sathya Sai Baba²¹ adverte: “a educação tradicional tem se ocupado em desenvolver o intelecto e as habilidades do homem, mas tem feito muito pouco para desenvolver suas boas qualidades. De que serve todo o conhecimento, se o indivíduo não adquiriu bom caráter?” (1999). O método “educare” trabalha com a criança cinco valores universais, ou seja, valores inerentes a todo ser humano desde quando nasce: Verdade, Ação Correta, Paz, Amor e Não-Violência, bem como seus valores relativos correspondentes.

Cada um dos cinco valores universais possui diversos conceitos. Poderíamos adotar aqui diferentes recortes e reconstruir a genealogia de cada um desses valores, o que seria uma obra louvável. Mas este aqui não é o espaço para tamanha ambição. Desse modo, recorreremos à autora Marilu Martinelli, que possui diversos títulos publicados sobre o programa de educação em valores humanos, para ilustrar o conceito que cada valor terá dentro desse estudo²². Para ilustrar o sentido de cada valor humano, cabe citar Sathya Sai Baba: “Verdade é aquilo que deve ser dito; Ação-Correta é aquilo que deve ser praticado; Paz é o que deve preencher a mente; Amor é o que deve se expandir dentro de nós e Não-Violência é o que devemos ser plenamente”²³.

O programa é, “de um lado um complemento paralelo às matérias

²¹ Sathya Sai Baba é um líder espiritual indiano, que nasceu em 23 de novembro de 1926, numa pequena vila no sul da Índia, chamada *Puttaparthi*, no estado de *Andhra Pradesh*. Ele residiu lá até sua morte, em 24 de abril de 2011, aos 85 anos, recebendo milhares de visitantes do mundo inteiro em sua comunidade espiritual (*ashram*), chamada *Prasanthi Nilayam*, que significa “Morada da Paz Suprema” (*pra*=suprema, *shanti*=paz, *nilayam*=morada). Considerado como *guru* (professor), *swami* (mestre) e até mesmo uma “presença divina” pelos seus devotos, possui um projeto social no qual assiste à população indiana com água, educação e saúde gratuitas.

²² Conforme MARTINELLI, 1996, p. 17 a 19.

²³ Conforme citado no link: <http://pensador.uol.com.br/frase/NzQwNzEz/>

acadêmicas, mas também deve estar presente permeando as matérias acadêmicas” (MARASLIS ET AL, [s.d.], p. 13). Eis as duas formas de aplicação do programa: indireta ou direta. No caso da presente pesquisa, registra-se a opção de trabalhar com o método indireto, isto é, incluir nas práticas lúdicas das aulas de Educação Física reflexões que tornem possível o conhecimento, a interiorização e a aplicação dos valores humanos na própria vida.

Mas como esse método educacional pode contribuir na mudança de comportamento dos estudantes? Quais são as provas de que ele realmente é eficaz para o objetivo dessa pesquisa? Eis o que se encontra no *Manual para Professores* do método “educare”²⁴:

Através do Programa, os estudantes passam, em muitos casos, de indisciplinados, desrespeitadores das normas e dos professores, barulhentos, rebeldes e insubordinados, para disciplinados, estudiosos e tranqüilos, respeitadores dos professores, pais e idosos, amistosos e bem-humorados, donos de ações que enobrecem. Passam a executar serviços voluntários para a escola e para a sociedade. Seu caráter se modifica ou se aprofunda, sua dignidade floresce; sua excelência acadêmica cresce em paralelo e passa a ser real (Idem, [s.d.], p. 15).

A opção por promover os valores humanos a partir do método “educare” se dá pela percepção, ainda na contemplação do quadro das linhas de desenvolvimento psicológicas exposto na Introdução da presente obra, de que os últimos níveis são geralmente níveis considerados “espirituais”. A necessidade maior do ser-humano, segundo Maslow, é a “transcendência de si mesmo”; a visão de mundo mais elevada, para Gebser, é também a “transcendência de si mesmo”; os últimos níveis da linha cognitiva formulada por Wilber a partir de Commons & Richards/Piaget/Aurobindo, possuem conceitos incríveis, como Baixa Visão-Lógica (paradigmática), Alta Visão-Lógica (mente global, mundicêntrico), mente intuitiva, mente iluminada, mente transcendental e, no nível de pura luz, a supermente (2008, p. 112/3). O método “educare” preocupa-se em fornecer uma base de conhecimentos “espirituais” para os estudantes, que é justamente o diferencial que faz o ser-humano avançar nos níveis de desenvolvimento humano descritos na obra de Wilber. Desse modo, a opção por esse método é por afinidade entre o que se

²⁴ O termo *educare* é a origem, em latim, do termo Educação. Formada pelo prefixo “ex” (para fora) e pelo radical “ducere” (levar, conduzir), o termo “tem o sentido de fazer emergir aquilo que está dentro” (continuação) (MARASLIS ET AL, [s.d.], p. 16). Isso quer dizer que o PSSEVH rompe com alguns métodos tradicionais de educação, nos quais o estudante é apenas um depósito de informações e conteúdos vindos de fora para dentro.

pretende – o aprimoramento humano – e o método mais adequado para isso – que são as técnicas holísticas e integrais propostas pelo método “educare”.

As metas do método “educare” podem ser resumidas nos seguintes tópicos, propostos pela autora Marilu Martinelli (1996, p. 52):

- Conduzir os alunos ao caminho do autoconhecimento e auto-realização através do desenvolvimento integral da personalidade e da espiritualidade, independentemente de religião ou credo;
- Fomentar o espírito de equipe, a criatividade, o respeito às diferenças, assim como reverência e amor pelos homens e pela natureza;
- Conscientizar os alunos das suas capacidades e estimulá-los a empregar seus talentos a serviço da comunidade;
- Livrar os alunos do medo e da culpa impostos culturalmente, mostrando que a felicidade é o estado natural do ser-humano. Que o poder está na lisura do caráter e no autoconhecimento e não no acúmulo de dinheiro e coisas materiais. Demonstrar que o progresso do homem é seu auto-aprimoramento e que esse aperfeiçoamento traz o progresso social;
- Cultivar os valores humanos e espirituais e os bons costumes e a compreensão do homem como ser cósmico;
- Despertar nos alunos a consciência de que eles serão as lideranças que estabelecerão os moldes da sociedade futura;
- Demonstrar que a educação secular e a educação espiritual são complementares. Educação espiritual não é doutrinação ou catequese, pois corresponde ao desejo essencial do ser humano de experienciar o sagrado sem priorizar nenhuma forma de culto ou religião;
- Vivenciar o amor como pilar de sustentação da grande fraternidade humana, e a paz como valorização da vida.

Historicamente esse é um método educacional elaborado “na década de 60 por um grupo de educadores composto por psicólogos, pedagogos e professores que conheciam os ensinamentos de ordem espiritual e educacional de Sathya Sai Baba” (Idem, [s.d]), p. 13). Inicialmente, o Programa passou a ser aplicado nas escolas gratuitas criadas por Sai Baba. A partir de 1973, o método passou a ser aplicado mais amplamente, tendo sido oficializado pelo governo da Índia em 1978,

como diretriz pedagógica nas escolas públicas desse país.

Em outros países (Zâmbia, Tailândia, Malásia, África do Sul, Venezuela, Espanha, Argentina, Colômbia, Itália, Estados Unidos, México, Austrália, etc), o PSSEVH vem sendo introduzido em escolas públicas e particulares. No Brasil, o Programa vem sendo divulgado desde o início da década de 90 a professores, diretores e coordenadores pedagógicos e atualmente é aplicado em cinco Escolas Sathya Sai do Brasil e em escolas e creches públicas e particulares em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia, Niterói, Recife, Fortaleza, Uberaba, Uberlândia, Ribeirão Preto, Belo Horizonte e várias outras cidades (Idem, [s.d.], p. 13).

É possível observar, desse modo, que a abrangência da aplicação do método “educare” pelo mundo todo apenas enriquece o valor desse método educacional, uma vez visto que é aceito nas mais diversas culturas, nas mais diversas realidades sociais e materiais, simplesmente porque se fundamenta em valores universais do ser-humano. Trata-se de dar o sentido da autotransformação na educação, uma transformação de pequeno ser instintivo – sim, quanto menores somos, maior é a prevalência de atitudes instintivas – em ser-humano autoconsciente.

Quem descreve com maestria esse processo autotransformador é o autor Richard Bucke. Ele compara os animais e os seres-humanos a partir de níveis de evolução da consciência, uma evolução biológica.

Sabemos que o cachorro vê e ouve, cheira e prova; sabemos que possui inteligência, pois adapta os meios ao fim, e que raciocina. Caso fosse autoconsciente, nós o saberíamos há muito tempo. E se não sabemos é porque nenhum cachorro, cavalo ou elefante jamais teve autoconsciência. Ainda há mais: na autoconsciência do homem está armazenado tudo o que não é humano. A linguagem está para o objetivo assim como a autoconsciência está para o subjetivo. Autoconsciência e linguagem [...] são condições *sine qua nom* para a vida humana social: os costumes, instituições, indústrias de toda a espécie, todos os tipos de arte. Se algum animal possuísse autoconsciência, certamente construiria sobre essa faculdade mestra, tal como o fez o homem uma superestrutura de linguagem, com hábitos racionais, indústrias, e arte. Mas nenhum animal o fez, donde podemos concluir que nenhum animal tem autoconsciência (BUCKE, 1982, p. 25).

Sendo assim, contribuir na autotransformação humana é alimentar a autoconsciência, ou seja, o conhecer a si próprio para tornar-se quem se é. Tendo em conta que “os valores humanos são inerentes a cada indivíduo, de modo que seu desenvolvimento, na verdade, é um aspecto de um processo de autoconhecimento” (MARASLIS ET AL, [s.d.], p. 14), então parece óbvio que educar através dos valores humanos é contribuir na alimentação da autoconsciência e na potencialização das capacidades humanas de cada criança. Essa é, sem dúvida, uma educação

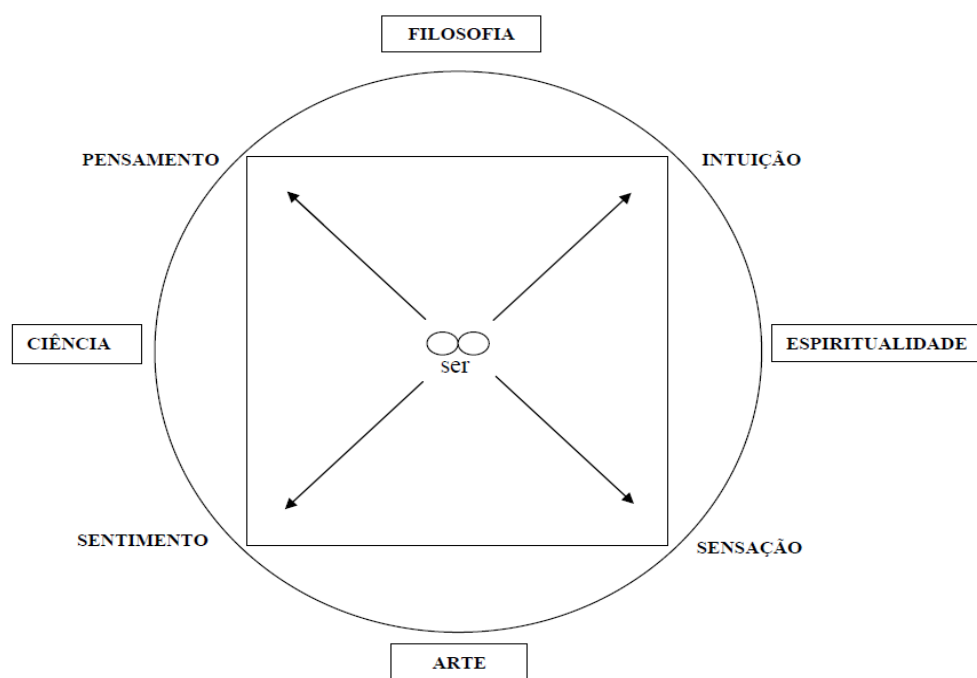
“humanista”.

2.4 ALGUMAS PERSPECTIVAS DE SER-HUMANO E O MÉTODO “EDUCARE”

Mas quais são as capacidades humanas de cada criança? Aqui é necessário invocar a perspectiva de ser-humano que é definida pelo paradigma emergente – pois coaduna melhor aos interesses desse estudo, como já explicado. Invocamos, então, algumas perspectivas de ser-humano: a perspectiva “holística”, a perspectiva “integral”, a perspectiva das “múltiplas inteligências” e a perspectiva dos “tipos de inteligência”.

A perspectiva “holística” é o “lugar de encontro entre tudo o que a fantasia da separatividade dividiu de maneira artificial” (WEILL, 1990, p. 37). No plano individual, ocorreu a fragmentação da psique em quatro funções descritas por C. G. Jung: sensação, sentimento, razão e intuição. No plano epistemológico, houve o reflexo da fragmentação da psique, dando origem a quatro tipos de conhecimento que outrora constituía a Tradição: a arte, a religião, a ciência e a filosofia (ver fig. 1), “consideradas, na tradição simbólica do Ocidente, como os quatro lados da pirâmide” (Idem, p. 38).

FIGURA 1 – Fragmentação da Psique e do Conhecimento

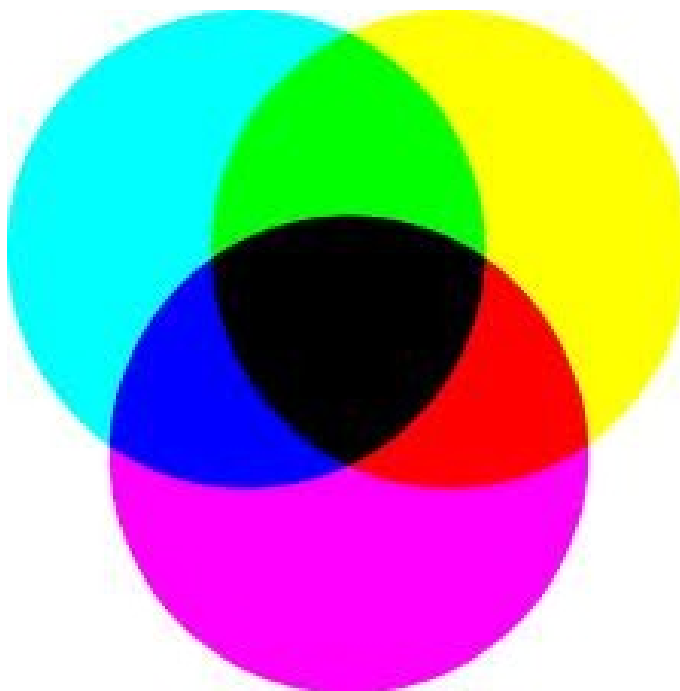


Desse modo, o papel principal do enfoque “holístico” é superar a fragmentação da psique, através das terapias ocidentais e orientais, bem como agrupar as quatro partes do conhecimento através da “transdisciplinaridade”, nos moldes de Niculescu.

Assim, podemos considerar como abordagem holística tudo o que tende a lançar pontes entre as fronteiras criadas no espírito do homem pela sua própria mente, deformada por um excesso de desenvolvimento do racionalismo e da razão, em detrimento das três outras funções, excesso que nos levou a um reducionismo científico, o qual vem dominando progressivamente a filosofia, a arte e mesmo a religião. (WEILL, 1990, p. 39).

A perspectiva “integral” também compreende o ser-humano como a união de diversas dimensões (ver fig. 2): o corpo (aspecto físico, em azul), a mente ou intelecto (aspecto mental, em rosa), as emoções ou afetividades (aspecto emocional, em amarelo) e, do conjunto das outras três dimensões, a alma (aspecto espiritual, em preto, no centro da figura).

FIGURA 2 – As dimensões do ser-humano Integral



“Esses três círculos entrelaçados simbolizam ego periférico da natureza humana, sendo que cada uma dessas áreas se sobrepõe parcialmente a seus vizinhos, indicando as influências recíprocas da mente, das emoções e do corpo” (ROHDEN, 1998, p. 11). A parte central dos três círculos, aqui em nossa figura representada pela cor preta, simboliza a alma, o “Eu” divino do homem. “Este centro é a base de cada um dos círculos coloridos, assim como o “Eu” central é a fonte de todos os egos periféricos. Tudo o que o homem sente, pensa e quer tem sua origem na alma [...]”, assim como tudo o que afeta seus egos periféricos se reflete no “Eu” central (Ibidem).

Na perspectiva das “múltiplas inteligências”, o psicólogo americano Howard Gardner aponta para um conjunto de 8 tipos de inteligência latentes no ser-humano: lógico-matemática, linguística, musical, espacial, corporal-cinestésica, intrapessoal, interpessoal e naturalista. Ele aponta ainda para o que seria um 9º tipo de inteligência, a inteligência existencial, entretanto, o psicólogo de Harvard pondera: “o fenômeno é suficientemente desconcertante e a distância das outras inteligências suficientemente grande para ditar prudência - pelo menos por ora”.

No entendimento de Gardner, as inteligências não são objetos que possam ser quantificados, desse modo, ele não propôs nenhum método que possa

quantificá-las. Entretanto, alguns pesquisadores buscam medir as inteligências através de questionários, e os resultados mais comuns dessas pesquisas é que as pessoas tenham uma inteligência superior às outras, a maior parte em nível médio, e uma ou duas mais fracas²⁵.

A autora Danah Zohar, já citada na presente pesquisa, em sua obra *SQ: Connecting with our Spiritual Intelligence* (2000), expõe ainda uma outra perspectiva de ser-humano, colocando três tipos de inteligência principais: a inteligência intelectual, a inteligência emocional e a inteligência espiritual.

O primeiro tipo de inteligência foi a grande tendência de estudo do início do século passado: trata-se da intelectualidade ou da razão usada na solução de problemas lógicos ou estratégicos. Modelos de analisar e medir esse tipo de inteligência ficaram conhecidos como os famosos testes de QI (quociente de intelectualidade). A teoria apontava que quanto maior fosse o QI da pessoa, maior seria sua inteligência.

O segundo tipo de inteligência, apontado por Daniel Goleman, em meados da década de 90, trata-se de uma consciência dos nossos sentimentos e também dos sentimentos de outras pessoas. A inteligência emocional nos dá “empatia, compaixão, motivação e a habilidade de responder apropriadamente à dor e ao prazer” (ZOHAR, 2000, p. 3). Goleman enfatizou que um mau funcionamento da inteligência emocional afeta também o funcionamento da inteligência intelectual: se as áreas do cérebro responsáveis pelo “sentir” estão danificadas, então nós “pensaremos” com menos eficiência.

E o terceiro tipo de inteligência, proposto por Danah Zohar, trata-se da capacidade que nos permite: endereçar e resolver problemas de significado e valor; colocar nossas ações, pensamentos e experiências de vida em outro contexto, mais amplo e rico; perceber que um caminho de vida é mais significativo do que outro. Mas o que seria o “espírito”? Na obra de Zohar, ela cita o conceito dado pelo dicionário Webster: “o princípio anímico ou vital; que dá vida ao organismo físico em contraste com seus elementos materiais; o sopro da vida”. A autora, assim como Goleman, afirma que os outros tipos de inteligência não vão funcionar adequadamente se a nossa inteligência espiritual não estiver devidamente ajustada.

²⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%A2ncias_m%C3%BAltiplas

E assim como Richard Bucke, afirma diferenças de complexidade existentes entre os seres: “ao contrário do QI, que até os computadores têm, e QE, presente nos mamíferos superiores, QS é unicamente humano e, os autores argumentam, o mais fundamental dos três”²⁶.

A exposição dessas quatro teorias acerca do funcionamento humano, das dimensões que compõem um humano, nos ajudam, sem dúvida alguma, em nosso projeto pedagógico, na medida em que mostram que o ser-humano é uma essência vital composto por diversas dimensões e habilidades. Repare que, em verdade, as teorias se sobrepõem umas às outras. Um exemplo disso é entendermos a “inteligência emocional” de Goleman como uma soma das inteligências “interpessoal e intrapessoal” de Gardner. Outro exemplo é compreender a “inteligência espiritual”, proposta por Zohar, como a “alma” ou o “Eu divino no homem” de Rohden, operando através da intuição, colocada por Jung. Fica claro então, que o ser-humano é:

Uma essência vital composta por dimensões (corpo, mente, alma), por inteligências (intelectual, emocional e espiritual e suas subdivisões, as inteligências múltiplas) e por instrumentos de navegação (intuição, sentimento, pensamento e sensação), influenciados pelos tipos de conhecimento (arte, ciência, filosofia e espiritualidade).

É importante ressaltar que esse entendimento de ser-humano é o entendimento que consta no método “educare”. Esse método, como já dito anteriormente, pode ser classificado como uma teoria educacional “humanista”, “pois tem por base a ideia do homem como manifestação do universo, sendo faculdades reconhecidas dele o corpo, a mente, o intelecto e a razão” (MARTINELLI, 1996, p. 53).

As técnicas de ensino do método “educare” levam em conta os níveis de personalidade: nível físico, nível emocional, nível intelectual, nível intuitivo e nível espiritual. Todos esses aspectos da existência humana possuem sua importância e devem ser desenvolvidos simultaneamente com equilíbrio.

O Programa de Educação em Valores Humanos [o que estamos chamando de método “educare”, nessa pesquisa] contribui para um aprofundamento do humanismo, fazendo crescer o conhecimento intuitivo espiritual, cultivando o homem psíquico-espiritual, permitindo a transcendência da razão e a

²⁶ http://dzohar.com/www2/?page_id=118

estruturação do caráter pelo desenvolvimento integral da personalidade. O progresso verdadeiro passa pela elevação moral e espiritual do ser-humano. O escopo da Educação em Valores Humanos não é a demolição das conquistas na área da educação, mas a reconstrução dos princípios primordiais da educação. Combinar a ação no mundo material com o anseio legítimo da busca espiritual facilita a transformação dos valores seculares em valores espirituais, propiciando a aquisição do conhecimento integrado e a auto-realização, redefinindo o propósito da vida (Ibidem).

2.5 “EDUCARE” E “CULTURA CORPORAL”

Como esse conhecimento acerca dos valores e das técnicas do método “educare” se relaciona com o conhecimento de que trata a Educação Física escolar? Ora, aqui a idéia é fazer dos conteúdos específicos da área da EDF meios para vivência e reflexão dos valores humanos. É claro que seu trato será no sentido de transmitir a “cultura corporal”, conteúdo essencial da área, entretanto, é importante frisar que o fim educacional aqui proposto não é apenas a vivência e compreensão do conteúdo específico, mas também a compreensão dos valores humanos vivenciados com a prática da cultura corporal e sua importância para a (trans)formação do caráter egocêntrico num caráter etnocêntrico e, finalmente, mundicêntrico.

As técnicas do “educare” envolvem vários elementos da dimensão humana (física, emocional, mental e psíquica-espiritual), integrando o conhecimento a partir de técnicas pedagógicas (harmonizações, citações, narrativas, atividades em grupo, tarefas de seguimento, silêncio e interiorização) que são alimentadas por diversos elementos culturais (conteúdos da Educação Física e de outras áreas do conhecimento, filmes, histórias, contos, fábulas, parábolas, movimentos sociais, obras de arte, poesias, meio virtual, livros, etc). Essas técnicas visam promover o maior número de ferramentas pedagógicas de modo a propiciar o aprendizado por parte das crianças. O professor, a professora, devem estar sempre em busca de conectar pensamentos, temas, de diversas maneiras, criando uma espécie de *hipertexto*, onde o conteúdo está conectado com diversas manifestações culturais. É tentando explorar essa linguagem que faremos o planejamento das aulas para a intervenção pedagógica a ser proposta aqui nesse trabalho. Em outra palavras, “as

práticas corporais, a contextualização teórica e os princípios de valores e atitudes, são trabalhados de forma integrada, tendo momentos que enfatizam uma ou outra dimensão” (BREGOLATO, 2005, p. 23).

Mas para isso será necessário superar o conteúdo esportivo e a associação deste com a competição, valor predominante do sistema capitalista e de tudo aquilo que aqui nessa obra se quer superar. A EDF e os esportes, enquanto área de conhecimento a ser transmitido na escola,

Utiliza-se de um discurso e de uma prática que são antagônicos aos objetivos de uma educação humanista. [...] No discurso aparecem aspectos como confraternização, respeito, prazer, alegria, divertimento e a educação, como valores desenvolvidos em aulas de educação física ou mesmo nas atividades esportivas, frases como: “o esporte educa, pois ensina a criança a conviver com vitória e derrota, a respeitar as regras do jogo, a vencer através do seu esforço pessoal, a competir, a respeitar a autoridade, etc.”²⁷, vão quase sempre no sentido de valorizar as regras de uma sociedade capitalista onde o foco central não é o ser humano (TEN CATEN, 2004, p.81).

A opinião desta autora vai ao encontro da opinião exposta por Correia (2010), que considera que, a EDF, “embora tenha avançado teoricamente para superar os modelos competitivista e tecnicista no exercício do cotidiano escolar, ainda reproduz a competitividade do esporte formal” (p. 11).

Em verdade, “os termos esporte, jogo e competição envolvem muitas controvérsias e polêmicas na área da EDF” (Brotto, 1999; Lovisolo, 2001; Bracht, 2000; Correia, 2010). Para entender melhor essas polêmicas, faz-se necessário olhar para a História, mais especificamente para a história do esporte, de modo a “determinar o marco de sua institucionalização e de sua universalização [...], para entender a expressividade alcançada pelo esporte e o processo de esportivização que sofreu a EDF escolar” (CORREIA, 2010, p. 26).

O início da evolução do esporte no mundo moderno se dá a partir da ação de duas pessoas: Thomas Arnold (1795-1842) – que introduziu e regulamentou nas escolas públicas da Inglaterra vários jogos populares, como o futebol, que na época eram considerados ilegais e muitas vezes proibidos -; e Pierre de Coubertain (1863-1937) - que realizou o resgate dos jogos olímpicos (Correia, 2010; Tubino, 1987; Betti, 1991). A Inglaterra se transforma, desse modo, na primeira nação a introduzir o conteúdo do esporte como meio de educação, “destinando boa parte do tempo

²⁷ Ver mais sobre o assunto em Bracht (1997) “Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução”.

escolar aos jogos e esportes” (Betti, 1991; Correia, 2010). O objetivo de tal educação através do esporte era oferecer prazer para os praticantes, além de proporcionar uma formação moral, visando o desenvolvimento de capacidades como “autocontrole, liderança, autodisciplina, lealdade e cooperação, consideradas necessárias para o desenvolvimento do império britânico” (CORREIA, 2010, p. 27).

Naquela época, em plena revolução industrial, a Inglaterra precisava de homens fortes, empreendedores e habilidosos, para assumir as regras do jogo capitalista. Desse modo, o sistema de educação através do esporte casou perfeitamente com as ambições liberais britânicas. “Esse modelo se propagou e se universalizou pela Europa e por outros países. Foi o início de uma associação perfeita para promover a competitividade capitalista na educação e na educação física escolar” (Ibidem).

O francês Pierre de Coubertain, de olho no progresso que o império britânico teve a partir da implantação do esporte como meio educacional, inspirou-se para realizar os primeiros jogos olímpicos da era moderna, em 1896 (Tubino, 1987; Betti, 1991; Correia, 2010). O Barão – título que o francês ostentava -, acreditava que por intermédio do esporte e dos jogos olímpicos pudesse promover a paz, unir nações, mas conservando o amadorismo do esporte. Até aqui tudo parecia estar correndo no sentido de valorização de uma tábua de valores humanos.

Ledo engano. Com a adesão de diversos países do mundo, os jogos olímpicos se tornaram um movimento de tanta visibilidade que facilmente começou a se corromper. “Interesses políticos, nacionalistas, econômicos e dos veículos de comunicação de massa entram em jogo e o esporte passou a ser administrado pelo Estado (Betti, 1991; Bracht, 2003; Correia, 2010).

Existiram outros movimentos resistentes ao esporte, como um movimento ginástico iniciado pela classe trabalhadora alemã. Esse movimento procurava recusar as práticas esportivas, consideradas burguesas, de modo a priorizar a ludicidade e evitar enfatizar os princípios da competição e do rendimento (Bracht, 2003; Correia, 2010). Entretanto, esse movimento acabou se institucionalizando, em associações, clubes e sociedades, sendo, dessa maneira, absorvida para dentro do sistema capitalista. “Sem resistência, baseado em concepções darwinistas de que vençam os mais fortes e incorporando princípios capitalistas, como o do rendimento,

o bem-sucedido modelo esportivo das escolas inglesas tornou-se hegemônico” (Betti, 1991; Bracht, 2003; Correia, 2010).

Essa concepção de esporte-rendimento cada vez mais vem absorvendo, formalizando, regulamentando as práticas corporais populares. Bracht (2003) exemplifica com a dança, que foi anunciada como modalidade olímpica no ano 2000, em Sidney. Huizinga (2010) critica a associação das práticas corporais populares com o esporte, “porque isso atrofia a ludicidade, a espontaneidade e a despreocupação, impedindo a evolução da capacidade cultural e criadoras dessas práticas” (CORREIA, 2010, p. 28). Desse modo, um rompimento do esporte e da EDF com a ética do capitalismo competitivo se faz necessária, para que seja possível readequar o esporte enquanto instrumento que atue em prol do conhecimento relacionado ao “aprender a conviver” e “aprender a ser”, em prol daquilo que quiseram Thomas Arnold e Pierre de Coubertain ao resgatarem o esporte.

Esse rompimento exige também um outro rompimento, mas um rompimento mais amplo, pois trata-se da tábua de valores da velha ética judaico-cristã, que determinou a estrutura da ética ocidental até a época moderna. Não quero aqui invocar Nietzsche, o grande denunciador dos malefícios da ética judaico-cristã, mas apenas ressaltar que:

A sua ineficiência (da ética judaico-cristã) hoje, é a consequência de uma catástrofe, na qual forças contrárias se tornaram atuantes, encarnada por qualquer forma de medo ante a incerteza. Este a aproximação descontrolada dos limites de crescimento e o aumento gradativo da destruição do mundo, desmoronou a certeza de um progresso histórico voltado para valores, que significou mais do que a cessação da esperança. O homem do nosso tempo encontra-se numa situação calamitosa, de só ter a contrapor à destruição consciente dos valores pelo mal em geral, uma ética que já perdeu a sua eficiência anímica (WOSIEN, 2006, p. 135).

A experiência humana não se traduz como a luta contra o mal, como prega a ética em questão, mas sim, “no máximo, é a luta contra a decadência pelo mal que movimenta o homem de hoje.” (Ibidem). Desde o momento em que a escuridão cegou sua visão de mundo, “o ser-humano moderno tornou-se tão cético e inseguro quanto a seus valores, que não mais é capaz de se sentir como um guerreiro contra o mal e pelo bem” (Ibidem). Trata-se, justamente, da crise de consciência a qual se

refere Krishnamurti (citada na Introdução da presente obra).

Ora, essa dupla constatação – 1) de que a EDF reproduz os valores capitalistas/competitivos através, principalmente, da prática do esporte na escola; 2) de que a ética judaico-cristã já não dá mais conta de sustentar seus valores na sociedade atual, pois encontra-se em estado de ceticismo - exige uma resposta prática-pedagógica dos professores e professoras, de modo geral, e de EDF, especificamente, com o sentido da superação desta reprodução do capitalismo através da competição no esporte e para que a ética dos valores seja retomada a partir de uma nova tábua de valores - uma tábua de valores para além da religiosidade dogmática que fez prevalecer o poder da instituição Igreja Católica durante séculos, mas que não deixe de abarcar a dimensão espiritual do ser-humano -, tornando possível a dinamização do ser-humano de uma maneira integral.

Com relação à competição, podemos dizer que ela não é boa nem ruim, mas que se constitui como a negação do outro, o que se percebe nas emoções envolvidas em competições esportivas, onde não existe uma boa convivência, pois a vitória surge na derrota do outro. Mas, não foi a competição esportiva que criou a negação do outro, e sim as regras sociais. Portanto, a competição não é totalmente ruim, mas, pelos princípios nela envolvida, como a eliminação/negação do outro/adversário, passa a ser anti-humanista (TEN CATEN, 2004, p. 82).

Desse modo, o esporte não deve ser descartado, enquanto conteúdo, mas sim abordado de outra maneira, uma maneira crítica, fazendo com que as pessoas consigam perceber o jogos de forças e de poder que acontece em torno desse fenômeno social e consigam perceber a dimensão cooperativa e de convivência proporcionada pelo esporte. “Quer dizer que não precisamos eliminar o jogo, o esporte e outras atividades, mas ao contrário, buscar através do jogo a aceitação do outro como legítimo outro”²⁸ (Ibidem).

Já com relação à ética judaico-cristã, pode-se afirmar que também não deve ser completamente abandonada, mas sim estudada em conjunto com outras tábuas de valores propostas por outras tradições religiosas²⁹, de modo a despertar o ser-humano para sua dimensão espiritual, dimensão esta que conduzirá o ser-humano ao autoconhecimento e à superação do seu ego, pois possibilita a expansão do

²⁸ Ver Maturana (2002, p. 21-22).

²⁹ Sathya Sai Baba, o líder espiritual indiano, apresenta o símbolo *Sarva-Dharma*, desenho que representa a união de todas as tradições religiosas através dos cinco Valores Humanos propostos no método “educare”.

entendimento da experiência da vida humana.

Considerando-se esses apontamentos, cabe então perguntar, finalmente: quais conteúdos específicos da “cultura corporal” casam com os interesses “humanistas”, ou seja, com a ética dos valores humanos? Responder essa questão é tentar perceber quais conteúdos da “cultura corporal” se mostram mais férteis para o aprimoramento integral do ser-humano, para a conscientização, num primeiro grau, da importância da prática dos valores humanos na vida cotidiana, conscientização esta que visa contribuir para o despertar daquilo que pode ser chamado de consciência coletiva, ou nível de consciência coletiva. E para isso é necessário, nesse momento, o esclarecimento do método desta pesquisa.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para dar conta dessa proposta, é necessária a criação de condições reais de intervenção pedagógica. Desse modo, será selecionado um recorte no qual a pesquisa será operada. Como o foco é a transformação social, nada melhor do que realizar o trabalho na base da formação da sociedade, que é a educação da criança (6 a 10 anos). A partir do referencial teórico do Programa Sathya Sai de Educação e Valores Humanos – o método *educare* – e dos conteúdos práticos que transpassam a Educação Física enquanto área pedagógica do conhecimento escolar – a cultura corporal – pretende-se abordar os valores humanos em grupos particularmente agressivos, ansiosos, ou, numa categoria de análise mais ampla, grupos com problemas de convivência entre seus membros. É importante enfatizar que aqui, a ideia de que um ambiente tumultuado demais durante a aula é prejudicial para o aprendizado das crianças, está presente. A pesquisa será executada em 7 turmas de estudantes (uma de 1º ano, 2º ano, 4º ano e 5º ano, duas de 3º ano e uma Classe Especial³⁰) na escola municipal Santa Ana Mestra, na cidade de Curitiba, totalizando 175 crianças matriculadas nessas turmas.

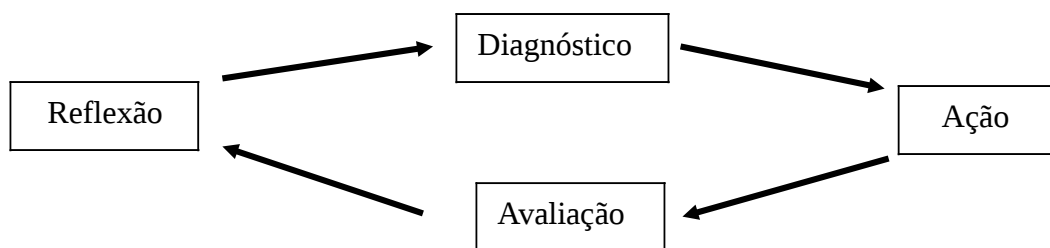
A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa aplicada qualitativa, ou seja:

Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos e considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (SILVA & MENEZES, 2001, p. 20).

Em consonância com a classificação da pesquisa, adotar-se-á o instrumento metodológico da pesquisa-ação. Esse instrumento visa produzir compreensão sobre o fenômeno em estudo, através da pesquisa, e mudanças, através da ação. As etapas desse método de pesquisa podem ser explicadas através do seguinte esquema:

³⁰ A Classe Especial é composta por crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, detectadas por instrumento específico da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Curitiba.

FIGURA 3 – Etapas da Pesquisa-Ação



No diagnóstico pretende-se identificar que tipos de condutas e comportamentos por parte dos estudantes, durante as aulas de Educação Física, contribuem para o aparecimento de problemas de convivência entre os estudantes. Para isso, serão registradas as ocorrências de atitudes agressivas e desrespeitadoras por parte dos estudantes, através da interpretação dos fatos por parte do pesquisador. Nesta etapa será realizado, também, um levantamento acerca do conhecimento prévio dos estudantes acerca dos conteúdos conceituais que se pretende utilizar para planejamento das aulas.

A ação subdivide-se em duas etapas: planejamento da ação e a ação propriamente dita. Na presente pesquisa, o planejamento da ação será a elaboração de sequências pedagógicas para as aulas de Educação Física, envolvendo os quadros de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais expostos em anexo. A ação propriamente dita será a aplicação das sequências pedagógicas planejadas nas turmas escolhidas.

Os instrumentos de coleta de dados escolhidos para essas duas primeiras etapas da pesquisa serão a observação do cotidiano escolar, ou seja, a observação do comportamento dos estudantes durante as atividades propostas e eventuais modificações em suas condutas e questionários sobre os conteúdos trabalhados na ação. As observações serão anotadas em pautas de observação, diários de classe e notas feitas durante as aulas, conforme critérios que serão estabelecidos nas etapas do diagnóstico e do planejamento da pesquisa-ação.

Na avaliação pretende-se apreciar o processo ensino-aprendizagem ocorrido durante a ação, os resultados alcançados e a aprendizagem teórico-prática por parte dos estudantes. Estes serão avaliados, mas também avaliarão seus colegas, por meio de questionários que visem a reflexão crítica sobre as próprias atitudes e as atitudes dos colegas, num comparativo entre o “antes” e o “depois” da ação

pedagógica.

Para medir se houve aprimoramento no que tange o “aprender a conviver” e o “aprender a ser”, utilizaremos o instrumento do questionário para avaliar o julgamento moral das crianças. Esse instrumento será aplicado propondo-se dois “dilemas morais” às turmas de crianças supostamente mais maduras (4º e 5º anos): um relacionado à vida esportiva – proposto por ROMANCE (1984), BREDEMEIER e SHIELDS (1986), apud VIEIRA (1993), conforme anexo 1 -; e outro relacionado à vida diária - proposto por KOHLBERG (1958) apud BIAGIO E BARRETO (1991), conforme anexo 2.

O dilema moral da vida esportiva será aplicado primeiro, antes da ação pedagógica da etapa anterior, de modo a estabelecer um escore de partida para o desenvolvimento moral das crianças. Ele será aplicado primeiro por possuir mais afinidade com a matéria trabalhada na presente pesquisa, no caso, a Educação Física. Após a ação pedagógica, será aplicado o dilema moral da vida diária, de modo a verificar se houve alteração no nível de desenvolvimento moral das crianças estabelecido pelo primeiro dilema moral.

O tratamento de dados dessa etapa da pesquisa será conforme o referencial da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg, segundo BIAGIO (2002). Nesse referencial encontramos 3 níveis de desenvolvimento moral, sendo que cada nível subdivide-se em 2 estágios, totalizando 6 estágios:

QUADRO 2 – Níveis e estágios de desenvolvimento moral

NÍVEL	ESTÁGIO
PRÉ-CONVENCIONAL	Orientação para punição e obediência
	Hedonismo instrumental relativista
CONVENCIONAL	Moralidade do bom garoto, de aprovação social e relações interpessoais
	Orientação para a lei e a ordem
PÓS-CONVENCIONAL	Orientação para o contrato social
	Princípios universais de consciência

FONTE: BIAGGIO, 2002.

Cada resposta dada pelas crianças será categorizada conforme um dos estágios do quadro exposto. Em seguida, será feita a média aritmética simples entre

os estágios de todas as respostas, resultando num coeficiente de desenvolvimento moral. É esse coeficiente que será levado em consideração para avaliação dos resultados dessa etapa da pesquisa.

É importante notar que teoria de Kohlberg “é estrutural, e os estágios refletem maneiras de raciocinar e não conteúdos morais. Assim, uma pessoa pode ser classificada em qualquer um dos estágios, tanto dizendo que se deve roubar o remédio, como dizendo que não se deve. O importante é a justificativa dada pela pessoa para sua decisão [grifo da autora] (BIAGGIO, 2002, p. 30).

Por fim, na reflexão, pretende-se pensar a respeito de todo o processo estabelecido pela pesquisa, em conjunto com os estudantes, de modo a apontar possíveis melhorias para futuras intervenções. Os instrumentos utilizados para cumprir essa etapa da pesquisa serão: rodas de conversa com as crianças, debates dos valores humanos trabalhados, questionários direcionados à pensar sobre os conteúdos da “cultura corporal” e dos “valores humanos” e seu impacto sobre o comportamento de si próprio e dos colegas; estudados durante as aulas de Educação Física das turmas envolvidas na pesquisa.

Abaixo estão três quadros que servirão como referência para o planejamento das atividades pedagógicas que serão trabalhadas durante as aulas de Educação Física. Cada quadro contempla tipos de conteúdos diferentes: conceituais, procedimentais e atitudinais.

QUADRO 3 – Conteúdos Conceituais

Conteúdos dos Elementos da Cultura Corporal				
Ginástica	Dança	Jogo	Luta	
- Relaxamento, meditações, yoga.	Cantigas de roda e brinquedos cantados - Formas variadas e em diferentes movimentações. Danças folclóricas - Regionais. - Nacionais. - Internacionais. Danças populares - Diversos ritmos nacionais e internacionais. Dança criativa	Cooperativos - Jogos de socialização. Sensoriais - Jogos que envolvem a estimulação dos sentidos. Intelectivos - Jogos de raciocínio lógico.	Capoeira - Histórico. - Movimentações básicas de ataque e defesa. - Jogo e vivência na roda.	
VALORES ABSOLUTOS E ALGUNS VALORES RELATIVOS				
VERDADE	AÇÃO-CORRETA	PAZ	AMOR	NÃO-VIOLÊNCIA
DISCERNIMENTO	INICIATIVA	SILÊNCIO INTERIOR	AMIZADE	FRATERNIDADE
CONHECIMENTO	PERSEVERANÇA	CALMA	GENEROSIDADE	CONCÓRDIA
ESPÍRITO DE PESQUISA	RESPONSABILIDADE	PACIÊNCIA	GRATIDÃO	RESPEITO À NATUREZA
ATENÇÃO	RESPEITO	TRANQUILIDADE	PERDÃO	CIDADANIA
REFLEXÃO	ESFORÇO	AUTOCONTROLE	COMPAIXÃO	PATRIOTISMO
JUSTIÇA	DISCIPLINA	AUTOESTIMA	COMPREENSÃO	SOLIDARIEDADE
LIDERANÇA	LIMPEZA	AUTOACEITAÇÃO	SIMPÁTIA	ALTRUÍSMO
HUMILDADE	ORDEM	TOLERÂNCIA	IGUALDADE	COOPERAÇÃO
SINCERIDADE	CORAGEM	CONCENTRAÇÃO	ALEGRIA	UNIDADE
HONESTIDADE	DIGNIDADE	DESAPEGO	DEVOÇÃO	CIVISMO

QUADRO 4 – Conteúdos Procedimentais

VALORES	TÉCNICAS	NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA	ATUAÇÃO	CONTEÚDO EDF
VERDADE	CITAÇÃO	INTELLECTUAL	Discernimento	Jogos de Raciocínio Lógico
AÇÃO-CORRETA	NARRATIVAS	FÍSICO	Palavra/Ação	Origens históricas das práticas corporais, capoeira
PAZ	HARMONIZAÇÃO	MENTAL/EMOCIONAL	Pensamento/Sentimento	Meditações Infantis, Relaxamento, Jogos Sensoriais
AMOR	ATIVIDADES/CANTOS EM GRUPO	PSÍQUICO	Fluir da energia vital	Danças populares, folclóricas e criativa, Cantigas de Roda e Brinquedos Cantados
NÃO-VIOLÊNCIA	TAREFAS DE SEGUIMENTO	ESPIRITUAL	Ser/Compreender	Jogos Cooperativos

QUADRO 5 – Conteúdos Atitudinais

GINÁSTICA	DANÇA	JOGO	LUTA
Interage corporalmente com os colegas na prática, com atitudes de respeito, superando preconceitos e discriminações referentes ao próprio corpo (biótipos físicos), gênero e etnia, com e sem o apoio do professor	Movimenta-se corporalmente, na prática da dança, participando de brinquedos cantados, cantigas de roda e execução de coreografias simples, orientando-se em espaços e tempos necessários a essas práticas	Participa ativamente dos jogos propostos, utilizando habilidades motoras e capacidades cognitivas	Desenvolve, com e sem o auxílio do professor, estratégias de desequilíbrio, imobilização ou exclusão de determinado espaço, buscando ações de ataque e defesa, respeitando o próximo
Resolve situações de conflito com os colegas por meio de diálogo, com e sem a mediação do professor	Supera inibições próprias referentes à prática da dança, com e sem a mediação do professor	Compreende regras simples dos jogos	Movimenta-se corporalmente em atividades lúdicas, na prática da luta
Identifica em seu corpo as alterações provocadas pela prática, com e sem o apoio do professor	Participa das atividades propostas pelo professor, favorecendo a inclusão de todos	Respeita as regras propostas nos jogos	Reconhece suas possibilidades de movimentação corporal, seus limites e avanços na prática da luta, com e sem o apoio do professor

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados conforme as etapas expostas no método da pesquisa-ação: diagnóstico, ação, avaliação e reflexão. Desse modo, apresentaremos os resultados de cada etapa de trabalho da pesquisa-ação.

4.1.1 DIAGNÓSTICO

Para realização dessa etapa da pesquisa, utilizamos o método de anotações em diários de classe. A cada aula ministrada, eram feitas algumas observações em laudas, constando a data da aula e a turma em que a aula ocorreu. A observação consistiu na descrição das atividades das aulas e no registro das ocorrências de atitudes agressivas e desrespeitadoras por parte dos estudantes, através da interpretação dos fatos por parte do pesquisador. A apresentação abaixo contempla aquelas anotações que constam algum tipo de indisciplina - falta de comportamento adequado, falta de respeito às regras da escola e das aulas de Educação Física - por parte dos estudantes:

QUADRO 6 – Sinais de indisciplina

Houve problemas na hora de fazer a fila para retornar à sala: algumas crianças queriam ficar no parquinho, outras ficaram se jogando no chão na hora da higiene. Um dos alunos jogou areia nos colegas, empurrou um colega na fila e, depois, outro, para pegar um brinquedo.
As crianças tiveram dificuldades para permanecer na fila sentados. Um aluno específico ficou empurrando e cutucando os colegas na fila.
Houve problemas de comportamento e desobediência ao professor com dois dos alunos da turma.
Problemas na hora de fazer a fila e voltar para sala, muita desorganização e empurra-empurra.
Dois dos alunos passaram a aula toda se cutucando, gerando reclamações por parte de ambos. Uma aluna ficou atrapalhando os colegas na hora que eles foram pegar as mochilas para ir

embora. Problemas na hora em que estão em fila: todos querem ser o primeiro, gerando empurra-empurra e desordem.
Algumas crianças não se interessaram muito pela proposta, ficando um cutucando o outro e atrapalhando os colegas.
Houve problemas por disputa de material, no caso uma bola que cada criança deveria passar para o colega em círculo.
Um aluno tirou sarro do professor no fim da aula, de modo desrespeitoso, e acabou sendo encaminhado para mediação junto à pedagoga da escola.
Organizamos os 5 grupos de crianças (para a realização de um trabalho teórico sobre chute) com certa dificuldade, pois algumas crianças não queriam ficar nos grupos que foram designados. Foi muito difícil organizar os grupos e explicar o trabalho, devido ao excesso de barulho na turma. Dois alunos se agrediram fisicamente por um ter apagado o quadro e o outro ter se intrometido.
Durante a aula houve muita bagunça, desorganização, gritaria e muito barulho. Poucas crianças de cada grupo se focaram na proposta da aula.
Ocorreu uma briga entre dois alunos, pois ambos queriam chutar a bola ao mesmo tempo.
A aula já iniciou com problemas, com a turma recebendo o professor com desorganização. Uma aluna sugeriu chamar a pedagoga, mas naquele momento achei que conseguiria me virar sozinho. Ledo engano! A turma descambou durante a prática, com desorganização, correria, gritaria, enfim, a perda da possibilidade de comunicação clara com toda a turma. Após algum tempo, conseguimos a apresentação das brincadeiras de saltar de dois grupos. Uma era corrida do saco, que foi adaptada sem saco (!!!). A outra era basquete. A primeira prática demorou uns 10' para ser organizada. Quando terminou, com a vitória das meninas, a comemoração foi tamanha que não houve possibilidades de continuar a aula, que foi deixada livre.
Dois alunos se comportaram de maneira caótica durante a aula, atrapalhando o aprendizado dos colegas.
Enquanto fazíamos esta prática a pedagoga pediu para recolher a turma para a sala, de modo a resolver um problema do sumiço do dinheiro de um aluno. O problema foi resolvido quando alguém colocou o dinheiro na mochila de uma colega, para acusá-la. O culpado não foi descoberto.
Um aluno foi encaminhado à diretoria por atrapalhar a aula. A prática ocorreu com dificuldades, pois a turma estava muito agitada nesse dia.

4.1.2 AÇÃO

4.1.2.1 PLANEJAMENTO DA AÇÃO

Nas diretrizes curriculares para a educação municipal de Curitiba, material

que explicita os conteúdos considerados básicos para a formação em EDF no Ensino Fundamental (consultar anexo), encontramos os eixos norteadores de conteúdos, que no caso são quatro: Ginástica, Dança, Jogos e Lutas. O eixo do Esporte não consta como conteúdo para o ensino de crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, entretanto, ainda assim esse conteúdo foi considerado como algo significativo dentro da prática proposta, dada a problemática exposta anteriormente acerca do esporte.

Tomando como base esse material, selecionamos cinco conteúdos específicos, de modo a trabalhar cada valor humano. O critério para essa escolha se deu com relação ao diálogo entre os dois conteúdos, quer sejam, os “valores humanos” e a “cultura corporal”. Desse modo, definimos os três quadros de conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais; apresentados no capítulo que fala sobre os métodos e materiais da presente pesquisa. A partir desses quadros, iniciamos algumas leituras, procurando encontrar elementos da “cultura corporal” que pudessem dialogar com os “valores humanos”, mas já com um recorte baseado nos quadros que foram elaborados. Constatamos algumas conexões entre essas leituras e os “valores humanos” e elaboramos o seguinte planejamento pedagógico, que serviu de guia para o planejamento das aulas.

QUADRO 7 – Planejamento Pedagógico

Valor Absoluto	Valores Relativos	Conteúdo
Ação-Correta	Dignidade Perseverança Respeito	Capoeira
Verdade	Responsabilidade Conhecimento Reflexão Discernimento	Xadrez
Paz	Atenção Concentração Silêncio Interior Autocontrole	Yoga
Amor	Paciência Igualdade Devoção Alegria Amizade	Brinquedo Cantado Danças Circulares Cantigas de Roda Ativ. Rítmicas e Expressivas
Não-Violência	Cooperação Unidade Fraternidade Solidariedade	Jogos Cooperativos

Podemos vislumbrar que nosso planejamento pedagógico ficou dividido em 20 aulas, compondo 5 módulos – um módulo para cada “valor humano absoluto” e para cada conteúdo da “cultura corporal” – de 4 aulas – uma aula para cada “valor humano relativo”.

Cabe agora, explicitar quais conexões encontramos entre os conceitos que exploramos, explicar mais ou menos como surgiu o *hipertexto* de cada aula, onde o conteúdo está conectado com diversas manifestações culturais. Trata-se de mostrar quais os pontos de conexão que encontramos entre os “valores humanos”, e seus conceitos específicos, e a “cultura corporal” recortada nessa pesquisa, e seus conceitos específicos. Ao final dessa apresentação, será possível vislumbrar o plano de fundo conceitual de onde brotaram os planos de aula propriamente ditos, planos estes que já contemplam uma outra complexidade do conhecimento: a parte didática-metodológica da exploração do conteúdo.

Pois bem, a nossa intenção ao pensar o ensino do valor humano da “Ação-Correta” através da “Capoeira”, foi no sentido de perceber atributos parecidos em cada manifestação cultural. A “Ação-Correta” é um valor que contempla o aspecto físico do ser-humano, aspecto esse que é “o veículo da ação que permite a manifestação concreta da consciência” (MARTINELLI, 1996, p. 18). O valor humano da “Ação-Correta” deve ser entendido aqui como sendo uma busca constante pelo “aprimoramento do caráter [através da] contínua busca de si próprio” (Ibidem, p. 18). Já na prática da “luta”, identificamos o dinamismo de movimentos necessários para o aprendizado desse valor humano. E que outra luta senão a Capoeira, algo tão presente na cultura brasileira.

Percebemos que através do histórico da Capoeira, poderíamos trabalhar o valor humano relativo da “dignidade”, utilizando a técnica da “narrativa”. No histórico da Capoeira está presente a situação de vida indigna que os escravos, trazidos da África nos navios negreiros, enfrentavam trabalhando nos engenhos, como escravos dos Senhores do Engenho. Durante a aula, pretendeu-se aproveitar essa deixa para conversar com as crianças sobre o que é “dignidade”, ou seja, quais são as condições dignas da vida humana: comida, moradia, segurança, transporte, trabalho, educação e saúde. Com essa atividade pretendeu-se despertar as crianças para as diferenças de condições sociais existentes na realidade, estabelecer um

conjunto de valores mínimos que componham uma vida digna – da forma mais simples possível -, e ainda fazer com que a criança se perceba num contexto social, num contexto humano. Essa seria a base para a primeira aula do planejamento proposto.

Depois, já na segunda aula, conectamos o valor humano relativo “perseverança”, invocado na aula através de uma citação³¹, com alguns desafios corporais, a prática de alguns movimentos complexos da capoeira – como a “bananeira”, o “elefantinho”, a “ponte”, o “aú” (que é a famosa “estrela”). Através dessa atividade pretendeu-se estimular as crianças para o aprendizado do valor da “perseverança”, atitude necessária para o aprendizado dos movimentos em questão, pois são poucas crianças que conseguem realizá-los corretamente “de primeira”. Adultos então é possível contar nos dedos quantos conseguem fazer sem problemas esses movimentos.

Na terceira aula, conectamos o valor humano relativo “respeito”, invocado na aula através de uma narrativa (para o Ciclo I – 1º, 2º e 3º anos) e de exemplos de conduta (para o Ciclo II – 4º e 5º ano)³², com a prática de movimentos da Capoeira a serem realizados em duplas. Em verdade, o movimento era uma comunicação não-verbal, que a criança deveria identificar e dar a resposta correta, realizando um outro movimento. O ensino da luta da Capoeira a partir desse princípio, foi uma forma de prevenir acidentes com as crianças durante as aulas. Desse modo, buscou-se explorar o “respeito” ao movimento realizado pelo colega, para não correr o risco de machucar o colega.

Na quarta aula, conectamos o valor humano relativo “responsabilidade” com o conhecimento da luta da Capoeira. Através do exemplo de pessoas que utilizam o conhecimento das lutas de forma errada, propagando a violência, buscou-se estimular o debate no sentido de perceber quando agimos de maneira errada, sem responsabilidade, para que percebendo isso, possamos corrigir e nos guiar pela Ação-Correta.

“É preciso frisar que o principal aqui jamais foi o ensino da técnica perfeita e apurada e sim o desenvolvimento e exploração que a criança pode ter de seus

³¹ “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

³² Tal diferenciação explica-se pela dificuldade da criação e vivência de hipóteses abstratas para as crianças menores, justificada, por exemplo, em Ajuriaguerra, que situa o desenvolvimento da capacidade de abstração dos 10 aos 13 anos. Citado em FONSECA & MENDES, [s.d.], p. 125.

próprios movimentos” (FREITAS, 2005, p. 9). Além desse desenvolvimento corporal, através dos movimentos e da ampliação da consciência do próprio corpo, a proposta também foi de desenvolver a mente, através da conexão dos conhecimentos relativos à “cultura corporal” aos “valores humanos”, tão importantes para as atividades de Capoeira planejadas e para a própria convivência em coletividade; e claro, desenvolver o espírito, através do diálogo pacífico com as crianças, das harmonizações e das reflexões coletivas ao final das aulas.

Dando sequência à explicação de nosso planejamento pedagógico, avançamos para o módulo que busca ensinar o valor humano da “Verdade” através do “Xadrez”. As conexões são inúmeras. A Verdade é um valor humano que contempla o aspecto intelectual do ser-humano, sendo, desse modo, natural a escolha pelo Xadrez, jogo mais do que reconhecido ao longo da história por sua capacidade de estimular intelectualmente seus jogadores. Marilu Martinelli afirma existir dois tipos de verdade: “a verdade relativa é aquela que se percebe através dos sentidos físicos, e é representada pelo que se vê, se sente e sobre a qual se emite julgamento. [...] A verdade absoluta é Deus³³” (1996, p. 18).

Não podemos esquecer nosso foco nos valores, e o Xadrez parece ser um conteúdo favorável a esse conhecimento. A afirmação de que “ensinar xadrez é repassar valores éticos e potencializar habilidades” (CRISTO, 2010, p. 12) prova que o Xadrez é um conteúdo que pode estimular o debate e o aprendizado com relação aos “valores humanos”. “Quanto aos valores que este jogo estimula na vida, podemos citar alguns: responsabilidade, perseverança, humildade, capacidade de acatar normas, disciplina, paciência, tenacidade, autoestima, autocontrole, tolerância” (Ibidem, p. 13). Trata-se de um jogo impressionante, não só pelo elevado número de suas possibilidades, ou pela emoção de desafiar o exército adversário, mas também por suas possibilidades pedagógicas. Através do Xadrez podemos trabalhar diversas áreas: “recreativa, desportiva, ética, intelectual, emocional e cultural” (Ibidem, p. 13-14).

Na primeira aula, conectamos o valor relativo “conhecimento”, invocado a partir de “citação” de um mestre hindu conhecido como Swami Vivekenanda³⁴, com a história do Xadrez e o conhecimento do tabuleiro e das peças, bem como seus

³³ O imperecível dentro do perecível.

³⁴ “O homem tem por objetivo não o prazer, mas o conhecimento”.

respectivos movimentos. Pretendeu-se, a partir dessa atividade, semear noções básicas para a prática do jogo de xadrez e reconhecer a importância do “conhecimento” como necessidade para a realização do jogo e de tudo na vida.

Na segunda aula, conectamos o valor relativo “reflexão”, através de “citação” de Marilu Martinelli³⁵, com os jogos pré-enxadristicos. Através desses jogos, as crianças puderam ter contato com a dinâmica de movimentação das peças do Xadrez e também com a criação de estratégias para a vitória no jogo, criação essa que exige “reflexão” por parte dos jogadores, para que ele pense na melhor jogada antes de realizá-la.

Na terceira aula, conectamos o valor relativo “discernimento”, invocado através de “citação”³⁶, com o ensino do valor das peças no jogo de Xadrez. Explicou-se o valor matemático das peças do Xadrez (Rainha – 10 pontos; Torres – 5 pontos cada; Bispos/Cavalos – 3 pontos cada; Peões – 1 ponto cada; Rei – a vitória no jogo) e depois foram propostas situações hipotéticas de trocas de peças durante uma partida de Xadrez, de modo a vivenciar o “discernimento”.

Na quarta aula, conectamos o valor relativo “atenção”, invocado a partir de uma “citação” do escritor alemão Goethe³⁷, com algumas situações-armadilhas do jogo de Xadrez, situações que exigiam das crianças muita “atenção” para escapar e não voltar a cair nessas mesmas armadilhas.

Agora vamos ao terceiro módulo de nosso planejamento pedagógico, o módulo que teve como intenção explorar o valor humano da “Paz” através do conteúdo do “Yoga”. A “Paz” é um valor humano que contempla o aspecto mental do ser-humano, algo do qual o Yoga também dá conta. A “Paz” deve ser considerada aqui como sendo “a base da felicidade humana” (MARTINELLI, 1996, p. 19). Ela é vivenciada quando ocorre “a eliminação da desordem interior criada pelas emoções em ondas sucessivas e pela formação incessante dos pensamentos” (Ibidem, p. 19).

Foi na Índia que tive contato com uma obra que estimulou muito a minha experiência com Yoga. Em verdade, trata-se de uma obra escrita por um mestre hindu conhecido como Swami Satyananda Saraswati, que escreve sobre Educação através do Yoga para crianças. Nessa obra, o autor fala sobre os benefícios do Yoga

³⁵ “Refletir é conversar consigo mesmo”.

³⁶ “Saber escolher entre o certo e o errado é saber discernir”.

³⁷ “Do que vale olhar sem ver?”

para todos os aspectos da dimensão humana (físico, emocional/comportamental, mental, criativo) e coloca o Yoga em duas perspectivas: aponta para um sistema educacional baseado no Yoga e cita o Yoga como terapia. Mas o melhor dessa obra é que constam todos os desenhos das posturas, o que facilita muito na hora de praticar e absorver o aprendizado para depois tentar ensinar às crianças.

O Swami afirma que:

Yoga ajuda a criança a canalizar suas emoções e estimula criatividade em crianças desequilibradas emocionalmente, o que não é fácil de se fazer com outras formas de Educação Física. Obviamente, yoga é uma forma completa de educação que pode ser usada com todas as crianças porque desenvolve resistência física, estabilidade emocional e intelectual e talentos criativos. É um sistema unificado para desenvolver a personalidade da criança de modo equilibrado e total" (SARASWATI, 2007, p. 9).

Na educação, o Yoga possui diversas aplicações. A começar pela modulação do sistema endócrino das pessoas, algo que define a prática do yoga. Na verdade, em cada postura, em cada posição corporal, em cada *asana*, determinados órgãos internos são pressionados, determinados circuitos neurais são ativados, e isso provoca modulações hormonais como respostas do nosso corpo a esses estímulos/movimentos. O Swami Saraswati, após mais de 20 anos aplicando e ensinando os caminhos do yoga chegou a certas conclusões sobre a influência do yoga na evolução da mente humana.

A começar pela influência da prática do yoga na glândula pineal.

Esta pequena glândula, que está situada no topo da coluna vertebral, tem grande importância. Em verdade, milhões de anos atrás esta glândula exercia um papel ativo no desenvolvimento do cérebro humano. Então, as pessoas daquela época tinham grandes qualidades psíquicas e espirituais e melhor controlavam suas emoções, mas com a passagem do tempo a glândula pineal seguiu um curso de degeneração. Nós encontramos hoje nada mais do que um vestígio dessa glândula e se nós não tomarmos medidas adequadas para protegê-la, com uns poucos milhares de anos ela será completamente perdida. (Ibidem, p. 14).

O Swami afirma também que quando a glândula pineal começa a se degenerar, a glândula pituitária começa a agir e as emoções tomam conta. "Esta é a razão pela qual muitas crianças se tornam emocionalmente desequilibradas e perturbadas durante os anos de sua pré-adolescência e adolescência." (Ibidem, p. 15). A glândula pineal tem a função de controlar, monitorar as funções do cérebro,

equilibrando suas funções, o que mantém todo o cérebro numa forma receptiva. O Swami pensa que “aquelas crianças cujas quais a pineal ainda poderia ser comandada ou monitorada seriam muito mais receptivas do que aquelas cuja a pineal já não era mais ativa” (Ibidem, p. 15). Isso, para a Educação, é importantíssimo, visto que nos permite trabalhar com a hipótese de que a prática do yoga na escola deveria ser fomentada para que as crianças mantenham seus cérebros, suas mentes, em estágios de consciência “receptivos” - com o benefício de estar tomando medidas para prolongar a ação da glândula pineal durante toda a vida, no caso, a prática do yoga -; e não em certos estágios em que nada entra na cabeça das crianças, estágios nos quais elas parecem solo duro, solo em que nem as melhores sementes brotarão.

Ainda nessa linha das influências hormonais, emocionais e comportamentais do yoga, Swami nos conta que um outro ponto importante que conseguiu notar em suas experiências com o yoga foi que “as glândulas adrenais possuem um importante papel no comportamento moral da criança. Geralmente aquelas pessoas com tendências criminosas possuem um sistema adrenal mais ativo” (Ibidem, p. 15). Isso para a Educação, principalmente no que tange ao ensino dos valores, como é o que pretendemos, é muito importante. Então, com as aulas de yoga, também estaremos auxiliando no aprendizado e internalização dos “valores humanos”.

Todas as séries de posturas apresentadas nas aulas seguem a sequência de atividades repassada por Swami Satyananda Saraswati: “posturas físicas, exercícios respiratórios, relaxamento, concentração ou meditação”. (Ibidem, p. 94) e também a prática diária sugerida:

Um asana de curvatura frontal para manter a coluna flexível para frente; um asana de curvatura traseira, arqueando a coluna, como uma compensação; um asana de torção para manter os movimentos laterais da coluna flexíveis; um asana de equilíbrio, pois é uma habilidade que possuímos quando criança e perdemos depois de velhos; um asana invertido para estimular as glândulas da cabeça e inverter o fluxo da pressão sanguínea para as extremidades baixas; um asana sentado, para desenvolver a habilidade de sentar por algum tempo sem mover o corpo para praticar pranayama e meditação” (Ibidem, p. 137-8).

Na primeira aula conectamos o valor relativo “concentração” com todas as práticas do yoga, colocando essa atitude, esse valor, como sendo algo *sine na quon* para a prática dos exercícios de yoga, principalmente para a prática correta dos

exercícios de consciência respiratória e meditação. Buscou-se, ainda, relacionar a “concentração” como algo necessário e importante para aprender corretamente as coisas na escola e para diversas situações da vida.

Na segunda aula conectamos o valor relativo “silêncio interior” como algo que podemos experimentar quando estamos num estágio meditativo da nossa consciência. Buscou-se expor esse valor como algo necessário para refletir sobre nossas atitudes e testemunhos da vida, como algo necessário na busca não só do conhecimento, mas também da sabedoria, que é saber o que fazer com o conhecimento.

Na terceira aula conectamos o valor relativo “autocontrole” com o controle dos nossos instintos animais. A ideia foi propor uma brincadeira para as crianças, na qual nós imitamos diversos animais – a partir dos asanas dos animais no yoga – para controlar os nossos instintos animais e nos tornar humanos. Buscou-se relacionar esse valor com a necessidade de ter “autocontrole” em determinados momentos de raiva e agressividade.

Na quarta e última aula desse módulo, conectamos o valor relativo “paciência” com a sequência dos acontecimentos de nossas vidas. As coisas acontecem, ao acaso ou não, elas não param de acontecer, a sucessão de acontecimentos que vamos testemunhando. A impermanência das coisas é um fato. Entretanto, a verdadeira sabedoria provém da “paciência” com que vivenciamos as situações e extraímos suas lições. Buscou-se mostrar também que a paciência possui aplicações práticas na organização escolar, quando, por exemplo, todas as crianças resolvem sair correndo todas ao mesmo tempo para a aula de Educação Física no espaço externo.

Já no quarto módulo de nosso planejamento pedagógico, a intenção foi explorar o valor humano do “Amor” através do conteúdo das “Danças e Cantigas”. O valor humano do “Amor” contempla o aspecto psíquico do ser-humano, e deve ser considerado aqui como “a força de criação, coesão e sustentação da vida. [...] O amor é a energia que abastece a psiquê, a alma, e essa plenitude reflete-se nos nossos pensamentos, palavras e ações” (MARTINELLI, 1996, p. 18). A conexão mais visível entre os dois elementos – valor humano e cultura corporal específica - é com relação ao procedimento que o método “educare” recomenda para o trabalho

com o valor humano do “Amor”: as atividades em grupo. Dentre essas atividades em grupo, encontramos a possibilidade de se trabalhar os cantos e danças em grupo.

Cantos devocionais, populares ou folclóricos que incluam determinado valor promovem alegria, ao passo que danças sagradas e folclóricas permitem à criança observar o próprio comportamento em grupo, seus movimentos e ritmo, e notar que suas atitudes e equilíbrio estão ligados ao ritmo de seu corpo e ao fluxo da energia em sintonia com o ritmo da vida. (MARTINELLI, 1996, p. 61).

Na primeira aula, conectamos o valor relativo da “igualdade”, invocado na aula a partir do conceito da “roda”, com o elemento da cultura corporal conhecido como “brinquedos cantados”. O objetivo foi ampliar o conceito de “roda” para o conceito de “círculo”, trazendo consigo toda a história de valorização dessa forma geométrica, uma valorização política na época das “pólis” gregas, que impunham ao círculo a forma da organização do debate, pois no círculo todos estão em posição de “igualdade”. A partir daí, iniciamos a prática dessa formação em círculo, através de alguns brinquedos cantados com a cantiga de roda “Escravos de Jó”. São brincadeiras que envolvem, num primeiro momento, a coordenação na manipulação de objetos, uma coordenação que deveria acontecer conforme o ritmo da cantiga de roda escolhida para a prática; e, num segundo momento, envolvem a elaboração de uma coreografia em conjunto com as crianças, de modo que elas possam vislumbrar não só as possibilidades criativas com o corpo, mas também aprender a desfrutar da alegria de se estar compartilhando emoções com um grupo de pessoas. Isso, sem dúvida alguma, é fortalecer relações de amizade, aliás, um valor que está em nosso planejamento.

Na segunda aula, conectamos o valor relativo da “devoção” com o elemento da cultura corporal conhecido como “danças circulares”. As danças circulares “sempre estiveram presentes na história da humanidade – nascimento, casamento, plantio, colheita, chegada das chuvas, primavera, morte – e refletiam a necessidade de comunhão, celebração e união entre as pessoas.”³⁸ Bernhard Wosien, bailarino clássico, coreógrafo, pedagogo e pintor, percorreu o mundo na década de 60 resgatando as danças de diferentes povos, num intenso trabalho de pesquisa. Esse conhecimento foi transmitido pela primeira vez em 1976, quando Wosien visitou a

³⁸ Conforme encontramos em: <http://www.dancascircularesrj.com.br/50.html>

comunidade de Findhorn no norte da Escócia e, a pedido de um dos fundadores da comunidade, ensinou uma coletânea de danças folclóricas para os residentes. Esse trabalho de Wosien tornou-se, segundo ele mesmo afirma, “um exemplo de uma rede internacional de meditação pela dança” (WOSIEN, 2006, p. 25).

As danças circulares são tidas, também, como danças sagradas. Boa parte do que há de sagrado nas danças circulares provém justamente da vivência e do entendimento do conceito de “meditação pela dança”, na qual o ser-humano é exigido em sua totalidade. “Ele se encontra não só consigo mesmo, mas também com o Tu, com o mundo ao redor, com o grupo, com a alteridade, tão simplesmente. A dança é para ele um meio de auto-realização” (Ibidem, p. 28).

A parte mais importante da dança circular, ou dança sagrada, essa dança com sentido meditativo, é o elemento da “roda”, do “círculo”. “Quando os dançarinos se ordenam num círculo, de acordo com a tradição, eles se dão as mãos. A mão direita tornou-se a que recebe e a esquerda a que dá” (Ibidem, p. 29).

Exposto isso, entendemos que a escolha de uma dança circular indiana, para ser ensinada e praticada com as crianças, daria conta de promover o valor da devoção, ou seja, de dedicar cada ato, cada dança, ao silêncio do absoluto.

A linguagem de movimento do corpo, assim como toda arte, surge do silêncio. [...] A dança não é apenas a transparência do divino, assim como uma janela aberta, uma vista para o divino. A dança também não é uma viva imagem reminescente – a dança é, em tempo e espaço, um signo, um acontecimento visível, uma forma cinética para o invisível. [...] Nos povos que ainda atribuem um sentido ao invisível, a dança é, ainda hoje, pedido e oração. (WOSIEN, 2006, p. 27-28).

Na terceira aula, conectamos o valor relativo da “alegria” com o conteúdo da cultura corporal conhecido como “cantigas de roda”. As “cantigas de roda, cirandas ou brincadeiras de roda são brincadeiras infantis, onde tipicamente as crianças formam uma roda de mãos dadas e cantam melodias folclóricas, podendo executar ou não coreografias acerca da letra da música”.³⁹ Mais uma vez o elemento da “roda”, do “círculo” está presente, esse formato que parece acompanhar as atividades de danças e cantigas em nosso planejamento. O nosso objetivo foi demonstrar para as crianças que, através da dança e do canto em grupo, é possível viver uma experiência de “alegria”. Aqui entendemos esse valor como sendo “o

³⁹ Conforme podemos encontrar na Wikipedia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantiga_de_roda

estado natural do ser-humano, que só desaparece quando eclipsado pela falta de autoconhecimento e pela ausência de amorosidade” (MARTINELLI, 1996, p. 44).

Um ponto especial dessa aula foi que, na aula anterior (“Devoção através das Danças Circulares”), foi solicitado às crianças que pesquisassem, em grupos de aproximadamente 5 pessoas, uma “cantiga de roda”. Na aula seguinte (“Alegrando-se através das Cantigas de Roda”), cada grupo deveria trazer uma “cantiga de roda” por escrito e apresentá-la para a turma. Sugerimos, como metodologia para a pesquisa, perguntar para parentes próximos e amigos quais “cantigas de roda” eles se lembravam. Durante as apresentações procuramos ampliar o conceito das “cantigas de roda”, criando uma coreografia para cada cantiga em conjunto com as crianças. Desse modo, o conteúdo da aula, em parte, seria direcionado pelas crianças, o que pode ser considerado a forma ideal de gerir o conteúdo com uma turma, pelo menos aquela que me parece mais justa, colocando a criança como autora de seu processo pedagógico, como agente de mudanças e transformações em seu senso comum, até a criação de um autoconhecimento que permita a auto-superação criativa.

Na quarta aula, conectamos o valor relativo da “amizade” com o conteúdo da “percussão corporal”. Mas em que exatamente consiste isso? Ora, é a arte de batucar no próprio corpo, extrair timbres através da criatividade de movimentos corporais. A origem desse conhecimento parece se perder ao longo da história da humanidade, visto que se trata de algo natural, já presente em nosso corpo, que é o “ritmo”. Esse conteúdo da cultura corporal foi invocado na aula a partir de um vídeo do grupo “Barbatuques” fazendo diversos ritmos através de batuques no próprio corpo – a percussão corporal -, movimentos, acima de tudo, criativos. Depois de explorarmos alguns movimentos em conjunto com as crianças, solicita-se um trabalho em grupo, para que as crianças criem um ritmo corporal em conjunto, como numa banda de amigo, em que cada um toca o seu instrumento, que é simplesmente seu corpo.

Finalmente, no quarto módulo de nosso planejamento pedagógico, a intenção foi explorar o valor humano da “Não-Violência” através do conteúdo dos “Jogos Cooperativos”. Esse valor humano é relacionado ao aspecto espiritual do ser-humano, sendo considerado “a finalidade, a meta do desenvolvimento da

consciência, a perfeição humana” (MARTINELLI, 1996, p. 19).

Autores como Brotto (1999 e 2000), Brown (1995), Correia (2010) e Soler ([s.d.]), apontam que o conteúdo excelente para o trabalho com valores humanos são os jogos cooperativos. Correia afirma que “a proposta dos jogos cooperativos evidencia-se como uma das mais adequadas para o desenvolvimento da cooperação e a superação desse processo de esportivização e do mito da competição” (2010, p. 25). Brotto vai ainda mais além, manifestando opinião favorável aos jogos cooperativos enquanto conteúdo chave para o desenvolvimento dos valores humanos, quando diz que é...

Aprendendo a jogar dentro do Estilo Cooperativo, que desfazemos a ilusão de sermos separados e isolados uns dos outros e percebemos o quanto é bom e importante ser a gente mesmo, respeitar a singularidade do outro e compartilhar caminhos para o bem-estar comum (BROTTO, 1999, p. 93).

Ficam explícitos os valores de respeito, amizade, cidadania, que perpassam essa afirmação.

Na primeira aula, conectamos o valor relativo “cooperação” com o conteúdo da cultura corporal conhecido como “dança da cadeira cooperativa”. O objetivo aqui foi propiciar às crianças um discernimento básico do que é “competição” e do que é “cooperação”. A montagem do quadro, diferenciando as características dos “jogos competitivos” e dos “jogos cooperativos”, serviu para ajudar a criar uma consciência do que é cada tipo de jogo. Já a prática da “dança da cadeira cooperativa”, serviu para ajudar vivenciar o jogo cooperativo e conhecer a importância do valor relativo da “cooperação”, isso através de uma brincadeira bem simples e muito conhecida do universo infantil.

Na segunda aula, conectamos o valor relativo “unidade” com o conteúdo corporal da “queimada cooperativa”. O valor da “unidade” foi invocado na aula a partir de uma explicação simplificada da “teoria da complexidade”, na qual apresentamos, a partir do nosso corpo, diferentes níveis de existência, indo em direção ao microcosmo (corpo, célula, molécula, átomo, elétrons, quarks) e depois em direção ao macrocosmo (corpo, depois, grupo, comunidade, planeta, sistema, galáxia, universo/vácuo). A ideia é mostrar que, desde a menor partícula de energia conhecida pelo ser-humano até a mais vasta visão do universo, somos todos

compostos do mesmo elemento físico: os *quanta*. Desse modo, podemos afirmar fisicamente que nossa essência forma uma “unidade” com o todo. A escolha da “queimada cooperativa” para vivência do valor é de forma simbólica, pois o jogo termina quando todos os jogadores estiverem no mesmo time. Isso acontece porque, na “queimada cooperativa”, o jogador que é queimado com a bola passa para o outro time.

Na terceira aula, conectamos o valor relativo “fraternidade” com o conteúdo corporal do “futpar” (futebol de parceiros, ou seja, jogado em dupla – de mãos dadas com um colega). A ideia dessa aula foi mostrar que podemos fazer as coisas de mãos dadas, em conjunto. Isso certamente dá mais trabalho do que fazer as coisas sozinhos – jogar futebol em dupla, por exemplo, dificulta bastante o jogo -, mas temos de ser fraternos e incluir o outro no jogo, não só no “futpar”, mas no jogo da dignidade da vida.

Na quarta aula, conectamos o valor relativo “solidariedade”, invocado através da citação de um provérbio coreano⁴⁰, com o conteúdo das “práticas corporais cooperativas”. Procuramos vivenciar o valor relativo através de situações corporais nas quais as crianças necessitavam da colaboração/ajuda dos outros colegas. Alguns exemplos: caranguejos com os braços enganchados em duplas; cadeira amiga em trios; espaguete humano em grupos de 6 a 8 pessoas; entre outras práticas corporais cooperativas.

4.1.2.2 AÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Essa parte da pesquisa está apresentada no anexo 4 do presente trabalho. Lá constam todos os 20 “planos de aula” que compõem o planejamento pedagógico proposto, bem como as observações da aplicação de cada aula em cada turma distinta. Procuramos executar o planejamento da maneira mais fiel possível às nossas referências teóricas, entretanto, muitas vezes a prática não ocorreu conforme o planejado.

⁴⁰ “Até uma folha de papel pesa menos quando dois a levantam”.

4.1.3 AVALIAÇÃO

A tabela 1 demonstra os resultados da avaliação do julgamento moral para as duas turmas avaliadas (4º e 5º anos). O teste 1 (dilema da vida esportiva) foi realizado por 60 crianças no total, sendo 28 do 4º ano e 32 do 5º ano. Já o teste 2 (dilema da vida diária) foi realizado por 57 crianças no total, sendo 26 do 4º ano e 31 do 5º ano. Das 21 crianças que fizeram o teste as duas vezes na turma do 4º ano, 17 crianças melhoraram seu escore (destacados em verde na tabela). A média aritmética simples do escore de todos os alunos dessa turma pulou de 2,52 no primeiro teste para 2,93 no segundo teste. Já na turma do 5º ano, 28 crianças fizeram o teste as duas vezes e 21 crianças melhoraram seu escore. A média aritmética simples do escore de todos os alunos da turma do 5º ano pulou de 2,33 no primeiro teste para 2,88 no segundo teste.

TABELA 1 – Avaliação do Nível de Desenvolvimento Moral das turmas do 4º e 5º ano

GÊNERO	TESTE 1	TESTE 2	GÊNERO	TESTE 1	TESTE 2
4º ANO B			5º ANO A		
MENINO	2,50	2,66	MENINA	2,66	2,20
MENINA	3,00	3,60	MENINO	2,33	-
MENINA	3,00	3,00	MENINO	2,20	-
MENINO	1,50	3,33	MENINO	1,75	-
MENINA	2,66	3,20	MENINO	1,16	1,00
MENINO	2,33	2,50	MENINO	2,80	3,33
MENINO	2,83	3,33	MENINO	1,50	2,00
MENINA	2,16	3,20	MENINO	2,00	3,00
MENINA	2,80	2,50	MENINA	2,80	3,66
MENINA	-	3,33	MENINA	2,20	3,00
MENINO	2,83	-	MENINA	-	2,50
MENINO	-	2,66	MENINO	2,66	2,66
MENINA	2,16	2,33	MENINO	2,20	3,40
MENINO	-	2,80	MENINA	2,33	3,00
MENINO	2,50	3,00	MENINO	1,80	3,16
MENINA	-	3,16	MENINA	2,00	3,50
MENINO	2,50	2,66	MENINO	-	2,83
MENINO	2,83	3,40	MENINO	2,50	2,83
MENINO	2,83	2,60	MENINA	2,33	2,83
MENINA	2,66	2,50	MENINA	3,00	2,80
MENINA	2,00	3,50	MENINA	1,33	3,00
MENINO	-	2,25	MENINA	3,00	3,00
MENINO	3,00	3,20	MENINO	2,16	2,80
MENINA	2,66	-	MENINO	2,20	3,83
MENINO	2,00	-	MENINA	2,83	3,00
MENINA	3,00	3,60	MENINO	1,83	2,50
MENINA	2,50	-	MENINO	2,40	3,33
MENINA	2,16	2,83	MENINO	1,16	2,80
MENINA	3,00	-	MENINA	3,00	2,83
MENINO	2,00	2,50	MENINA	3,33	1,66
MENINA	2,20	2,66	MENINA	2,83	3,66
MÉDIA FINAL	2,52	2,93	MENINA	2,50	3,20
			MENINA	2,50	3,16
			MENINA	-	2,50
			MENINA	3,33	3,33
			MÉDIA FINAL	2,33	2,88

4.1.4 REFLEXÃO

Os resultados obtidos através dessa etapa da pesquisa foram captados por diferentes instrumentos de coleta, visto que cada criança, em seu diferente nível de maturidade, expressa-se de uma maneira distinta. As formas de expressão, por sua vez, variam de acordo com o nível de linguagem de cada criança. Desse modo, parece ser coerente criar instrumentos distintos para avaliar crianças em níveis de maturidade e linguagem distintos.

As turmas do 1º e 2º anos foram avaliadas a partir de desenhos, realizados em uma folha dobrada no meio duas vezes e depois aberta, para formar quatro partes. Os mesmos foram solicitados a partir do enunciado: “desenhe uma prática corporal que represente a ginástica, uma que represente a dança, uma que represente o jogo e uma que represente a luta”. Essa atividade foi solicitada em dois momentos distintos, para efeitos de comparação antes e após a vivência do método proposto por esta pesquisa.

As turmas dos 3ºs anos foram avaliadas a partir de rodas de conversa, através das quais as crianças puderam expor os conteúdos da “cultura corporal” que mais gostaram de conhecer e praticar, os “valores humanos” que consideram importantes para a convivência, se houve mudança no próprio comportamento e da turma. Essa atividade foi solicitada ao término da aplicação do método, no fim do primeiro semestre letivo.

Já as turmas do 4º e 5º anos foram avaliadas a partir de questionário, exposto no anexo 3. Esse questionário visava levar as crianças a questionar a importância dos conteúdos que haviam estudado quando estiveram em contato com o planejamento focado nessa pesquisa. A exemplo da atividade dos 3ºs anos, essa atividade foi solicitada ao término da aplicação do método, no fim do primeiro semestre letivo.

Pois bem, os resultados das atividades do 1º e 2º anos foram os seguintes: no primeiro desenho, a expressão das práticas corporais solicitadas foi muito mais duvidosa do que no segundo desenho, após as crianças já conhecerem referenciais para cada eixo da “cultura corporal” e também já possuírem um arsenal de técnicas

de desenho maior do que no início do ano. No primeiro desenho algumas crianças deixaram uma ou mais partes da folha em branco, pois não sabiam como representar a prática corporal que deveria ser representada ali, ou seja, não possuíam referencial para tanto. Já no segundo desenho nenhuma criança deixou alguma parte em branco, e várias delas utilizaram como exemplos de representação as atividades trabalhadas no semestre. Como por exemplo uma criança do 1º ano que não sabia representar um jogo no primeiro desenho, e no segundo desenho representou um jogo de xadrez; ou uma criança do 2º ano que no segundo desenho representou no campo da ginástica uma postura de yoga.

O resultado das atividades dos 3ºs, 4º e 5º anos foram diversos, por se tratarem da opinião pessoal de cada criança. Nos 3ºs anos, composto, em sua maioria, por crianças com idade entre 7 e 8 anos, a manifestação geral foi que as aulas foram interessantes, os assuntos variados, várias crianças apreciaram e elogiaram as aulas práticas e também disseram que aprenderam mais como se respeitar, entretanto, algumas tiveram vergonha de se expressar, preferindo se esconder atrás da timidez.

Já nos 4º e 5º anos, como foi aplicado o questionário, podemos citar algumas frases que as próprias crianças escreveram, em resposta às perguntas expostas no questionário presente no anexo 3:

O que são “Valores Humanos”

“São respeito pelos humanos” (aluno do 5º ano)

“São o que a gente precisa aprender e respeitar” (aluna do 5º ano)

“Ação-Correta, Verdade, Paz, Amor e Não-violência” (alunas do 4º e 5º anos)

“É aquilo que vale muito para o ser-humano” (aluna do 4º ano)

“O valor sentimental que cada um tem” (aluna do 4º ano)

“Valores que todos os seres-humanos devem ter” (alunas do 4º ano)

“Educação, cultura, humildade, bondade, respeito, solidariedade” (aluno do 4º ano)

“Cuidar um do outro” (aluno do 4º ano)

Não-Violência

“Não bater, não xingar, não dar chute” (aluno e aluna do 5º ano)

“Tratar as pessoas como você gostaria de ser tratado” (aluno do 4º ano)

“Significa não bater ou fazer algum mal para colegas e professores” (aluna do 5º ano)

Amor

“Amar uns aos outros. É ter ou sentir amor. Gostar muito de alguém” (aluna do 5º ano)

“Significa um sentimento bom no coração” (aluna do 4º ano)

“União” (aluna do 4º ano)

Paz

“Não tem briga” (aluna do 4º ano)

“Significa um sentimento bom consigo mesmo” (aluna do 4º ano)

“Significa o amor um pelo outro” (aluno do 4º ano)

“A pessoa estar sossegada” (aluno do 4º ano)

Verdade

“Significa uma pessoa falando a verdade” (aluno de 4º ano)

“Significa princípio certo e válido” (aluna do 4º ano)

“Não mentir” (aluno do 4º ano)

“Não mentir e ser fiel” (aluna do 4º ano)

Ação-Correta

Incrivelmente não foi citada por nenhuma criança em resposta à questão 2 do questionário aplicado.

Percepção do próprio comportamento

“Meu comportamento é bom” (aluno do 5º ano)

“Não mudou nada” (aluno e aluna do 4º ano e alunas do 5º ano)

“Estou mais divertida, alegre” (aluna do 5º ano)

“Eu me comportava bem, mas antes tinha vergonha, agora não” (aluna do 4º ano)

“Melhorei meu relacionamento pessoal com os colegas” (aluna do 4º ano)

“Mudou em relação à amizade. Agora estou mais enturmada” (aluna do 4º ano)

“Antes eu estava muito briguento, agora não estou mais” (aluno do 4º ano)

“No começo do ano eu conversava muito e agora parei um pouco” (aluna do 4º ano)

“Eu comecei a ficar quieto” (alunos do 4º ano)

“Melhorei nas notas” (aluna do 4º ano)

“Agora todos estão chatos” (aluno do 4º ano)

Percepção do comportamento coletivo

“Eles passaram a desrespeitar os professores” (aluno do 5º ano)

“Só porque acabou o remédio de um dos colegas agora ele fica batendo em mim e em outros colegas” (aluna do 5º ano)

“Algumas crianças não faziam a lição” (aluna do 4º ano)

“Continuaram bagunceiros como sempre” (alunas do 4º ano)

“Estão mais amigáveis” (aluna do 4º ano)

“No começo do ano eram mais comportados” (aluna do 4º ano)

“Eles estão mais quietos” (aluno do 4º ano que começara a ficar mais quieto)

“Todos continuam conversando” (aluna do 4º ano, mesma turma do aluno anterior)

“Todos estão calmos” (aluno do 4º ano)

“Antes eu não sabia ler, agora eu sei” (aluno do 4º ano)

“Eles melhoraram seu comportamento” (aluna do 4º ano)

“Antes obedeciam os professores, agora não” (aluna do 5º ano)

Conteúdo mais interessante da “cultura corporal” trabalhada

“Gostei da Capoeira e dos Jogos Cooperativos” (aluno do 5º ano)

“Capoeira, porque eu sou capoeirista” (aluno do 4º ano, praticante de Capoeira)

- “Capoeira, porque tem muitos movimentos legais” (aluna do 4º ano)
- “Capoeira, porque é muito legal” (aluna do 4º ano)
- “Gostei do Xadrez” (aluno do 4º ano, um dos que mais apresentava dificuldades de compreensão do jogo)
- “Xadrez, porque ajuda em Matemática” (aluna do 5º ano)
- “Yoga, porque a gente fazia coisas divertidas (aluna do 4º ano)
- “Yoga, porque deixa a gente calmo e estica nosso corpo” (aluna do 5º ano)
- “Yoga, pois é um conteúdo que precisa de concentração e equilíbrio (aluna do 4º ano)
- “Yoga, porque eu achei diferente” (aluna do 4º ano)
- “Yoga, porque as posições são interessantes” (aluno do 4º ano)
- “Yoga, porque meche mais com o corpo” (aluna do 4º ano)
- “Yoga, porque é muito relaxante” (aluna do 4º ano)
- “Cantigas de roda, porque nós brincávamos em roda, cantava e dançava, era muito legal” (aluna do 5º ano)

Lista de valores para viver em sociedade

- “Respeito, educação, consideração, amizade” (aluna do 5º ano)
- “Respeito, dignidade, amor” (aluna do 4º ano)
- “Respeito, dignidade, educação” (aluna do 4º ano)
- “Respeito, educação, harmonia e ser educado” (aluna do 5º ano)
- “Paz, amor, bondade, compreensão, amizade” (aluna do 4º ano)
- “Harmonia, amor e paz” (aluna do 4º ano)
- “Harmonia, solidariedade, amor, amizade” (aluno do 4º ano)
- “Amar ao próximo, independente de raças; fazer o que gosta em relação ao trabalho” (aluna do 4º ano)
- “Amor, igualdade, paz” (aluno do 4º ano)
- “Amor, paz, verdade, não-violência, ação-correta” (aluna do 4º ano)
- “Não-Violência, Ação-Correta, Paz, Amor, Verdade” (aluna do 4º ano)

Conteúdo da “cultura corporal” que deseja conhecer

- “Quero aprender de onde surgiu o Atletismo” (aluna do 5º ano)

“Perna-de-pau, vôlei, futpar, basquete, ginástica, cordas, aulas livres” (aluna do 5º ano)

“Danças, capoeira, basquete” (aluna do 4º ano)

“Corrida, ginástica, basquete, futebol, volei” (aluna do 4º ano)

“Corridas, saltos e lançamentos e outras brincadeiras (aluna do 5º ano)

“Ginástica rítmica, exercícios físicos, alongamentos, ginástica laboral, voleibol (aluna do 4º ano)

“Alerta, perna-de-pau, corrida de sacos, corrida com bola” (aluna do 4º ano)

“Bets, tênis, handebol” (aluno do 4º ano)

“Caçador/Queimada, futpar, xadrez (aluna do 4º ano)

“Caçador, ginástica rítmica, dança, karatê” (aluna do 4º ano)

“Futebol” (aluno do 4º ano)

“Futebol, mãe-bola, caçador” (aluno do 4º ano)

“Volei, futebol, caçador, corda” (aluna do 4º ano)

“Muay-thai” (aluno do 4º ano)

4.2 DISCUSSÃO

Conseguir fazer uma discussão com a profundidade que os dados coletados merecem seria um trabalho hercúleo, digno de um projeto de pesquisa com recursos destinados a ele. Como não é a situação desse trabalho, pretendo me ater a uma condição de análise mais humilde, a partir do meu próprio ponto de vista, das minhas próprias interpretações e da minha sem-vergonhice em apresentar a minha prática pedagógica (coisa que muito professor e professora tem medo de fazer, a minoria, mas têm). O planejamento está aí para ser repensado e adaptado à realidade de qualquer professor de Educação Física. Os dados estão aí para serem comparados – comportamentos escolares de crianças observadas por um ser humano interessado no desenvolvimento humano, mas com olhar particular, que é o professor -, sempre no sentido de valorizar a cultura humana, tentando elevar a humanidade ao nível de harmonia na convivência entre si e com a natureza.

Desse modo, passemos a discussão da primeira etapa da pesquisa-ação, que foi o Diagnóstico. Nessa etapa, o objetivo era identificar que tipos de condutas e comportamentos por parte dos estudantes, durante as aulas de Educação Física, contribuem para o aparecimento de problemas de convivência entre os estudantes. É importante levar em consideração o conceito de “indisciplina” que utilizamos para filtrar as atitudes que causavam problemas durante as aulas. Como já citado nessa pesquisa, ESTRELA (1992, p. 17) coloca que a indisciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como "desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo".

Analisando-se o quadro 6 – Sinais de indisciplina, é possível perceber que os motivos que levam às crianças à condutas indisciplinadas são, geralmente, a ansiedade para sair da sala na aula de Educação Física, a agitação de algumas crianças que tumultuam o ambiente, o excesso de barulho que muitas vezes atrapalha as instruções que o professor dá para realização das atividades, a desorganização e a desobediência às ordens do professor. As crianças parecem ter a habilidade natural de se contagiarem pelo ambiente com facilidade: uma criança em um ambiente agitado tende a agitar-se, assim como uma criança em um ambiente calmo tende a acalmar-se. Assim sendo, o ambiente caótico parece ser uma das determinantes que contribuem no aparecimento de problemas de convivência entre as crianças. Em nosso Diagnóstico, houveram situações em que as crianças chegaram a se agredir fisicamente, confirmando o lapso no conhecimento que tange o “aprender a conviver” e o “aprender a ser”.

A segunda etapa da pesquisa-ação foi dividida em duas sub-etapas: Planejamento da Ação e Ação propriamente Dita. Na primeira sub-etapa, o objetivo foi criar o planejamento pedagógico de modo a operacionalizar as aulas de Valores Humanos através dos conteúdos da Educação Física. Acreditamos que obtivemos sucesso nesse planejamento, ou seja, a maior parte das atividades tiveram coerência ao que se propunham, facilitando o entendimento por parte das crianças com relação aos Valores Humanos. Entretanto, poderemos fazer uma discussão ainda melhor sobre isso, analisando cada módulo dos valores humanos e seus valores específicos relacionados com o conteúdo da EDF – a Ação propriamente Dita - e apontando uma reflexão geral sobre a prática daquela aula. Essa análise irá

se basear no conteúdo exposto no anexo 4 da presente pesquisa, por sintetizar planejamento e ação numa mesma ferramenta de apresentação. Trata-se de tentar perceber alguma lógica, alguma coerência nas anotações das aulas feitas em cada aula, em cada turma, arriscando apontamentos possíveis.

1- Ação-Correta/Capoeira

1.1- Dignidade: nesta aula as crianças puderam ser introduzidas no conhecimento das técnicas de harmonização, conhecimento que pouco vem sendo explorado na escola e que tem muito a ensinar. Algumas crianças ficaram surpresas com a prática incomum no dia a dia escolar. Ao que tudo indica, a criança, acostumada à agitação na escola, estranha a calma proposta pela primeira atividade dessa aula. Em seguida, conecta-se o valor da dignidade com a história da capoeira, de modo a exemplificar o valor na prática. Percebemos que muitas crianças tiveram dificuldade em compreender, principalmente as mais novas. Não acredito que as crianças do 1º ano tenham compreendido a lógica do valor dignidade, uma lógica de garantir determinadas condições de vida para os seres-humanos, os direitos do cidadão. Entretanto, considero benéfico a exposição a esse valor desde cedo. Se ela começa a ter contato no 1º ano, menos mal, porque ainda que sua maturação biológica não esteja apurada o suficiente para compreensão exata do valor, a criança já pode criar uma ligação quando ouvir falar sobre dignidade novamente. A Classe Especial necessitou de uma adaptação do conhecimento durante a aula, visto que não conseguiam compreender a ginga devido à falta do conhecimento da lateralidade. Fizemos uma atividade psicomotora de lateralidade antes de prosseguir no ensino da ginga. Nessa aula eles vivenciaram a atividade do “Capitão do Mato”, um jogo de perseguição, que ficou sendo a brincadeira favorita deles durante alguns meses.

1.2- Perseverança: é possível perceber, através das observações anotadas nessa aula, que as crianças muito novas (5 a 7 anos) e as crianças mais próximas da fase pré-adolescente (9 a 12 anos) apresentaram dificuldades na atividade da harmonização. Os mais novos ficaram se cutucando enquanto a atividade era feita, já os mais velhos questionaram a atividade,

ao que respondi contando dos benefícios práticos que a atividade trazia (melhora da concentração e atenção). Essa resistência com a atividade pode ser mais uma evidência de que é necessário explorar ainda mais esse conhecimento dentro da escola, para as crianças compreenderem a escola como um local tranquilo e divertido e não como um local de ansiedade e desorganização. Mas essa resistência pode, também, ser fruto da atividade não estar adaptada conforme os interesses das crianças, necessitando de instrumental pedagógico adequada para as mesmas. É importante registrar, também, que o uso da técnica da citação facilitou a compreensão do valor perseverança por parte das crianças, provando ser um instrumento adequado para o processo ensino-aprendizagem dos pequenos.

- 1.3- Respeito: a concentração e atenção parecem ter surtido efeito, pois as crianças maiores (9 a 12 anos) ficaram menos agitadas durante a prática da harmonização nessa aula. As pequenas continuaram com dificuldades. As técnicas utilizadas para compreensão do valor – narrativa para o Ciclo I (1º, 2º e 3º anos); e exemplos para o Ciclo II e C.E. (4º e 5º anos e Classe Especial) – pareceram ser um instrumento adequado na transmissão desse conhecimento, pois as crianças aparentemente compreenderam o que esse valor significa. A cada aula ficava mais evidente, também, o prazer que as crianças tinham de fazer a roda de capoeira ao final da aula, momento no qual elas podiam expor os movimentos de capoeira que tinham aprendido, mas num clima descontraído, batendo palmas e cantando.
- 1.4- Responsabilidade: novamente algumas turmas não conseguiram simplesmente se concentrar na harmonização inicial da aula. Os pequenos do 1º ano mantinham sua tradição: ficaram rindo durante a atividade. A novidade dessa vez foram os 3º anos, que estavam muito agitados quando aconteceu essa aula. Como resultado, a atividade foi executada sob muito barulho, o que é oposto ao seu objetivo, que é silenciar a mente. Com relação ao valor transmitido na aula, pude perceber que a compreensão e, principalmente, a vivência da Capoeira

como uma dança, um jogo e uma luta facilitou o aprendizado das crianças com relação ao valor, pois podiam facilmente entender que uma luta é algo que pode ser perigoso, então, é importante ter responsabilidade com esse conhecimento. A C. Especial teve um comportamento completamente distinto das outras classes quando fui dar essa aula pela primeira vez, visto que eles estavam querendo negociar uma aula livre, para eles poderem fazer o que quisessem na aula. Expliquei para eles que nosso acordo era distinto, havíamos estabelecido que em semanas de feriados não teria uma aula livre como de costume. Uma das crianças se revoltou e contagiou as outras crianças com sua emoção, de modo que todas elas desistiram de fazer a aula que eu propunha. Resolvi chamar a pedagoga, para mediar a situação com as crianças. Nós todos conversamos sobre o ocorrido, enfatizando a importância e o direito que é participar das aulas de Educação Física. O efeito disso foi animador, pois as crianças me pediram desculpa e a outra aula foi excelente, com bastante interesse por parte deles. O “revoltadinho” se transformou no “melhor aluno” da aula, participando intensamente e incentivando seus colegas a vivenciarem os movimentos.

2 - Verdade / Xadrez

2.1- Conhecimento: essa aula ficou claramente muito comprida para as crianças menores, visto que tanto no 1º ano quanto no 2º ano a aula não foi completa, faltando realizar atividades que constavam no plano de aula e não puderam ser executadas devido à falta de tempo. É necessário replanejar essa aula para esse público, buscando explorar outros instrumentos pedagógicos para trabalhar esse conteúdo. Para as outras turmas (3ºs, 4º e 5º anos), a aula pareceu bem dimensionada e a gincana proposta foi apreciada, servindo como um eficaz instrumento pedagógico., pois une prazer e conhecimento. A apreensão do valor humano da aula pôde ser exemplificado na prática, visto que estávamos “conhecendo” o jogo de xadrez, o que, sem dúvida, auxilia muito a criança compreender sobre o que estamos falando. Na turma do 5º ano houve uma situação especial, pois mais da metade da turma disse que já sabia jogar. Nessa

aula pude perceber, também, que a C. Especial teria enormes dificuldades com esse conteúdo, visto que exige muito da inteligência lógica, espacial, talvez inteligências fracas para aquelas crianças. É claro que não podemos esquecer suas virtudes, visto que eram fortes em outros tipos de inteligência. Outro destaque dessa aula foi a atenção que as crianças dedicam para escutar as histórias e estórias que contamos durante essa aula, mostrando ser uma ótima técnica pedagógica.

2.2- Reflexão: uma aula em que as atividades foram os “jogos pré-enxadrísticos” e que exigia bastante das crianças nos quesitos de lógica e cognição. Trata-se de uma aula em que ficou evidente o processo de maturação biológica exposto por Piaget, justamente na linha de cognição, na qual as fases pelas quais as crianças passam são determinadas, em parte, pela maturação biológica do cérebro. As turmas do 1º e 2º ano demoraram 3 aulas para apreensão do conteúdo, as turmas do 3º ano demoraram 2 aulas, as turmas do 4º e 5º ano demoraram apenas um e a Classe Especial obteve um resultado especial: 5 aulas para compreensão do conteúdo. Fica clara, aqui, a dificuldade que as crianças que compõem essa Classe Especial possuem no conhecimento relativo ao “aprender a conhecer” e “aprender a fazer”. Nem por isso significa que nos outros tipos de aprendizagem sejam ignorantes. Em verdade, muito pelo contrário, posso afirmar em minha experiência cotidiana com elas, que possuem um belo senso de justiça, apesar de muitas vezes não o praticarem por falta de controle dos instintos. Esse senso de justiça compõe um arcabouço teórico necessário para a convivência harmoniosa, mas não é suficiente para obter isso, visto que ainda fica faltando colocar em prática esse senso de justiça. Desse modo, a Classe Especial pode ser classificada como um grupo de crianças e pré-adolescentes que possuem um transtorno de aprendizagem cognitivo, mas nem por isso precisam viver em permanente tensão e desarmonia. Em verdade, a desarmonia de caráter das crianças da Classe Especial já seria um outro estudo deveras interessante para se realizar no futuro.

2.3- Discernimento: essa aula foi planejada no sentido de aproveitar o

conhecimento do valor das peças e das fases do jogo de xadrez para conhecer também o valor humano do discernimento. Nessa aula resolvi continuar o trabalho das harmonizações no início das aulas de maneira esporádica, pois percebi que essa atividade estava encontrando muita resistência por parte das crianças e também ela seria aprofundada no conteúdo seguinte, que seria o yoga. Com relação ao objetivo principal da aula, pode-se dizer que ele foi cumprido: as crianças conseguiram compreender o que é discernimento, principalmente pela atividade realizada na aula de propor troca de peças durante a partida de xadrez e julgar se valia ou não a pena realizar a troca, baseando-se no critério do valor de cada peça. Os problemas de indisciplina, excesso de conversa e barulho durante os desafios professor x turma que aconteceram no tabuleiro magnético durante essa aula, podem ter sido causados pela dificuldade das crianças em manterem a atenção e a concentração num só foco, que no caso é o jogo de xadrez e as situações-problema que ele propõe.

2.4- Atenção: uma aula na qual nosso foco foi ensinar algumas armadilhas do jogo de xadrez para mostrar para as crianças a real necessidade de se prestar atenção à realidade que nos rodeia. Para as crianças do 1º ano, fizemos uma situação especial, pois em minha percepção não poderia avançar o conhecimento sendo que as bases ainda não estavam firmes. Resolvi recapitular a movimentação das peças com essa turma. As turmas do 2º ano em diante não tiveram problemas para assimilar as armadilhas expostas e perceber a necessidade e importância do valor da atenção. Interessante notar que as crianças, durante a explicação da citação de Goethe, mostraram vontade de saber mais quem foi ele, suas obras, sua importância para a literatura. Houve alguns problemas de indisciplina, numa turma do 3º ano e no 4º ano. Com os alunos do 3º ano fizemos um pacto para que mudassem seu comportamento, explicando-lhes que estavam prejudicando o aprendizado de seus colegas. Com os alunos do 4º ano tivemos uma conversa mais séria, pois estavam extrapolando os limites que combinamos já pela segunda aula seguida.

3 - Paz / Yoga

3.1- Concentração: nessa aula nosso intuito foi introduzir as crianças ao conteúdo do yoga, explicando a importância da “concentração” nessa prática e também na vida. Quando contamos a história do yoga e realizamos as posturas, na parte prática da aula, as crianças, no geral, conseguiram manter a concentração. Entretanto, nas práticas respiratórias e na meditação, que seriam os momentos em que a concentração seria mais exigida, não houve esforço por parte das crianças. Minha postura foi de exaltar os benefícios dessas práticas, citando melhoras no corpo (melhor oxigenação das células), na mente (facilidade de controlar os próprios pensamentos) e espírito (união com a essência). Com relação à C. Especial, é importante colocar que as crianças não se interessaram muito pela prática num primeiro momento, talvez pelo fato dessa ter sido a primeira aula em que exploramos um espaço novo da escola, o pátio coberto.

3.2- Silêncio Interior: nessa aula tentamos ampliar a base de conhecimentos acerca do yoga, mostrando a relação dos chakras com as glândulas hormonais e tentando estabelecer uma reflexão através da pirâmide das necessidades humanas. Nessa aula já houve uma melhora por parte das crianças com relação ao silêncio durante as práticas que exigiam mais concentração, levando a crer que a agitação da primeira aula foi devido à empolgação pelas atividades novas, atividades que talvez nunca tivessem vivenciado (exercício respiratório e meditação). Na aula do 5º ano houve problemas com um aluno que simplesmente atrapalhou demais a aula com sua agitação e vontade de conversar durante os momentos em que era importante fazer silêncio. Tive de tomar uma atitude extrema, de retirar o aluno da prática, pois seu comportamento estava atrapalhando o desenrolar da aula e, em minha visão, é injusto um aluno atrapalhar o aprendizado de uma turma inteira devido ao seu comportamento, embora também não julgo como sendo a melhor atitude a ser tomada. Contudo, nós professores temos de tomar atitudes muitas vezes sob pressão da situação, e muitas vezes erramos.

3.3- Autocontrole: nessa aula buscamos explicar o que é “autocontrole” através da comparação dessa característica entre os animais e seres-humanos. Para manter a concentração da turma, adotamos uma nova estratégia: combinamos um “voto de silêncio” com as crianças, após contextualizar o significado desse voto na Índia, país de origem do yoga. As turmas corresponderam muito mais durante essa aula, pois em virtude do silêncio conseguiam se concentrar mais nos detalhes das explicações de cada postura. Isso mostrou que as crianças queriam manter o voto realizado no início da aula. Algumas turmas apresentaram problemas para manter o voto de silêncio nas atividades do final da aula, mas no geral, a aula foi muito mais proveitosa. Mais uma vez a turma do 5º ano apresentou problemas de indisciplina, principalmente no momento em que eu tentava explicar as diferenças entre animais e seres-humanos. Optei, como medida educativa, trocar a explicação verbal por uma pesquisa que as crianças deveriam fazer sobre quais as diferenças entre animais e seres-humanos. O conteúdo prática dessa aula foi retomado na aula seguinte para a turma do 5º ano.

3.4- Paciência: nessa aula nosso intuito era tentar estabelecer uma noção do valor da paciência na cabeça das crianças. Procuramos, desse modo, utilizar exemplos práticos para mostrar em que situações a paciência pode se manifestar, como no trânsito, por exemplo, para facilitar o entendimento das crianças. Tentamos estabelecer umnexo entre o yoga e a paz, colocando o primeiro como plano prático do segundo. Nas anotações dessa aula parece que ela transcorreu tranquila e sem problemas, entretanto, somente quem é professor de crianças sabe quanta tensão temos de enfrentar com uma turma de crianças querendo defender seus interesses de conversar e se socializar. É importante notar que a turma do 5º ano ficou sem realizar essa aula, pois o planejamento estava muito atrasado em relação às outras turmas, e optamos pelo corte.

4 - Amor / Dança

4.1- Igualdade / Brinquedo Cantado: essa aula surgiu da ideia de resgatar a noção grega de que a igualdade dos cidadãos, na *polis*, era manifesta na

formação dos nobres em círculo e a brincadeira proposta, uma atividade rítmica, seria realizada em círculo. Para as turmas das crianças mais maduras – 5º ano, C. Especial, 9 a 12 anos -, explicamos que o valor da igualdade deveria se refletir em nossa sociedade a partir da igualdade perante a lei. Exceto a turma do 1º ano, todas as outras turmas já conheciam a cantiga trabalhada nessa aula. A turma do 5º ano voltou a surpreender, negativamente mas, dessa vez, também positivamente: enquanto que na primeira aula não conseguimos sair para a prática, devido ao excesso de conversas durante a explicação da atividade. Minha percepção era a de que eles estavam confundindo uma aula participativa – pois é nas aulas de Educação Física que as crianças possuem mais liberdade – com uma aula bagunçada. Desse modo, preferi explicar a diferença entre esses dois tipos de aula, enfatizando a importância da participação das crianças, mas também não deixando cambaleiar para as conversas paralelas cada vez que alguém faz algum comentário. O lado positivo foram as coreografias, apresentadas na segunda aula – a parte prática da mesma aula -, que foram muito criativas. A turma do 4º ano também apresentou bastante criatividade nas coreografias. Já a C. Especial trouxe uma surpresa positiva, pois um aluno que sempre comentava com preconceito as danças das meninas na hora do intervalo, mostrou grande interesse pela atividade rítmica e depois pela coreografia, querendo demonstrar sua criatividade. Por fim, enfatizo que o diferencial dessa aula foi a roda, o círculo: até umas das alunas do 5º ano escreveu que foram suas atividades preferidas justamente por brincar em roda, em círculo.

4.2- Devoção / Danças Circulares: nessa aula nosso objetivo foi praticar o valor da “devoção” a partir das danças circulares, que é um conteúdo corporal que evoca a dimensão espiritual através da dança, como pudemos verificar na literatura consultada para a presente pesquisa. Essa aula exigia bastante trabalho em grupo, visto que solicitava um trabalho em grupo para a aula seguinte – pesquisar uma cantiga de roda – e ao final da aula montar uma coreografia baseada na música trabalhada

durante a aula. Algumas crianças apresentaram problemas nesses trabalhos em grupo, mostrando ainda um certo despreparo para lidar com os conflitos da coletividade e se organizar para realizar algo em comum. Entretanto, vários grupos, principalmente das crianças maiores, apresentaram coreografias muito criativas, o que revela que o interesse pelo conhecimento por parte da criança modula em boa parte o que irá resultar dele. Algumas crianças apresentaram a característica da inibição, principalmente as menores, pois tinham vergonha de se expor, vergonha de dançar. Como professor, procurei incentivar ao máximo a participação delas nas atividades, embora numa postura branda, muito longe de obrigar qualquer criança a realizar a atividade. Houve problemas com uma turma do 3º ano, que simplesmente não se interessou pela atividade como as outras turmas e não quiseram se envolver na prática da coreografia proposta. Resolvi ameaçá-los de sair da prática, retornando à sala de aula, que é um dos pesadelos das crianças durante as aulas de Educação Física, diferenciada justamente por esse fator. Entretanto, talvez essa não tenha sido a melhor atitude, visto que eles ignoraram isso e me vi obrigado a cumprir a ameaça, cortando a prática. Isso é muito ruim para nós professores, visto que reflete a perda do respeito que a figura do professor possui na sociedade atual.

4.3- Alegria / Cantigas de Roda: essa aula surgiu da “alegria” que podemos vivenciar quando cantamos em grupo. Para a turma do 1º ano, eu mesmo ensinei algumas cantigas de roda. Já para as turmas a partir do 2º ano, foi solicitada a pesquisa em grupo na aula anterior e nessa aula seria realizada a apresentação dessa pesquisa. As crianças trouxeram variadas cantigas de roda, entretanto, tiveram alguns grupos que não conseguiram se organizar para realizar a pesquisa solicitada. Mesmo assim, puderam resgatar o conhecimento participando das práticas envolvendo as cantigas de roda que os colegas trouxeram. Essa aula serviu, ainda, para instruir as crianças sobre as diferenças entre o valor da alegria e da felicidade, bem como para mais uma vez as crianças demonstrarem toda a criatividade presente nas coreografias.

4.4- Amizade / At. Rítmicas e Expressivas: essa aula foi elaborada a partir de um vídeo que tive contato na internet, do grupo conhecido como “Barbatuques”. Nesse vídeo, o grupo cria várias músicas através de barulhos produzidos somente pelo corpo: trata-se da percussão corporal. Através desse conteúdo corporal nosso objetivo foi transmitir e fortalecer a noção do valor da “amizade”, colocando o exemplo de uma banda de música. Foi interessante notar que as crianças tiveram dificuldades para explorar a sonoridade de seus corpos, algo que, como professor, achei que elas teriam facilidade. Um destaque positivo se deu por conta do interesse de um aluno da C. Especial por esse conteúdo, visto que até então ele não tinha tido interesse por nenhuma aula completa até o momento, exceto por atividades aleatórias em algumas aulas. Vale a pena enfatizar que esse aluno possui laudo de “autismo”, valorizando ainda mais o fato de apresentar interesse nesse conteúdo. Tivemos problemas de indisciplina com a turma do 4º ano, que me interrompeu diversas vezes enquanto eu tentava explicar o conteúdo e, também, com as condições materiais nas turmas do 4º e 5º ano, visto que a televisão e o aparelho de DVD dessas salas não estavam funcionando, inviabilizando a exibição dos vídeos que gravamos para ilustrar a aula.

5 - Não-Violência / Jogos Cooperativos

5.1- Cooperação: a ideia para essa aula era compreender o valor humano da “cooperação” através da sua diferenciação para o valor da “competição”. Para isso, utilizamos a criação de um quadro de características dos jogos “cooperativos” e “competitivos” (exceto para a turma do 1º ano, que não utilizamos esse quadro pois achei muito complexo para entendimento dos pequenos). Em seguida, o intuito foi de exemplificar essas características comparando uma brincadeira “competitiva” e uma “cooperativa”: a brincadeira escolhida para comparação foi a “dança da cadeira”. A escolha por essa brincadeira se deu pois se trata de uma brincadeira muito conhecida na cultura infantil e é uma brincadeira que exclui o perdedor, sendo de caráter “competitiva”. Já a brincadeira que apresentamos na aula, a dança da cadeira cooperativa, serviu de contraponto para

exemplificar o valor humano dessa aula. Houveram problemas de indisciplina nas turmas dos 3ºs anos, visto que aproveitaram a brincadeira para gritar e fazer muito barulho, criando um certo caos durante a mesma. Já na C. Especial houve uma situação delicada, em que os meninos aproveitavam a brincadeira para fazer com que as meninas sentassem em seus colos, sexualizando a mesma. Acredito que a atitude de tentar desvincular a sexualidade da brincadeira foi adequada para o momento.

5.2- Unidade: aproveitamos essa aula para falar um pouco sobre a teoria da complexidade, desenhando no quadro, para as turmas do 2º ano em diante, um esquema que ia da menor partícula conhecida pela humanidade (o quanta) até a maior (o universo). Explicamos que tudo no universo é composto da mesma unidade e que a diferença entre tudo está no nível de complexidade em que a unidade é organizada. A transposição desse conceito para a prática, através da atividade da “queimada cooperativa”, que resultava na formação de uma só equipe, uma só unidade, foi facilmente realizada pelas crianças.

5.3- Fraternidade: tentamos conectar, nessa aula, o valor humano da “fraternidade” com a “irmandade” da espécie humana: não importa se as pessoas que te rodeiam são seus irmãos de sangue ou não, mas sim o sentimento que você cultiva por essas pessoas. Se esse sentimento for o sentimento da fraternidade, então terá todos os seres-humanos como irmãos e irmãs em busca dos mesmos objetivos: elevar a consciência humana a níveis de compreensão holística do universo. Essa foi a mensagem que tentamos transmitir através dessa aula. Tivemos problemas para dar as mãos e formar as duplas do “futpar”, o futebol em duplas, nas turmas dos 3ºs anos, 5º ano e C. Especial. Os menores e a turma do 4º ano não tiveram esse problema, talvez por uma melhor convivência das crianças que compõem essas turmas. Como forma de contornar essa resistência do contato corporal com outros colegas, procuramos ressaltar o valor da “fraternidade”, mostrando que aqueles colegas com quem a criança daria as mãos são todos irmãos. Na turma do 4º ano aconteceu uma organização em 3 equipes e a dinâmica ficou

assim: 2 equipes jogavam enquanto a outra ajudava a marcar as faltas. Essa função permitir avaliar o senso de justiça das crianças, ao que pode avaliar como sendo apurado, conforme pode ser conferido nas anotações das aulas.

5.4- Solidariedade: nessa aula a intenção foi realizar um fechamento em grande estilo dos jogos cooperativos, com várias brincadeiras que exigiam cooperação em duplas, trios, grupos de 5, grupos de 10 e a turma toda. Como imaginei, as crianças se interessaram bastante pelas atividades, tornando o processo pedagógico muito mais fácil de ser conduzido e prazeroso, tanto para mim quanto para as crianças. O valor da “solidariedade” foi exemplificado através de citações, através de encenação e através de estória, sendo exigido durante as atividades práticas. Para a turma do 5º ano o conteúdo foi retomado após o Encontro Esportivo.

A terceira etapa da pesquisa-ação foi a Avaliação. Realizamos essa etapa para verificar se houve alteração no nível de desenvolvimento moral das crianças conforme elas estiveram em contato com a prática pedagógica dos Valores Humanos a partir dos conteúdos da Educação Física. E podemos perceber que houve sucesso. A maioria das crianças obtiveram melhora no seu nível de desenvolvimento moral, acarretando numa elevação da média aritmética simples do escore das crianças de ambas as turmas que participaram dos testes. Esse resultado, levando-se em conta as limitações que o instrumento de avaliação utilizado nessa pesquisa possui (por ser um questionário aberto abre muita margem para interpretações subjetivas), nos permite apontar que o método “educare”, aliado aos conteúdos da Educação Física, auxiliaram as crianças a uma melhora no nível de desenvolvimento moral e, conseqüentemente, numa aproximação do nível de consciência mundicêntrico, um nível mais amplo que o nível egocêntrico inicial.

Sem dúvida alguma são necessárias mais pesquisas, utilizando-se outros critérios como: maior tempo de exposição ao método proposto entre a aplicação do primeiro e do segundo questionário, maior número de indivíduos avaliados, pesquisa longitudinal avaliando a evolução da criança ano após ano em contato com o método proposto; entretanto, fica o indício de que existe um caminho a ser trilhado

para o desenvolvimento da consciência humana a partir do método proposto nessa pesquisa.

Finalmente, a quarta etapa da pesquisa-ação foi a Reflexão. Nessa etapa da pesquisa nosso objetivo era conversar com as crianças sobre suas impressões acerca das experiências que tinham vivenciado, tanto na área da “cultura corporal” quanto na área dos “valores humanos”. Nosso interesse foi procurar entender se a percepção global que as turmas possuíam acerca do próprio comportamento e, também, acerca do comportamento dos colegas.

Fazendo uma leitura dos resultados constantes nessa etapa da pesquisa é possível tirar algumas conclusões importantes:

- as crianças compreenderam satisfatoriamente o que são valores humanos, valorizando esses valores como algo essencial para a humanização do bicho-homem, como, demonstram, por exemplo, quando escrevem que “são o que a gente precisa aprender e respeitar” ou “é aquilo que vale muito para o ser-humano”;
- os significados que as crianças aplicam para cada valor humano apontam para uma simplicidade infantil e inocente, entretanto, uma enorme sabedoria, como por exemplo: ao definir paz a criança escreveu que “significa um sentimento bom consigo mesmo”. Talvez muitos líderes religiosos ou filósofos da ética e da moral não conseguiriam extrair um significado tão simples e sábio do mesmo valor;
- as crianças percebem seu próprio comportamento sempre num contexto positivo, ou seja, quando a criança diz que “não mudou nada”, significa que ela valoriza como sendo algo bom não mudar, ser sempre a mesma pessoa. Interessante reparar que dois alunos do 4º ano colocaram que “começaram a ficar quietos” durante as aulas, sendo que um de seus amigos – os três sempre sentavam próximos em sala de aula -, colocou o inverso, julgando que agora “todos estão chatos”;
- as crianças percebem o comportamento dos colegas, ou seja, o comportamento coletivo de maneira contraditória, visto que algumas crianças consideram que houve melhora no comportamento geral dos colegas, e outras consideram exatamente o oposto, uma piora no

comportamento. Exemplo perfeito disso é a manifestação de dois alunos da mesma turma (4º ano): enquanto um coloca que “eles estão mais quietos”, outra coloca que “todos continuam conversando”;

- as crianças apreciaram muito o aprendizado teórico e a vivência prática da yoga, sendo a mais citada como conteúdo mais interessante trabalhado na ação da pesquisa (7 citações), em segundo lugar ficou a capoeira (3), em terceiro xadrez (2) e, finalmente, em quarto lugar, empatados, jogos cooperativos e cantigas de roda (1 cada);
- a lista de valores para viver em sociedade demonstra que o valor mais importante para esse fim segundo as crianças é o respeito (4 citações como o mais importante), seguido de amor (3), harmonia (2), paz e não-violência (1 cada). Mas as crianças não esqueceram da importância de outros valores, escalados em outras posições das listas elaboradas: educação e amizade (3 citações cada em qualquer posição das listas); ação-correta, verdade e dignidade (2); bondade, solidariedade e igualdade (1);
- as crianças desejam aprender uma variedade muito grande de conteúdo da “cultura corporal”, o que exige uma variação de ano para ano dos conteúdos. Seria interessante a elaboração de um plano plurianual para trabalhar os diversos conteúdos citados através do método pedagógico proposto nessa pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática exposta e considerada como cenário da presente pesquisa – as crises do século XXI – e sua relação com o sistema social e educacional nos revelam um problema de complexidade imensa, que dificilmente será resolvido de uma hora para outra ou sem o ser-humano se esforçar para alterar esse cenário. A problemática que estamos nos relacionando aqui é de nível global e necessita de uma mudança de discursos, valores e, principalmente, atitudes, para que uma resposta à altura do problema seja traçada.

Quando colocamos essa pesquisa num nível mais próximo de sua micro-realidade de atuação, ou seja, quando questionamos os reflexos das crises do século XXI nas crianças que frequentam as escolas, então é possível trabalhar num plano mais palpável, um universo passível de prática científica. Desse modo, cabe aqui, nas considerações finais, deixar explícito que nem de longe a presente pesquisa conseguiu resolver o problema que expõe em seu primeiro capítulo, a solução das crises. Entretanto, a presente pesquisa serviu para nos fornecer resposta válida para o questionamento de como reduzir os problemas de convivência entre os estudantes na escola e contribuir para a vivência de situações sociais pacíficas, harmoniosas e cooperativas através das técnicas do método “educare” aplicadas ao conteúdo da Educação Física.

Ora, uma metodologia, com conexão de conteúdos ético-corporais-espirituais, foi criada e aplicada numa escola durante aulas de Educação Física para crianças do 1º ao 5º ano e uma Classe Especial. Vale ressaltar o registro de todo esse trabalho, a partir das anotações e diários de classe, algo que serviu também para ampliar a minha consciência enquanto professor, pois no exercício da pesquisa, pude refletir profundamente sobre a minha prática pedagógica e a forma com que eu construía a relação com as crianças durante as aulas. Um estudo em que estiveram presentes diversos elementos da antropologia, da psicologia, da sociologia, da filosofia, que buscou uma aproximação à transdisciplinaridade.

Com relação à avaliação das hipóteses testadas nessa pesquisa, podemos afirmar que todas elas puderam ser confirmadas, algumas diretamente, outras

indiretamente.

Pode-se afirmar que o método “educare” é um instrumento pedagógico coerente com o objetivo de tentar transformar/aprimorar o caráter das crianças e, por conseqüência, a convivência das crianças no ambiente escolar e em outros ambientes, como na família – confirmando a primeira hipótese e que a aplicação do método “educare” em conjunto com o conhecimento de que trata a cultura corporal, durante o espaço-tempo pedagógico das aulas de Educação Física escolar, foi suficiente para melhorar o convívio dos estudantes, tanto entre si, como com relação às pessoas de outras esferas sociais (da família, por exemplo) – confirmando a segunda hipótese. As técnicas e o conteúdo do método “educare” se mostraram eficientes para melhorar o convívio das crianças, visto que facilitava o entendimento prático dos valores humanos.

Pode-se afirmar, também, que o conteúdo da Educação Física escolar foi utilizado com sucesso para gerar vivências, reflexões e novas ações conscientes acerca dos valores humanos, facilitando sua exteriorização nas crianças – confirmando a terceira hipótese. Realmente algumas atividades corporais casaram perfeitamente com os valores humanos em que foram propostas, entretanto, ainda é necessária a construção de diversas outras experiências, com diversas outras atividades corporais, para melhor avaliar esse quesito.

Já a quarta hipótese pode ser confirmada indiretamente, visto que não pudemos medir a autoconsciência das crianças, para verificar se ela foi ampliada ou não, mas pudemos perceber que houve uma melhora no nível de desenvolvimento moral as crianças em contato com a intervenção pedagógica e, considerando a relação existente entre nível de desenvolvimento moral e nível de consciência, então podemos inferir uma melhora também no nível de consciência dessas crianças, uma tendência e aproximação de desenvolvimento do nível de consciência etnocêntrico, já superando o nível egocêntrico.

Considerando o objetivo principal dessa pesquisa, que era realizar apontamentos no sentido de algum método educacional da área da Educação Física que contribuísse na melhora do convívio, auto-conhecimento e consciência dos estudantes, então podemos afirmar que ele foi cumprido: o método está aí colocado e testado. É claro que mais testes são necessários; mas essa prática pedagógica

não tem fim: pode ser criada e recriada ao infinito, sempre melhorando na espiral evolutiva do tempo.

Considerando os objetivos específicos propostos para encontrar resposta ao problema exposto na pesquisa, pode-se afirmar que todos eles foram contemplados. Na revisão de literatura, tentamos dar conta de apontar a relação teórica entre o método “educare”, os conteúdos da Educação Física e a transformação social que se pretende. No diagnóstico procuramos observar a realidade de convivência entre as crianças, anotando fatos que representassem situações de indisciplina. No planejamento da ação nosso intuito foi de formular um planejamento pedagógico de intervenção a partir dos pressupostos apresentados. Na ação propriamente dita aplicamos o planejamento nas turmas selecionadas pelo recorte dessa pesquisa e observamos a ocorrência de problemas de convivência. Finalmente, avaliamos e refletimos em conjunto com os estudantes sobre as consequências da prática pedagógica durante a pesquisa.

A contribuição da presente pesquisa foi no sentido de ampliar a discussão dos valores humanos dentro da Educação Física e de todo o sistema educacional brasileiro e do mundo. O processo educacional não pode estar somente limitado à inteligência intelectual, mas deve estar focado no desenvolvimento do melhor que cada indivíduo possui: para isso, vale dizer, não são necessários apenas professores e professoras, são necessários sábios e sábias, mestres e mestras, seres que tenham a sensibilidade de perceber os anseios, necessidades, emoções, sentimentos, intuições dos seres com que eles estejam lidando, seres super-humanos. A educação deve começar a levar em conta a inteligência emocional e, principalmente, a inteligência espiritual, pois é somente considerando o ser-humano como um todo em suas dimensões que a escola poderá ter alguma influência positiva na vida das ocupadas crianças de hoje. Fica como legado dessa pesquisa um novo método a ser explorado, o método da Educação Física, Ètica, Humanista e Espiritual.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Faculdade Educação, São Paulo, v. 24, nº 2, julho, 1998.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=en&nrm=iso] Acessado em 05/6/2011.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BIAGGIO, A. M. B. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2006.

BIAGGIO, A. M. B.; BARRETO, M. S. L. Adaptação de uma medida objetiva de julgamento moral. In.: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 43, n. 1/2, 1991.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BRACHT, V. "Esporte na escola e esporte de rendimento". **Revista Movimento**, nº 12, pp. 14-24, 2000.

BOFF, L. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Brasília: Letraviva, 2000.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal do jogo**. Coleção educação física escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica-social; volume 4. São Paulo: Ícone, 2005.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1999.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos: Renovada, 2000.

BROWN, G. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BUCKE, R. M. **Consciência Cósmica**: estudo da evolução da mente humana. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1982. IN: DANUCALOV, M. A. D. **Neurofisiologia da Meditação**: investigações científicas no Yoga e nas experiências místico-religiosas a união entre a ciência e espiritualidade. São Paulo: Ed. Phorte, 2009.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2001.

Coletivo de Autores. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos**: em busca de novos paradigmas na educação física. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CRISTO, S. A. S., **Xadrez na sala de aula**: aproximações pedagógicas. São José dos Campos: Pulso, 2010.

Curitiba. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno pedagógico: educação física/Secretaria Municipal da Educação**. Curitiba: SME, 2008.

Curitiba. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Diretrizes curriculares para a Educação Municipal de Curitiba – volume 1: princípios e fundamentos.** Curitiba: SME, 2006.

Curitiba. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Diretrizes curriculares para a Educação Municipal de Curitiba – volume 3: ensino fundamental.** Curitiba: SME, 2006.

D'ALMEIDA, S. G. **Quais são os valores sociais e o caráter moral do capitalismo e onde eles aparecem no mundo contemporâneo?** Cubatão/SP: Colégio Equipe, 2006. Disponível em: [<http://www.colegioequipe.g12.br/arqs/download/3422.pdf>] Acessado em 20/2/2011.

DELORS ET AL. **Educação: um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução: José Carlos Eufrazio. Brasília/São Paulo: UNESCO/Ed. ASA/Cortez: 1997.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 3ª ed. Porto: LDA, 1992. In: DAMKE, A. S. Indisciplina escolar: percepção social dos professores. UTP, ?

Disponível em: [<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT13-2124--Int.pdf>] Acessado em 11/6/2011.

FREITAS, J. L. **Capoeira Pedagógica.** Curitiba: J.L. De Freitas, 2005.

FONSECA, V. & MENDES, N. **Escola, escola, quem és tu?** Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano. Lisboa: Editorial Notícias, [s.d.].

GALLO, S. **O paradigma anarquista em educação.** 1996.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

LIMA, P. G. **Indisciplina na escola**. Revista Educere Et Educare, Cascavel, v. 4, nº 8, julho/dezembro, 2009.

Disponível em: [\[http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewArticle/2198\]](http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewArticle/2198) Acessado em 05/6/2011.

LOVISOLO, H. “Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola”. **Revista Movimento**, ano VII, nº 15, pp. 107-117 (2001).

MARASLIS ET AL. **Programa Sathya Sai Educare: Educando com Valores Humanos – Manual para Educadores**. Belo Horizonte: Instituto Sri Sathya Sai de Educação do Brasil, [s.d.].

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

MARTINELLI, M. **Conversando sobre Educação em Valores Humanos**. 3ª edição. São Paulo: Peirópolis, 1999.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NICOLESCU, B. **Reforma da Educação e do Pensamento: Complexidade e Transdisciplinaridade**. Tradução de Paulo dos Santos Ferreira. 2005.

Disponível em: [\[http://www.mat.feis.unesp.br/pos/aulas/adauto_nunes_cunha/Lupasco-Reforma_da_educacao_e_do_pensamento.pdf\]](http://www.mat.feis.unesp.br/pos/aulas/adauto_nunes_cunha/Lupasco-Reforma_da_educacao_e_do_pensamento.pdf) Acessado em: 12/6/2011.

ROHDEN, H. **Educação do Homem Integral**. São Paulo: Martin Claret, 1998.

RUSSEL, P. **O buraco branco no tempo**. Brasília: Ema Vídeo. Videocassete (27min): VHS, son., color, 1992.

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª edição. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: [<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>]

SANTOS, B. S. "O norte, o sul e a utopia". In: SANTOS, B. S. **Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, pp. 281-348, 2001.

SARASWATI, S. S. **Yoga education for children**. India: Yoga Publications Trust, 2007.

SOLER, R. **Jogos Cooperativos para Educação Infantil**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, [s.d.].

TEN CATEN, C. A. **Discutindo valores humanos na educação física escolar: a partir do movimento humanista**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2004.

TUBINO, M.J.G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

VIEIRA, JOSÉ LUIZ LOPES. **Avaliação do Desenvolvimento Moral de Adolescentes em Relação a Dilemas Morais da Vida Diária e da Prática Desportiva**. Dissertação de Mestrado, UFSM, Santa Maria, 1993.

WEILL, P. **Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real**. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

Disponível em: [<http://www.pierreweil.pro.br/Livros/Portugues/on%20line/Holistica%20-%20Uma%20Nova%20Visao%20e%20Abordagem%20do%20Real.pdf>]

WILBER, K. **A visão integral:** uma introdução à revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do universo e de tudo mais. Tradução: Carmen Fischer. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

WOSIEN, B. **Dança:** um caminho para a totalidade. Tradução: Maria Leonor Rodenbach e Raphael de Haro Júnior. 2ª edição. São Paulo: TRIOM, 2006.

ZOHAR, D. & MARSHALL, I. N. **O ser quântico:** uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência baseada na nova física. Tradução: Maria Antônia van Acker. Editora Best Seller, 1990.

ZOHAR, D. & MARSHALL, I. N. **SQ:** connecting with our Spitirual Intelligence. NY/London: Bloomsbury Publishing, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1: Questionário de dilema da vida esportiva

Alex é um jogador profissional de futebol. Ele joga na defesa para uma equipe que terminou em último lugar no ano passado. Este ano a equipe de Alex, tem feito boa campanha e podem passar às finais se eles ganharem o último jogo. O novo técnico da equipe tem encorajado os jogadores a jogarem com agressividade. O time adversário da última partida tem um jogador que é a “estrela” e é o melhor jogador tendo feito a maioria dos gols de sua equipe. Sem este jogador o time de Alex poderia vencer facilmente o jogo. O técnico da equipe de Alex diz para os defensores ignorarem as regras e tentar machucar aquele jogador, para eliminá-lo do jogo. Devido à posição na qual joga, Alex é quem deverá cumprir as ordens.

1 - Deveria Alex cumprir as ordens do técnico? Por que sim? Ou por que não?

2 - Caso o jogador adversário tivesse machucado Alex em um jogo anterior, isto faria diferença na atitude que Alex deveria tomar? Por quê?

3 - Caso Alex tivesse que cumprir as ordens, deveria ele machucar o adversário mesmo que este fosse um velho amigo de escola? Por quê?

4 - No futebol freqüentemente ocorrem “contusões”, deve Alex dentro das regras tentar machucar o adversário? Por quê?

5 - As regras devem ser sempre cumpridas? Por quê?

6 - Em que deve pensar um jogador antes de decidir machucar intencionalmente outro jogador?

ANEXO 2: Questionário de dilema da vida diária

A esposa de Pedro está morrendo de um tipo de câncer. Os médicos acreditam que um tipo especial de remédio poderá salvá-la. O farmacêutico criador do remédio vende-o por um preço dez vezes acima do valor gasto para fazê-lo. Pedro não possui o dinheiro para comprá-lo e com empréstimos conseguiu somente a metade do dinheiro necessário. Pedro disse ao farmacêutico que sua mulher estava morrendo e pediu para ele baixar o preço ou deixá-lo pagar depois, mas o farmacêutico recusou. Ele disse que investiu muito do seu tempo e que agora pretende obter muito dinheiro com sua descoberta. Então, Pedro desesperado, esperou anoitecer e assaltou a farmácia para roubar o remédio para sua mulher.

1 - Deveria Pedro ter roubado o remédio? Por que sim? Ou por que não?

2 - Faria diferença caso Pedro não amasse mais a sua mulher? Por quê?

3 - Faria diferença se a pessoa que estivesse morrendo fosse um desconhecido?
Por quê?

4 - Caso Pedro fosse pego roubando, a lei deveria puni-lo igual a um outro ladrão qualquer? Por quê?

5 - As leis devem ser sempre obedecidas? Por quê?

6 - Em que deve pensar uma pessoa antes de decidir roubar?

ANEXO 3: Questionário de reflexão sobre a “cultura corporal” e os “valores humanos”

- 1) Na sua opinião, o que são valores humanos?
- 2) Escolha um dos cinco valores humanos trabalhados (Ação-Correta, Verdade, Paz, Amor e Não-violência) e escreva o que você acha que ele significa.
- 3) Observando o seu comportamento na escola no começo do ano e comparando com seu comportamento agora, você acha que mudou alguma coisa?
- 4) Observando o comportamento dos seus colegas no começo do ano e agora, houve alguma mudança?
- 5) Dentre os conteúdos de Educação Física trabalhados até agora (Capoeira, Xadrez, Yoga, Dança e Jogos Cooperativos), qual deles achou mais interessante? Por quê?
- 6) Elabore uma lista de valores que você julga como sendo os mais importantes para viver em sociedade, classificando em ordem de importância.
- 7) Elabore uma lista de atividades de Educação Física que considera interessantes para serem trabalhadas no restante do ano.

ANEXO 4: Planos de aula e suas respectivas observações**PLANO DE AULA CAPOEIRA 1**

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Lutas – Capoeira

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Ação Correta

VALOR HUMANO RELATIVO: Dignidade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 28/02/2011 a 04/03/2011

CONHECENDO A AÇÃO-CORRETA ATRAVÉS DA CAPOEIRA**OBJETIVOS**

- Conhecer e vivenciar a “Ação-Correta/Dignidade” através do conteúdo da Capoeira;
- Conhecer a história da Capoeira, vivenciando uma brincadeira de perseguição e captura;
- Conhecer e vivenciar alguns movimentos da luta (ginga, cocorinha, meia-lua de frente e benção).

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é dignidade?”
- Perguntar às crianças o que é “dignidade”.
- Explicar a elas, através de exemplos, o que é a “dignidade”.
- Explicar para as crianças a história da capoeira. Ao final da história questionar

se era “digno” ou “correto” manter as pessoas escravizadas.

- “Capitão do Mato”: num espaço amplo, separar a turma em dois grupos. Um grupo serão os “escravos” da senzala. O outro grupo serão os “capitães do mato” que perseguirão os escravos fujões. A brincadeira se inicia com a fuga dos escravos. Nisso os capitães do mato tem de avisar o “senhor do engenho” (professor) que ocorreu a fuga e partir para a caçada aos escravos. Cada escravo pego deverá ser trazido para o “senhor do engenho”, que determinará quantas chibatadas o escravo receberá.
- “Ginga”: pedir para as crianças se espalharem pelo espaço e ensinar a ginga da capoeira (perna direita atrás, fecha-se o braço direito à frente do queixo; perna esquerda atrás, fecha-se o braço esquerdo à frente do queixo).
- “Cocorinha”: movimento de esquiva no qual a criança fica agachada com os dois pés no chão e os dois braços fechados em frente ao rosto.
- “Meia lua de frente”: movimento de giro no qual a criança projeta sua perna para cima num movimento de fora para dentro.
- “Benção”: movimento de linha no qual a criança, a partir de seu movimento de ginga, projeta o pé que está atrás para frente, elevando primeiramente seu joelho e só então esticando sua perna e atingindo o alvo com a planta do pé.
- Em duplas, organizar um jogo de capoeira com os movimentos vivenciados. Enfatizar que a criança deve chamar o golpe do colega realizando o movimento da “cocorinha”. Seu colega, percebendo esse movimento, deverá realizar uma “meia lua de frente” ou a “benção”.
- De volta à sala de aula, realizar a harmonização final (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de capoeira propostas;
- Interage com seus colegas através dos movimentos da capoeira ensinados durante a aula.

MATERIAL E ESPAÇO

Espaço amplo para a prática.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA

Raízes africanas

A história da capoeira começa no século XVI, na época em que o Brasil era colônia de Portugal. A mão-de-obra escrava africana foi muito utilizada no Brasil, principalmente nos engenhos (fazendas produtoras de açúcar) do nordeste brasileiro. Muitos destes escravos vinham da região de Angola, também colônia portuguesa. Os angolanos, na África, faziam muitas danças ao som de músicas.

No Brasil

Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e repressão dos colonizadores brasileiros. Eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos capitães-do-mato, que tinham uma maneira de captura muito violenta.

Os senhores de engenho proibiam os escravos de praticar qualquer tipo de luta. Logo, os escravos utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando a um tipo de luta. Surgia assim a capoeira, uma arte marcial disfarçada de dança. Foi um instrumento importante da resistência cultural e física dos escravos brasileiros.

A prática da capoeira ocorria em terreiros próximos às senzalas (galpões que serviam de dormitório para os escravos) e tinha como funções principais à manutenção da cultura, o alívio do estresse do trabalho e a manutenção da saúde física. Muitas vezes, as lutas ocorriam em campos com pequenos arbustos, chamados na época de capoeira ou capoeirão. Daí surgiu o nome desta luta.

Até o ano de 1930, a prática da capoeira ficou proibida no Brasil, pois era vista como uma prática violenta e subversiva. A polícia recebia orientações para prender os capoeiristas que praticavam esta luta. Em 1930, um importante capoeirista brasileiro, mestre Bimba, apresentou a luta para o então presidente

Getúlio Vargas. O presidente gostou tanto desta arte que a transformou em esporte nacional brasileiro.

Três estilos da capoeira

A capoeira possui três estilos que se diferenciam nos movimentos e no ritmo musical de acompanhamento. O estilo mais antigo, criado na época da escravidão, é a capoeira angola. As principais características deste estilo são: ritmo musical lento, golpes jogados mais baixos (próximos ao solo) e muita malícia. O estilo regional caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira angola com o jogo rápido de movimentos, ao som do berimbau. Os golpes são rápidos e secos, sendo que as acrobacias não são utilizadas. Já o terceiro tipo de capoeira é o contemporâneo, que une um pouco dos dois primeiros estilos. Este último estilo de capoeira é o mais praticado na atualidade.

DIGNIDADE

O respeito por si próprio, pelo semelhante e pela vida engrandece e dignifica o ser-humano. O homem digno é merecedor da condição humana. Espalha segurança, harmonia e admiração; cumpre seu papel na criação, consciente dele e livre de temores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, J. L. **Capoeira Pedagógica**. Curitiba: J.L. De Freitas, 2005.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

Link: http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm

Acessado em: 27/02/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
28/02/11	<p>Avísamos a turma que o conteúdo da aula seria a Capoeira e os valores a serem trabalhados seriam "Ação-Correta" e "Dignidade". Fizemos a harmonização, na qual muitas crianças permaneceram de olhos abertos e com dificuldades de se concentrar nas palavras do professor. Em seguida, questionei a eles o que é "dignidade". Ninguém arriscou nenhuma resposta. Expliquei a eles o que é e depois contei a história da Capoeira. Perguntei às crianças se os escravos que trouxeram a capoeira para o Brasil tinham dignidade, o que muitos responderam que sim, pois ainda não tinham compreendido esse valor. Reforçamos o ensino do que significa uma vida digna. Em seguida, fomos para o pátio externo realizar a prática. Houve muitas dificuldades para as crianças entenderem o movimento da ginga corretamente. Alguns alunos ficaram brincando de correr no pátio, desinteressados na prática da capoeira. Pedi para eles ficarem sentados, pois o pátio está em obras e eles poderiam se machucar. Eles obedeceram.</p>

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
03/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (dignidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma não teve dificuldades para se concentrar, talvez por ser a primeira aula do dia. Em seguida, explicamos o que é dignidade e contamos a história da capoeira, fazendo uma relação entre as duas coisas (questionando se os escravos que lutavam capoeira tinham uma vida digna). Em seguida, fomos para a prática, que ocorreu sem maiores dificuldades. A turma é muito obediente e respeitadora, talvez reflexo da linha rígida que a professora regente implantou no relacionamento com a turma.</p>

3º anos, 4º ano e 5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
28/02/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (dignidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, e a turma não teve dificuldades para se concentrar, talvez por ser a primeira aula do dia. Em seguida, explicamos o que é dignidade e contamos a história da capoeira, fazendo uma relação entre as duas coisas (questionando se os escravos que lutavam capoeira tinham uma vida digna). Em seguida, fomos para a prática, que ocorreu sem maiores dificuldades.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
28/02/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (dignidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, e todos os alunos tiveram dificuldade para se concentrar (ficaram de olhos abertos, desconfiados; alguns ficaram fazendo barulho, conversando). Em seguida, explicamos o que é dignidade e contamos a história da capoeira, fazendo uma relação entre as duas coisas (questionando se os escravos que lutavam capoeira tinham uma vida digna). Em seguida, fomos para a prática, que ocorreu de maneira adaptada. Ao perceber a enorme dificuldade dos alunos para compreender o movimento correto da "ginga", o professor fez uma atividade de lateralidade com as crianças. Depois disso, retornamos para o conteúdo da capoeira.</p>

PLANO DE AULA CAPOEIRA 2

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Lutas – Capoeira

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Ação Correta

VALOR HUMANO RELATIVO: Perseverança

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 28/02/2011 a 04/03/2011

PERSEVERANÇA PARA APRENDER OS MOVIMENTOS DA LUTA

OBJETIVOS

- Resgatar a vivência de alguns movimentos da luta (ginga, cocorinha, meia-lua de frente e benção) ensinados na aula anterior;
- Conhecer e vivenciar a “Ação-Correta/Perseverança” através do conteúdo da Capoeira.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é perseverança?”
- Perguntar às crianças o que é “perseverança”.
- Explicar a elas, através da citação “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, o que é a “perseverança”.
- “Capitão do Mato”: num espaço amplo, separar a turma em dois grupos. Um grupo serão os “escravos” da senzala. O outro grupo serão os “capitães do mato” que perseguirão os escravos fujões. A brincadeira se inicia com a fuga dos escravos. Nisso os capitães do mato tem de avisar o “senhor do

engenho” (professor) que ocorreu a fuga e partir para a caçada aos escravos. Cada escravo pego deverá ser trazido para o “senhor do engenho”, que determinará quantas chibatadas o escravo receberá.

- Recapitular os movimentos trabalhados na aula anterior: “ginga”, “cocorinha”, “meia lua de frente” e “benção”.
- Ensinar alguns movimentos de floreios e o aú:
 1. Elefantinho/Bananeira: em três apoios (dois cotovelos e cabeça), a criança apoia seus joelhos nos cotovelos e, lentamente, procura esticar seu corpo para cima, ficando de cabeça para baixo e com os pés para cima. Para as crianças que conseguirem realizar o “elefantinho”, desafiá-las a plantar “bananeira”, ou seja, realizar o mesmo movimento só que agora somente com dois apoios (as duas mãos).
 2. Ponte: a criança fica deitada de barriga para cima com os joelhos flexionados. Os braços devem ser projetados para trás dos ombros e apenas o quadril deve ser levantado do chão. Para crianças maiores, desafiá-las a esticar os braços também.
 3. Aú: é a famosa estrelinha. Trabalhar com cada turma um Aú adequado para a idade (aú de bebê, aú de criança, aú de adulto), variando conforme altura do movimento.
- Relacionar a vivência dos movimentos de floreios e aú com o valor da perseverança, enfatizando a necessidade desse valor para conseguir aprender os movimentos ensinados.
- Em duplas, organizar um jogo de capoeira com os movimentos vivenciados. Enfatizar que a criança deve chamar o golpe do colega realizando o movimento da “cocorinha”. Seu colega, percebendo esse movimento, deverá realizar uma “meia lua de frente” ou a “benção”. Os movimentos de floreios e o aú poderão ser realizados no início do jogo.
- De volta à sala de aula, realizar a harmonização final (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;

- Vivencia as atividades de capoeira propostas;
- Interage com seus colegas através dos movimentos da capoeira ensinados durante a aula.

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha e espaço amplo para a prática.

PERSEVERANÇA

A perseverança é nossa maior aliada, tanto em nossas batalhas internas como em nossas batalhas externas, visando superar os desafios que nos são postos. A perseverança possibilita o auto-conhecimento e a conexão com a alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, J. L. **Capoeira Pedagógica**. Curitiba: J.L. De Freitas, 2005.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
03/03/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria a capoeira, o valor absoluto a ação-correta e o valor relativo a perseverança. Fizemos a harmonização, mas a turma teve dificuldade para se concentrar e ficar quieta. Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática, onde recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede, depois bananeira no tatame. Ressaltamos que esses movimentos desafiantes exigiam perseverança para serem aprendidos. Mais uma vez algumas crianças tiveram dificuldades para se interessar pela aula, preferindo ficar correndo livremente pelo espaço.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
04/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (perseverança) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma facilmente ficou em silêncio e se concentrou na atividade. Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática, onde recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede, depois bananeira no tatame.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
01/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (perseverança) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, mas dessa vez a turma já sentiu alguma dificuldade para se concentrar, pois estavam agitados devido à proximidade da hora de ir embora. Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática, onde recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede, depois bananeira no tatame. As crianças elogiaram bastante a aula, dizendo que estava muito boa e divertida.

DATA	COMENTÁRIO
01/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (perseverança) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, que foi muito útil para acalmar a turma após o recreio. Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática; primeiro, brincamos de "pega-pega capitão do mato". Duas crianças se machucaram, ao tropeçar num arame que fica esticado segurando uma grade no pátio onde a prática ocorreu. Encaminhamos ambas para a enfermaria, acompanhadas de uma outra criança. Em seguida, recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede, depois bananeira no tatame.

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
04/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (perseverança) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma facilmente ficou em silêncio e se concentrou na atividade. Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática, onde recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede, depois bananeira no tatame.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
04/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (perseverança) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, mas a turma não colaborou com o silêncio. Conversamos sobre a importância dessa atividade, enfatizando que a mesma contribui na melhora da concentração e da atenção, explicando que essas habilidades são exigidas em diversos momentos de nossa vida. Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática, onde recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede, depois bananeira no tatame. Duas crianças já repetentes (um deles possui 13 anos e o outro 12) não quiseram fazer a aula, ficando apenas observando a mesma.

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
03/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (perseverança) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, mas a turma teve dificuldades para ficar em silêncio. Explicamos os benefícios que essa atividade proporciona (melhora da concentração e da atenção). Em seguida, explicamos o que é perseverança através do ditado popular "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Depois, fomos para a parte prática, onde recapitulamos os movimentos vivenciados na aula anterior (ginga, cocorinha, meia-lua-de-frente e benção). Em seguida, vivenciamos alguns movimentos desafiantes: aú (estrelinha), ponte na parede, ponte no chão, bananeira na parede. A atividade no tatame não deu tempo de ser realizada.

PLANO DE AULA CAPOEIRA 3

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Lutas – Capoeira

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Ação Correta

VALOR HUMANO RELATIVO: Respeito

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 07/03/2011 a 11/03/2011.

RESPEITO ÀS REGRAS DO JOGO DA CAPOEIRA

OBJETIVOS

- Resgatar a vivência de alguns movimentos da luta (ginga, cocorinha, meia-lua de frente, benção, bananeira, ponte e aú) ensinados nas aulas anteriores;
- Conhecer e vivenciar a “Ação-Correta/Respeito” através do conteúdo da Capoeira.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é respeito?”
- Perguntar às crianças o que é “respeito”.
- Explicar a elas, através de narrativa (para o Ciclo I – 1º, 2º e 3º anos) ou através de exemplos (para o Ciclo II – 4º e 5º anos), o que é “respeito”.
- Recapitular os movimento trabalhados nas aulas anteriores: “ginga”, “cocorinha”, “meia lua de frente”, “benção”, “elefantinho/bananeira”, “ponte” e “aú”.

- “Caranguejo”: movimento de esquiva no qual a criança deve ficar de barriga para cima, somente com os pés e mãos apoiados no chão. Pode se movimentar para todas as direções, bem como executar o movimento da “benção” a partir dessa posição.
- “Defesa da cabeçada”: movimento de esquiva no qual a criança fica com as pernas em abertura paralela e semi-flexionadas. As mãos ficam sobrepostas à frente do corpo. O colega aplicará a cabeçada nas mãos daquele que fez a defesa.
- “Defesa da joelhada”: movimento de esquiva no qual a criança fica na “cocorinha”, mas agora coloca as mãos sobrepostas à frente do rosto, sendo que o golpe será aplicado nas mãos do defensor.
- “Boca de calça”: movimento de desequilíbrio no qual a criança fica parada com as pernas paralelas e dá duas puxadinhas na barra da sua própria calça. Este é o sinal para que o colega execute o movimento de desequilíbrio que é a cabeçada. O colega encosta a cabeça na barriga do outro ao mesmo tempo que segura a barra da calça dele. Quem recebeu o golpe deve descer na posição de caranguejo.
- Realizar a prática dos movimentos ensinados em duplas, enfatizando que a criança deve “respeitar” o movimento solicitado pelo colega. Exemplo: se a criança realizou a “boca de calça” a outra deve realizar a cabeçada desequilibrante.
- No fim da aula, realizar uma rodinha de capoeira, na qual as crianças ficam livres para desafiar o colega que quiser.
- De volta à sala de aula, realizar a harmonização final (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de capoeira propostas;
- Interage com seus colegas através dos movimentos da capoeira

ensinados durante a aula.

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha e espaço amplo para a prática.

HISTÓRIA

Os três amiguinhos

No fundo de uma floresta, viviam um sapinho e um cachorrinho. Apesar de serem tão diferentes, eram muito amigos. Certo dia, andavam eles brincando, quando encontraram um bichinho todo enroscado encolhido, à sombra de uma árvore.

"É uma oncinha" — disse o sapo, meio assustado.

Mas o cachorrinho logo explicou: "Não, é um gatinho."

E realmente era um gatinho de pelo macio amarelo com manchas escuras que se parecia com as oncinhas de dona onça.

"Você quer brincar conosco?" - perguntou o sapinho.

O gatinho rosou amigavelmente. Estava muito só e não tinha com quem brincar; por isso aceitou logo o convite que lhe faziam. Daquele dia em diante, andavam sempre juntos pela floresta, brincando, passeando ou procurando o que comer. Onde estava um por certo estavam os outros.

Certa manha quando acordaram, cachorrinho falou:

"Vamos fazer uma excursão?"

"Boa idéia" - respondeu logo o sapinho.

Mas gatinho, perguntou muito admirado.

"Excursão? O que é isso?"

"Ora, excursão é o mesmo que passeio, um grande passeio" – explicou o sapinho, todo importante e continuou sorrindo.

Cachorrinho gosta de falar difícil. Gatinho nada disse, e embora não lhe agradasse tal passeio, um grande passeio levantou-se logo e partiu com os amigos. Caminharam....caminharam....caminharam. Sapinho e cachorrinho divertiram-se a

valer, pulavam, atravessavam caminhos subiam morros ...Mas gatinho não estava gostando nada de nada e perguntava se o lugar do piquenique estava próximo e os amigos riam e respondiam:

"É logo ali. Não demora...Daqui a pouco chegaremos lá."

Gatinho estava cansado, andando sempre atras dos outros. Para descansar um pouco, parava para tirar areia dos pelos ou arrumar a trouxa do lanche. Quando chegaram ao alto de uma montanha, perguntou feliz , pensando que iriam parar:

"É aqui, não?"

"Não, é um pouquinho mais adiante" — disse-lhe o sapo.

Sapinho e cachorrinho continuaram a andar cantando.

Chegaram enfim. Era um lugar maravilhoso! Havia uma cascata de água bem branquinha. O sapo e o cachorrinho meteram-se debaixo da água, deliciados. Mas se havia coisa de que o gatinho não gostava era água... E aquela cascata certamente era fria.

"Vem!" - Gritou sapinho.

"Vem!" - Gritou cachorrinho.

Gatinho entretanto, continuava olhar a água , horrorizado.

"Não, não ! Não posso!...Tenho medo!...A água me faz mal!..."

E o gato todo assustado, procurava afastar-se da cascata. Cachorrinho e sapinho então resolveram : Obrigariam gatinho a tomar banho. E assim terminariam com a historia de que gato não gosta de água. E se isso combinaram, isso fizeram. Logo que viram gatinho distraído, deram uma corrida e-zas: empurraram-no para a cascata. O susto do gato foi tanto que ele ficou sem voz. Pulava e esperneava embaixo da água e quando conseguiu livrar-se dos companheiros saiu disparando como um doido....

A principio sapinho e cachorrinho acharam graça, e divertiram-se com o susto do amigo. Quando ao fim do dia chegaram em casa gatinho estava tão cansado que mal podia caminhar. Jogou-se sobre uma caminha de folhas secas. Tremia e espirrava que fazia dó. O sapo e o cachorrinho tiveram pena dele. Ficaram preocupados e faziam tudo para aquecer o amigo. Sapinho juntava folhinhas para amaciar-lhe a cama, enquanto cachorrinho esfregava-lhe o corpo, para esquentá-lo.

Gatinho ficou em casa alguns dias , com febre . Seus amigos nem tinham vontade de brincar. Estavam muito tristes. Quando gatinho melhorou e sorriu para eles, sapinho e cachorrinho respiraram aliviados. Gatinho não lhes queria mal! Não estava zangado com eles!

Envergonhados com o que haviam feito , resolveram que daquele dia em diante, teriam mais cuidado com as brincadeiras.

E assim sapinho e cachorrinho continuaram a ser os melhores amigos do gatinho.

Adaptação de estória preparada pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

RESPEITO

Quando cultivamos nossas virtudes e procuramos superar nossos defeitos, crescem as condições de, respeitando nosso próprio estágio de evolução, respeitar o estágio do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, J. L. **Capoeira Pedagógica**. Curitiba: J.L. De Freitas, 2005.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

Link: <http://www.techs.com.br/meimei/historias/historia22.htm>

Acessado em: 27/02/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
10/03/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria a capoeira, o valor absoluto a ação-correta e o valor relativo o respeito. Fizemos a harmonização e mais uma vez a turma mostrou dificuldade de concentração na prática. A seguir contamos a estória que elucidava o que é "respeito". As crianças prestaram bastante atenção. Depois, fomos para a parte prática da aula, na qual recapitulamos os movimentos vivenciados nas aulas anteriores e ensinamos o movimento do "caranguejo". A aula teve de ser interrompida nesse ponto pois houve um problema com abelhas no pátio externo da escola. Levamos as crianças para o pátio interno, onde fizeram sua higiene e aguardaram o horário para ir embora.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
10/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (respeito) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma facilmente ficou em silêncio e se concentrou na atividade. Em seguida, contamos a estória que elucidava o que é "respeito". As crianças se concentraram bastante na estória e pareceram compreender o que é "respeito". Em seguida, fomos para a parte prática, na qual recapitulamos os movimentos de capoeira vivenciados nas aulas anteriores e ensinamos novos movimentos. No fim da aula fizemos uma rodinha de capoeira, utilizando um pandeiro indiano (khandira) para puxar o ritmo da roda.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
14/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (respeito) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma facilmente ficou em silêncio e se concentrou na atividade. Em seguida, contamos a estória que elucidava o que é "respeito". As crianças se concentraram bastante na estória e pareceram compreender o que é "respeito". Em seguida, fomos para a parte prática, na qual recapitulamos os movimentos de capoeira vivenciados nas aulas anteriores e ensinamos novos movimentos. Realizamos atividade em dupla com as crianças jogando capoeira. No fim da aula fizemos uma rodinha de capoeira, utilizando um pandeiro indiano (khandira) para puxar o ritmo da roda.

DATA	COMENTÁRIO
14/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (respeito) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma facilmente ficou em silêncio e se concentrou na atividade. Em seguida, contamos a estória que elucidava o que é "respeito". As crianças se concentraram bastante na estória e pareceram compreender o que é "respeito". Em seguida, fomos para a parte prática, na qual recapitulamos os movimentos de capoeira vivenciados nas aulas anteriores e ensinamos novos movimentos. Realizamos atividade em dupla com as crianças jogando capoeira. No fim da aula fizemos uma rodinha de capoeira, utilizando um pandeiro indiano (khandira) para puxar o ritmo da roda. Observando os movimentos das crianças na roda de capoeira, ficou evidente que esta turma teve mais dificuldades de aprendizagem dos movimentos da capoeira do que a turma do 3ºAA.

4º ano, 5º ano e Classe Especial:

DATA	COMENTARIO
11/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (respeito) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma apresentou um pouco de dificuldade para se concentrar, mas nada muito problemático. Em seguida, demos vários exemplos de situações do cotidiano escolar, perguntando para a turma se era uma situação de "respeito" ou "desrespeito", de modo a elucidar o que é esse valor. Em seguida, fomos para a parte prática, na qual recapitulamos os movimentos vivenciados nas aulas anteriores e ensinamos novos movimentos. Por fim, realizamos uma roda de capoeira, utilizando o pandeiro indiano (khandira) para marcar o ritmo da roda.

PLANO DE AULA CAPOEIRA 4

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Lutas – Capoeira

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Ação Correta

VALOR HUMANO RELATIVO: Responsabilidade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 07/03/2011 a 11/03/2011

USO DA LUTA COM RESPONSABILIDADE

OBJETIVOS

- Resgatar a vivência de alguns movimentos da luta (ginga, cocorinha, meia-lua de frente, benção, bananeira, ponte, aú, caranguejo, cabeçada, joelhada e boca de calça) ensinados nas aulas anteriores;
- Conhecer e vivenciar a “Ação-Correta/Responsabilidade” através do conteúdo da Capoeira.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é responsabilidade?”
- Perguntar às crianças o que é “responsabilidade”.
- Explicar a elas, através de exemplos de pessoas que utilizam o conhecimento das lutas de maneira inadequada, sendo violenta com os outros, o que é “responsabilidade”.
- Recapitular os movimento trabalhados nas aulas anteriores: “ginga”, “cocorinha”, “meia lua de frente”, “benção”, “elefantinho/bananeira”, “ponte”,

- “aú”, “caranguejo”, “cabeçada”, “joelhada” e “boca de calça”.
- “Meia lua de compasso”: movimento de giro no qual a criança fica de costas para o colega, coloca suas duas mãos no chão, e aí passa uma das pernas por cima da cabeça do colega, que estará aguardando o movimento na posição da “cocorinha”.
 - “Queixada”: mesma coisa que a “meia lua de frente”, só que agora a perna segue o movimento de giro de dentro para fora.
 - “Martelo”: movimento de linha no qual a criança realiza um pequeno giro no quadril que conseqüentemente gira o calcanhar que servirá de pivô do movimento. Neste momento levanta-se o joelho, estica-se a perna e o alvo é atingido com o peito do pé.
 - No fim da aula, realizar uma rodinha de capoeira, na qual as crianças ficam livres para desafiar o colega que quiser.
 - De volta à sala de aula, realizar a harmonização final (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de capoeira propostas;
- Interage com seus colegas através dos movimentos da capoeira ensinados durante a aula.

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha e espaço amplo para a prática.

RESPONSABILIDADE

É responder pelas próprias palavras e ações e pelo que lhe foi confiado. Só o ser humano responsável assume as rédeas do seu destino, construindo seu caráter dignamente. Assim, pode se autoconhecer, modificar-se e modificar a sociedade como coautor com a divindade na condução do homem sobre o planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, J. L. **Capoeira Pedagógica**. Curitiba: J.L. De Freitas, 2005.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
14/03/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria a capoeira, o valor absoluto a ação-correta e o valor relativo a responsabilidade. Fizemos a harmonização e a turma apresentou um pouco de dificuldade para se concentrar nesse dia. Alguns ficaram rindo durante a harmonização. Em seguida, conversamos sobre o que é "responsabilidade", explicando que todo conhecimento trás responsabilidades. Utilizamos o exemplo da capoeira, que como conhecimento de luta, deve ser empregado somente para a paz e jamais para a violência, sendo, desse modo, utilizado com responsabilidade. Em seguida, fomos para a parte prática da aula. Recapitulamos todos os movimentos ensinados nas aulas anteriores e ensinamos novos golpes, inclusive os movimentos que não foram ensinados na aula anterior devido ao problema com as abelhas. Ao final, fizemos uma roda de capoeira, terminando este conteúdo e a aula do dia com um abraço em círculo e uma grande salva de palmas.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
11/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma apresentou um pouco mais de dificuldade para se concentrar nesse dia. Em seguida, conversamos sobre o que é "responsabilidade", explicando que todo conhecimento trás responsabilidades. Utilizamos o exemplo da capoeira, que como conhecimento de luta, deve ser empregado somente para a paz e jamais para a violência, sendo, desse modo, utilizado com responsabilidade. Em seguida, fomos para a parte prática da aula. Recapitulamos todos os movimentos ensinados nas aulas anteriores e ensinamos três novos golpes. Ao final, fizemos uma roda de capoeira, terminando este conteúdo e a aula do dia com uma grande salva de palmas.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
15/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma apresentou muita dificuldade de concentração. Entreguei os resultados dos testes de auto-estima, explicando o método que foi empregado para obtenção dos resultados e o significado dos mesmos. Em seguida, conversamos sobre o que é "responsabilidade", explicando que todo conhecimento trás responsabilidades. Utilizamos o exemplo da capoeira, que como conhecimento de luta, deve ser empregado somente para a paz e jamais para a violência, sendo, desse modo, utilizado com responsabilidade. Em seguida, fomos para a parte prática da aula. Recapitulamos todos os movimentos ensinados nas aulas anteriores e ensinamos três novos golpes (queixada, martelo, meia-lua de compasso). Ao final, fizemos uma roda de capoeira, terminando este conteúdo e a aula do dia com uma grande salva de palmas. A turma esteve especialmente agitada neste dia, talvez em virtude de ser o dia de permanência, dia no qual eles não ficam com a professora regente da turma.</p>

DATA	COMENTÁRIO
15/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma apresentou muita dificuldade para se concentrar nesse dia. Um aluno ficou assobiando enquanto fazíamos a harmonização, com o intuito de atrapalhar a atividade. Entreguei os resultados dos testes de auto-estima, explicando às crianças o método que foi empregado para obtenção dos resultados e o significado dos mesmos. Em seguida, enquanto conversávamos sobre o que é "responsabilidade", uma aluna ficou interrompendo o professor, através de um barulho de sacola que ela mexia somente quando o professor estava falando. Quando o professor parava de falar, ela parava de mexer na sacola plástica. Recapitulei o valor do "respeito" com a turma, enfatizando que situações como essas da aula não devem ocorrer se pretendemos praticar o "respeito" em nosso cotidiano. Essa conversa foi em tom de seriedade. A agitação da turma durante toda a aula impediu que saíssemos para a prática, em virtude da falta de tempo.</p>

4º ano

DATA	COMENTÁRIO
15/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma facilmente se concentrou na atividade. Em seguida, conversamos sobre o que é "responsabilidade", explicando que todo conhecimento trás responsabilidades. Utilizamos o exemplo da capoeira, que como conhecimento de luta, deve ser empregado somente para a paz e jamais para a violência, sendo, desse modo, utilizado com responsabilidade. Em seguida, fomos para a parte prática da aula. Recapitulamos os movimentos ensinados anteriormente e ensinamos três novos golpes (queixada, martelo, meia-lua de compasso). Ao final, fizemos uma roda de capoeira, terminando este conteúdo e a aula do dia com uma grande salva de palmas.</p>

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
15/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, enfatizando, durante a mesma, os benefícios que esta prática traz para seus praticantes. Em seguida, conversamos sobre o que é "responsabilidade", explicando que todo conhecimento trás responsabilidades. Utilizamos o exemplo da capoeira, que como conhecimento de luta, deve ser empregado somente para a paz e jamais para a violência, sendo, desse modo, utilizado com responsabilidade. Em seguida, fomos para a parte prática da aula. Recapitulamos todos os movimentos ensinados nas aulas anteriores e ensinamos três novos golpes (queixada, martelo e meia-lua de compasso). Ao final, fizemos uma roda de capoeira, terminando este conteúdo e a aula do dia com uma grande salva de palmas. Dois alunos com histórico de indisciplina na escola, não quiseram participar da prática, mas participaram da roda ao final da aula.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
11/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma apresentou muita dificuldade para se concentrar. Questionei para a turma o que é responsabilidade, mas as crianças não estavam interessadas em arriscar respostas e nem em saber a resposta correta. O interesse deles era negociar uma aula livre, na qual pudessem jogar bola e fazer o que quiserem. Expliquei a eles que o acordo da aula livre não valia para semanas de feriados, como era o caso dessa semana. Entretanto, uma criança ficou revoltada e disse que não ia para a aula prática. Fomos para o pátio externo da escola sem essa criança, mas chegando ao local, quando a prática foi proposta, as crianças sentaram no chão e não queriam fazer nada. Disse que ia levá-los de volta à sala de aula, mas eles ignoraram. Pedi para eles formarem fila para retornar à sala de aula, mas eles continuaram ignorando. Resolvi chamar a pedagoga. Quando estava chegando ao pátio, nos demos conta que as crianças tinham voltado para a sala durante a ausência do professor. Tivemos uma conversa muito séria com a turma, explicando que as práticas são importantes e possuem um motivo de ser. Algumas crianças pediram desculpas para o professor em virtude do comportamento durante a aula. A aula não foi realizada.</p>

DATA	COMENTÁRIO
14/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (capoeira), o valor absoluto (ação-correta) e o valor relativo (responsabilidade) que seriam trabalhados nessa aula. Nesse dia não fizemos a harmonização, pois optei por não forçar as crianças numa atividade que elas possuem muita dificuldade. Fomos para a prática no pátio coberto, em virtude da constante garoa no pátio externo. Recapitulamos os movimentos realizados nas aulas anteriores, explicando e realizando cada movimento lentamente. As crianças se interessaram pela aula, praticando vários movimentos propostos. Ainda assim, a aluna Vitória não participou da aula, algo que já vem ocorrendo com certa frequência. Ao final, realizamos a roda da capoeira, onde algumas crianças demonstraram o que aprenderam. Para encerrar esse conteúdo, sentamos em círculo e questionamos cada criança qual movimento elas mais gostaram de realizar. O mesmo aluno que se revoltou na aula anterior apresentou muita facilidade na compreensão e realização de todos os movimentos propostos, sendo um destaque positivo da turma.</p>

PLANO DE AULA XADREZ 1

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Intelectivos - Xadrez

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Verdade

VALOR HUMANO RELATIVO: Conhecimento

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 14/03/2011 a 18/03/2011

CONHECENDO A VERDADE ATRAVÉS DO XADREZ

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Verdade/Conhecimento” através do conteúdo do Xadrez;
- Conhecer a história do Xadrez;
- Conhecer as peças e o tabuleiro, bem como a movimentação das peças.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é conhecimento?”
- Perguntar às crianças o que é “conhecimento”.
- Explicar a elas, através da citação “o homem tem por objetivo não o prazer, mas o conhecimento” (Swami Vivekananda), o que é “conhecimento”.
- Contar a história do xadrez, contextualizando sua origem e os diversos países pelos quais se espalhou.
- A partir disso, contar uma estória sobre dois reis que eram irmãos e tinham

herdado dois reinos... (para o Ciclo I – 1º, 2º e 3º anos), e ir montando o tabuleiro.

- Com o tabuleiro montado no xadrez magnético, explicar o que é uma “linha”, uma “coluna” e uma “diagonal”. Em seguida, explicar o nome das casas (seus endereços, conforme a linha e a coluna que está localizada). Explicar que o tabuleiro sempre deve ser armado com a casa branca à direita do jogador.
- Distribuir a turma em grupos de aproximadamente 5 pessoas e entregar um tabuleiro de xadrez para cada grupo. De preferência colocar pessoas que já sabem jogar com pessoas que ainda não sabem. Propor uma gincana enxadrística, na qual todos os grupos serão desafiados a resolver alguns problemas. Ao final do desafio, o professor irá de grupo em grupo verificar a resposta do mesmo. A cada resposta certa será contabilizado um ponto na conta do grupo, vencendo o grupo que ao final, tiver mais pontos. Antes de começar a gincana as crianças têm 30” para memorizar a jogo montado no tabuleiro magnético, sendo as peças retiradas depois desse período.
- 20” para colocar as 4 torres no tabuleiro;
- 20” para colocar os 4 cavalos no tabuleiro;
- 20” para colocar os 4 bispos no tabuleiro;
- 10” para colocar as duas rainhas no tabuleiro;
- 10” para colocar os dois reis no tabuleiro;
- 20” para colocar todos os 16 peões no tabuleiro;
- O tempo restante da aula poderá ser utilizado para as crianças que já têm alguma noção jogarem xadrez.
- No final da aula, realizar a harmonização final (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AValiação

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de xadrez propostas e consegue armar um jogo de xadrez corretamente;
- Interage positivamente, harmoniosamente e coopera com seu grupo

durante a atividade dos desafios.

MATERIAL E ESPAÇO

1 Tabuleiro magnético de xadrez;

Diversos jogos de xadrez. O espaço pode ser a própria sala de aula.

HISTÓRIA DO XADREZ

A origem do xadrez é controversa o que pode-se afirmar é que foi inventado na [Ásia](#). Atualmente, a versão mais aceita e amplamente difundida é de que surgiu na Índia com o nome de [chaturanga](#), sendo então disseminado para a [China](#), Rússia, Pérsia e Europa onde atingiu as [regras atuais](#). Estudos recentes indicam origem à China do século III a.C. ou na região do [Uzbequistão](#), enquanto outras mais polêmicas indicam a Grécia ou o [Egito antigo](#).

Um dos primeiros registros literários surgiu no poema persa *Karnamak-i-Artakhshatr-i-Papakan* escrito no século VI, e a partir deste ponto sua evolução é melhor documentada sendo amplamente aceita no meio acadêmico. Após a conquista da Pérsia pelos árabes, estes assimilaram o jogo e o difundiram através do ocidente levando-o ao norte da África e Europa nas atuais Espanha e Itália por volta do século X, de onde se expandiu para o resto do continente até a região da Escandinávia e Islândia. No oriente, o xadrez se expandiu da sua versão chinesa, o Xiangqi para a Coreia e Japão também no século X.

Por volta do século XV o jogo estava amplamente difundido pelo velho continente e dentre as variantes existentes do jogo a europeia destacou-se mais, devido a versatilidade e rapidez proporcionadas pela inclusão da Dama e Bispo. Apesar de já existirem literaturas anteriores na época, foi neste período que começaram a surgir as primeiras análises de aberturas em virtude das novas possibilidades do jogo.

As partidas começaram a ser registradas com maior frequência com a notação descritiva e mais estudos da teoria foram publicados. No século XVIII foram fundados os clubes para a prática do xadrez e as primeiras federações esportivas na Europa. Decorrente do grande número de pequenos torneios acontecendo por todo o continente, em 1851 foi realizado o primeiro torneio internacional em [Londres](#),

vencido por [Adolf Anderssen](#). A partir daí, vários outros foram realizados em [Baden-Baden](#), [Paris](#), Berlim e em 1889 a popularidade no meio de grandes enxadristas evoca a criação do título de campeão mundial, vencido por Wilhelm Steinitz em um confronto com [Johannes Zukertort](#).

CONHECIMENTO

Ter sede de saber sobre o mundo objetivo, visível, agrada a nossos sentidos e fascina nossa mente. É o meio de descobrir a melhor forma de nos adequarmos à vida e dela tirar o maior proveito, assim como de contribuir, com nossos talentos, para sua melhoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRISTO, S. A. S., **Xadrez na sala de aula: aproximações pedagógicas**. São José dos Campos: Pulso, 2010.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

Link: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_xadrez

Acessado em: 27/02/2011.

Link: http://frases.netsaber.com.br/cat_56/frases_de_conhecimento

Acessado em: 13/03/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
17/03/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o xadrez, o valor absoluto a verdade e o valor relativo conhecimento. Neste dia não fizemos a harmonização, pois as crianças necessitavam ir ao banheiro, visto que a professora anterior impediu as mesmas de irem ao banheiro. Organizamos um sistema que sairia uma fila por vez para ir ao banheiro. Em seguida, começamos a explicar a história do xadrez. Durante a explicação as crianças ficaram conversando muito, tive que interromper a explicação diversas vezes para pedir atenção por parte das crianças. Depois, contei uma estória de dois reis que estavam construindo seus reinos e, a partir dessa estória, fomos armando as peças no tabuleiro. Nesse momento as crianças prestaram bastante atenção. A aula acabou nesse momento, não sendo possível concretizar o plano de aula completo.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
17/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (conhecimento) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização e a turma conseguiu se concentrar bastante. Em seguida, conversamos sobre o valor do conhecimento, conectando com o momento de "conhecer" o jogo de xadrez. Contamos a história do xadrez, contextualizando a origem do jogo. Depois, contamos uma estória de dois reis que estavam construindo seus reinos e fomos armando as peças no tabuleiro. Trabalhamos movimentação de peças no tabuleiro magnético. Não conseguimos cumprir o plano de aula completo.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
21/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (conhecimento). Fizemos a harmonização, na qual a turma se concentrou bastante. Em seguida, discutimos o que é "conhecimento" e sua importância para a vida através de citação. Depois, contamos brevemente a história do xadrez e fizemos uma gincana enxadrística, na qual as crianças foram divididas em grupos e recebiam tarefas (ex.: colocar as 4 torres no tabuleiro em 15") e iam montando as peças no tabuleiro. As crianças gostaram bastante da atividade, elogiando ao final da aula.

4º ano:

DATA	COMENTARIO
18/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (conhecimento) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização através da meditação da luz. Conversamos um pouco sobre o valor do "conhecimento", enfatizando sua importância para a vida e também para o jogo de xadrez. Depois, contextualizamos brevemente o histórico do xadrez. Realizamos uma gincana com as crianças, na qual a turma foi separada em grupos e cada grupo recebeu um tabuleiro. Cada grupo teve um minuto para memorizar o jogo armada no tabuleiro magnético. Em seguida, eram passados desafios aos grupos (ex: colocar as 4 torres no tabuleiro), e os grupos que acertavam pontuavam. Depois de todos os jogos armados, iniciamos a explicação das movimentações de peças. Faltou apenas explicar os movimentos especiais do "roque" e do "en passant".</p>

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
18/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (conhecimento) que seriam trabalhados nessa aula. Um dos alunos ficou bravo, pois ele gostaria de sair para jogar futebol. Expliquei para ele a importância de se aprender outros jogos e brincadeiras, como o xadrez, mas ele estava irredutível. A pedagoga foi chamada à sala e fez um discurso sobre os benefícios de praticar xadrez. Fizemos a harmonização através da meditação da luz. Conversamos um pouco sobre o valor do "conhecimento", enfatizando sua importância para a vida e também para o jogo de xadrez. Em seguida, a turma foi dividida em dois grupos: as crianças que já sabiam jogar foram distribuídas de um lado da sala, separadas em dupla e cada dupla recebeu um tabuleiro para jogar xadrez. Para o restante da turma expliquei o tabuleiro, armação das peças no tabuleiro e movimentação das mesmas. As jogadas especiais do "en passant" e "roque" ainda não foram trabalhadas com esta turma.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
17/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (conhecimento) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização, que foi muito dificultada devido à falta de vontade das crianças em se concentrar na atividade. Em seguida, discutimos o que é "conhecimento" e sua importância para a vida, conectando com o xadrez. Depois, contei brevemente a história do xadrez e depois expliquei o tabuleiro, armação das peças no tabuleiro e movimentação básica de cada peça. Os movimentos especiais ("en passant" e "roque") não foram abordados. As crianças tiveram muita dificuldade de compreensão da movimentação das peças.</p>

PLANO DE AULA XADREZ 2

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Intelectivos - Xadrez

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Verdade

VALOR HUMANO RELATIVO: Reflexão

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 14/03/2011 a 18/03/2011

TREINANDO A REFLEXÃO SOBRE A MELHOR ESTRATÉGIA

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Verdade/Reflexão” através do conteúdo do Xadrez;
- Jogar alguns jogos pré-enxadristicos.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é reflexão?”
- Perguntar às crianças o que é “reflexão”.
- Explicar a elas, através da citação: “refletir é conversar consigo mesmo”, de Marilu Martinelli, o que é “reflexão”.
- Iniciar com os jogos pré-enxadristicos. Para as crianças do Ciclo I (1º, 2º e 3º anos) realizar os jogos no tabuleiro magnético, com cada criança realizando uma jogada em nome da turma, num duelo professor x turma. Para as crianças do Ciclo II (4º e 5º anos), separar a turma em duplas e distribuir os jogos de xadrez.

- Brincar de “Quadrado Mágico”: desenhar um quadrado de 4x4 (16 quadrados) no quadro e perguntar quantos quadrados existem na figura.
- Explicar o jogo do “Gato e Rato” - através do tabuleiro magnético – e deixar as crianças jogarem entre elas.
- Explicar o jogo do “Duelo de Monarcas” - através do tabuleiro magnético – e deixar as crianças jogarem entre elas.
- Explicar o jogo da “Batalha de Peões” - através do tabuleiro magnético – e deixar as crianças jogarem entre elas.
- Explicar o jogo “Cavalos X Peões” - através do tabuleiro magnético – e deixar as crianças jogarem entre elas.
- Explicar o jogo “Cavalos+Torres X Peões+Bispos” - através do tabuleiro magnético – e deixar as crianças jogarem entre elas.
- Explicar o jogo “Casal Negro” - através do tabuleiro magnético – e deixar as crianças jogarem entre elas.
- O tempo restante da aula poderá ser utilizado para as crianças que já têm alguma noção jogarem xadrez.
- No final da aula, realizar a harmonização de encerramento (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de xadrez propostas;
- Compreende os jogos propostos e consegue praticá-los com certa autonomia.

MATERIAL E ESPAÇO

1 Tabuleiro magnético de xadrez;

Diversos jogos de xadrez.

O espaço pode ser a própria sala de aula.

REGRAS DOS JOGOS PRÉ-ENXADRÍSTICOS

Quadrado Mágico

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 16 casas (4x4)
2. Fazer a pergunta: quantos quadrados existem nele?
3. Quem acertar vence.

Comentário: A criança poderá ver, através deste exemplo simples, que a primeira impressão não revela toda a informação contida em um diagrama. Deve aprender a ser cautelosa antes de dar um veredicto sobre as posições de partida. Isto será de grande importância para o futuro enxadrista.

Gato e Rato

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 64 casas (8x8).
2. Peças: 4 Gatos e 1 Rato
3. Os Gatos movem-se de uma em uma casa pela diagonal à frente.
4. O Rato move-se de uma em uma casa pela diagonal à frente e para trás.
5. Não há captura.
6. Os Gatos vencem se bloquearem o Rato.
7. O Rato vence se escapar do cerco dos Gatos.

Comentário: Este pré-jogo, cujos princípios são facilmente assimiláveis por uma criança, exercita conceitos que serão úteis no aprendizado do xadrez, tais como a noção de cooperação que deve haver entre as peças; a noção de como o Peão captura; e também noções bastante elementares do que é xeque-mate. Este jogo pode ser ensinado antes de qualquer conteúdo enxadrístico.

Duelo de Monarcas

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 64 casas (8x8).
2. Usam-se 2 reis que se movem como no xadrez e são arrumados em oposição total no tabuleiro.

3. O Rei branco inicia o jogo na casa h1 e tem de chegar até a casa a8 ou h8 ganhando assim

a partida.

4. Se o Rei negro – que iniciar em h8 - conseguir impedir o Rei branco de atingir o seu objetivo, terá ganhado o jogo.

5. Não esquecer que um Rei não pode ocupar uma casa contígua ao outro.

Comentário: Este jogo tem por objetivo exercitar as particularidades do movimento do Rei, que é uma peça ativa na luta, e o conceito de oposição que é fundamental nos finais de partida.

Batalha de Peões

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 64 casas (8x8).

2. Usam-se todos os 8 peões de cada cor, que se movem como no xadrez e são arrumados nas últimas linhas do tabuleiro (linha 1 e 8).

3. O objetivo do jogo é conseguir promover o peão primeiro que o adversário.

Comentário: Este jogo desenvolve a habilidade em trabalhar com os peões em conjunto.

Cavalos X Peões

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 64 casas (8x8).

2. Usam-se todos os peões de uma das cores e os dois cavalos da outra cor, que se movem como no xadrez.

3. Os peões começam na última linha do tabuleiro e os cavalos em suas casas originais.

4. O objetivo dos peões é chegar até o outro lado do tabuleiro (promoção), enquanto que dos cavalos é capturar todos os peões antes disso.

Comentário: Desenvolver a movimentação de cavalos.

Cavalos+Torres X Peões+Bispos

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 64 casas (8x8).
2. Usam-se os cavalos e as torres de uma das cores e os peões e os bispos da outra cor. As peças iniciam o jogo em suas posições originais no tabuleiro e se movem como no jogo de xadrez.
3. O objetivo dos Peões é conseguir a promoção do outro lado do tabuleiro, com o apoio dos Bispos. Já o objetivo dos Cavalos e Torres é capturar todos os peões adversários.

Comentário: Jogo para melhorar a capacidade de defesa dos peões com os bispos e também a movimentação das peças envolvidas.

Casal Negro

Regras:

1. Utiliza-se um tabuleiro de 64 casas (8x8).
2. Usam-se os dois Reis e a Dama negra. As peças iniciam o jogo em suas posições originais no tabuleiro e se movem como no jogo de xadrez.
3. O objetivo do casal negro é dar o xeque-mate no rei adversário, que por sua vez terá que fugir durante 20 lances.

Comentário: Praticar xeque-mate com Rei e Dama e também estimular a percepção do Rei como peça de apoio à Dama nessa situação.

REFLEXÃO

Refletir é conversar consigo mesmo, formando pensamentos vivos e ensaiando ações para a concretização de ideais. Refletir não é devanear – é buscar soluções dentro de nós e não fora de nós. A reflexão é o diálogo com os níveis mais profundos do ser. Ao procurar soluções para os efeitos dos estímulos externos em nós, detendo-nos nos movimentos internos e externos e nas inquietações íntimas, acendemos luzes que projetam as formas adequadas de agir de modo claro e visível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRISTO, S. A. S., **Xadrez na sala de aula: aproximações pedagógicas**. São José

dos Campos: Pulso, 2010.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

Link: http://www.cex.org.br/html/ensino/Apostilas/pdf/jogos_pre_enxadristicos.pdf

Acessado em: 13/03/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
21/03/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o xadrez, o valor absoluto a verdade e o valor relativo reflexão. Fizemos a harmonização com a turma, de maneira muito breve. Em seguida, conversamos sobre o que é "reflexão" e sua importância para a vida. Depois, dividimos a turma em duplas e cada dupla recebeu um tabuleiro de xadrez. Iniciamos com o conteúdo dos jogos pré-enxadristicos. Fizemos nessa aula somente o jogo da "Batalha de Peões". Houveram muitos problemas com a turma nos quesitos organização e atenção.

DATA	COMENTARIO
24/03/11	Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadristicos, só que, desta vez, devido à dispersão da última aula, os jogos seriam jogados no tabuleiro magnético por todos. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas, colocação das peças no tabuleiro. Em seguida, recapitulamos o jogo "Batalha de Peões" e jogamos a turma contra o professor. Depois realizamos o jogo "Cavalos X Peões", trabalhando a movimentação dos cavalos. A aula rendeu bem, com a turma toda focando nos jogos no tabuleiro magnético. O fato de ter uma estagiária de pedagogia na sala de aula contribuiu para manter a ordem e organizar a turma durante os jogos.

DATA	COMENTARIO
28/03/11	Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadristicos no tabuleiro magnético. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas e o nome de cada peça. Recapitalumos, ainda, o movimento dos Peões e dos Cavalos. Em seguida, explicamos o movimento das Torres e dos Bispos, jogando o jogo "Peões+Bispos X Torres+Cavalos". A turma teve bastante dificuldade para movimentar o cavalo, mas as outras peças foram relativamente tranquilas de acordo com a idade das crianças (5 e 6 anos). Depois ensinamos os movimentos do Rei e da Rainha, destacando quando o rei fica em situação de "xeque" e quando está em "xeque-mate". Jogamos, então, o jogo "Casal Negro", trabalhando os movimentos dessas duas últimas peças.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
18/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (reflexão) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização através da meditação da luz. Conversamos um pouco sobre o valor da "reflexão", enfatizando sua importância para a vida e também para o jogo de xadrez. Depois, iniciamos com o conteúdo dos jogos enxadrísticos. Entretanto, devido à desorganização na hora de formar duplas e armar os jogos, conseguimos realizar apenas um jogo, que foi a "batalha de peões". Ao final da aula, conversamos com a turma sobre a dispersão das crianças durante a aula.

DATA	COMENTÁRIO
24/03/11	Realizamos a harmonização, utilizando a técnica de imaginação de figuras aleatórias (uma rosa, uma igreja, uma montanha coberta de neve, um carro em movimento, um avião voando no céu, um belo jardim, e assim por diante). Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadrísticos, só que, desta vez, devido à dispersão da última aula, os jogos seriam jogados no tabuleiro magnético por todos. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas, colocação das peças no tabuleiro. Em seguida, recapitulamos o jogo "Batalha de Peões" e jogamos a turma contra o professor. Depois realizamos o jogo "Cavalos X Peões". A aula rendeu bem, com a turma toda focando nos jogos no tabuleiro magnético.

DATA	COMENTÁRIO
25/03/11	Realizamos a harmonização, utilizando a técnica de imaginação de figuras aleatórias (uma rosa, uma igreja, uma montanha coberta de neve, um carro em movimento, um avião voando no céu, um belo jardim, e assim por diante). Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadrísticos, como aconteceu na última aula. Retomamos os movimentos de peões e cavalos. Em seguida, ensinamos e jogamos o jogo "Cavalos+Torres X Bispos+Peões". Depois jogamos o jogo "Casal Negro", que trabalha o movimento de Rei e Rainha negra contra o Rei branco. Mais uma vez a aula rendeu bem, com a turma toda se concentrando nos jogos realizados.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
22/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (reflexão). Neste dia optamos por não realizar a harmonização, devido à resistência das mesmas com relação à atividade. Esta atividade será trabalhada esporadicamente. Iniciamos com a discussão do que é "reflexão" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Depois jogamos alguns jogos pré-enxadrísticos no tabuleiro magnético. A dinâmica era a seguinte: era apresentada as regras à turma e depois a turma enfrentava o professor, sendo que cada criança jogaria uma vez em nome da turma até acabar o jogo. Fizemos a "Batalha de Peões" e "Cavalos X Peões". Durante esta aula o aluno Oziel ficou cutucando os colegas, incomodando-os. Vários colegas ficaram reclamando do comportamento dele. Conversei separadamente com ele, explicando que ele deveria ter respeito por seus colegas e procurar não ficar cutucando-os.

DATA	COMENTÁRIO
28/03/11	<p>Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadristicos no tabuleiro magnético. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas e o nome de cada peça. Recapitalumos, ainda, o movimento dos Peões e dos Cavalos. Em seguida, explicamos o movimento das Torres e dos Bispos, jogando o jogo "Peões+Bispos X Torres+Cavalos". Depois ensinamos os movimentos do Rei e da Rainha, destacando quando o rei fica em situação de "xeque" e quando está em "xeque-mate". Jogamos, então, o jogo "Casal Negro", trabalhando os movimentos dessas duas últimas peças. Nesta aula a turma esteve especialmente tranquila e a aula rendeu muito bem.</p>

DATA	COMENTÁRIO
22/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (reflexão). Neste dia optamos por não realizar a harmonização, devido à resistência das mesmas com relação à atividade. Esta atividade será trabalhada esporadicamente. Iniciamos com a discussão do que é "reflexão" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Este tópico gerou um interessante debate com a turma, com várias crianças questionando sobre o uso da reflexão para o autoconhecimento. Depois jogamos alguns jogos pré-enxadristicos no tabuleiro magnético. A dinâmica era a seguinte: era apresentada as regras à turma e depois a turma enfrentava o professor, sendo que cada criança jogaria uma vez em nome da turma até acabar o jogo. Fizemos a "Batalha de Peões" e "Cavalos X Peões". Durante esta aula a aluna Gabriela mais uma vez ficou desafiando o professor, provocando-o e desobedecendo-o. Cheguei à conclusão que ela possui uma vontade enorme de "aparecer", desse modo, levei para o lado da afetividade, ressaltando que se ela queria um pouco de carinho e atenção era só pedir um abraço ao professor. Ela deu risada e depois colaborou mais com as atividades da aula, tendo feito boas jogadas durante os jogos pré-enxadristicos no tabuleiro magnético.</p>

DATA	COMENTÁRIO
28/03/11	<p>Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadristicos no tabuleiro magnético. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas e o nome de cada peça. Recapitalumos, ainda, o movimento dos Peões e dos Cavalos. Em seguida, explicamos o movimento das Torres e dos Bispos, jogando o jogo "Peões+Bispos X Torres+Cavalos". Depois ensinamos os movimentos do Rei e da Rainha, destacando quando o rei fica em situação de "xeque" e quando está em "xeque-mate". Jogamos, então, o jogo "Casal Negro", trabalhando os movimentos dessas duas últimas peças. Mais uma vez aconteceram problemas com a aluna Gabriela, que possui muitas dificuldades para obedecer as instruções do professor.</p>

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
22/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (reflexão). Neste dia optamos por não realizar a harmonização, devido à resistência das mesmas com relação à atividade. Esta atividade será trabalhada esporadicamente. Iniciamos com a discussão do que é "reflexão" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Em seguida, a turma foi dividida em duplas e iniciamos os jogos pré-enxadristicos. Jogamos "Gato e Rato", "Batalha de Peões", "Cavalos X Peões" e "Cavalos+Torres X Peões+Bispos". As crianças curtiram bastante a aula, demonstrando interesse durante todas as atividades. Houve apenas um problema de excesso de agitação com o aluno Lucas.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
22/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (reflexão). Neste dia optamos por não realizar a harmonização, devido à resistência das mesmas com relação à atividade. Esta atividade será trabalhada esporadicamente. Iniciamos com a discussão do que é "reflexão" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Em seguida, a turma foi dividida em dois grupos: de um lado as crianças que já sabiam jogar xadrez fizeram duplas e jogaram. Do outro lado, foram formadas duplas que não sabiam jogar xadrez e realizamos alguns jogos pré-enxadristicos com elas: "Batalha de peões", "Cavalos X Peões" e "Cavalos+Torres X Peões+Bispos".

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
21/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (reflexão) que seriam trabalhados nessa aula. Fizemos a harmonização com a turma, de maneira muito breve. Em seguida, conversamos sobre o que é "reflexão" e sua importância para a vida bem como para o xadrez. Depois, dividimos a turma em duplas e cada dupla recebeu um tabuleiro de xadrez. Iniciamos com o conteúdo dos jogos pré-enxadristicos. Fizemos nessa aula o jogo "Gato e Rato", "Batalha de Peões" e "Cavalos x Peões". Houveram muitos problemas com a turma nos quesitos organização e atenção, mas algumas duplas conseguiram aprender e praticar os joguinhos. Os alunos Josué e Eduardo já sabiam jogar xadrez e ficaram jogando um contra o outro durante a aula.

DATA	COMENTARIO
24/03/11	<p>Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadísticos, só que, desta vez, devido à dispersão da última aula, os jogos seriam jogados no tabuleiro magnético por todos. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas, colocação das peças no tabuleiro. Em seguida, recapitulamos o jogo "Batalha de Peões" e jogamos a turma contra o professor. Depois realizamos o jogo "Cavalos X Peões". A aula não rendeu como nas outras turmas, devido à dispersão das crianças. Para motivá-las durante os jogos, combinei com elas que se elas conseguissem me vencer elas teriam uma aula livre a mais na outra semana, coisa que não aconteceu.</p>

DATA	COMENTARIO
25/03/11	<p>A aula já começou tumultuada. Recebi uma flor de presente da aluna Vitória, entretanto, o aluno Josué insinuou que o professor era "homossexual" por aceitar aquele presente. A professora regente da turma, que presenciou a cena, conversou com ele, explicando que aquilo era errado e que ele poderia sofrer até conseqüências jurídicas pela sua atitude. Após esta conversa, o aluno Josué me pediu desculpas, que foram prontamente aceitas. Em seguida, perguntei para a turma quem achava que merecia ter aula livre, conforme o combinado: as respostas foram divididas, algumas achando que mereciam e outras achando que não. Expliquei a eles que daria uma chance, apesar das situações que desrespeito que vivenciei por parte das crianças durante a semana. Então questionei o que cada criança gostaria de brincar e duas atividades foram elencadas no quadro: Capitão do Mato, atividade ensinada às crianças durante as aulas de capoeira, e Mini-futebol. As duas atividades foram executadas, entretanto, durante o Mini-futebol as crianças perderam o interesse, e apenas três alunos quiseram ficar jogando. As outras crianças se dispersaram.</p>

DATA	COMENTARIO
28/03/11	<p>Explicamos para a turma que continuaríamos com os jogos pré-enxadísticos no tabuleiro magnético. Recapitulamos os conceitos de "linha", "coluna", "diagonal", endereço das casas e o nome de cada peça. Recapitalumos, ainda, o movimento dos Peões e dos Cavalos. Em seguida, explicamos o movimento das Torres e dos Bispos, jogando o jogo "Peões+Bispos X Torres+Cavalos". Depois ensinamos os movimentos do Rei e da Rainha, destacando quando o rei fica em situação de "xeque" e quando está em "xeque-mate". O jogo "Casal Negro" não foi realizado devido à dispersão excessiva da turma, que parecia não ter mais energia para se concentrar na atividade. Decidimos oferecer o lanche às crianças. Houve uma situação de desrespeito por parte do aluno Eduardo, que xingou o professor de "veado". Disse a ele que iria chamar sua mãe na escola e comunicá-la que, caso ele continuasse a agir dessa maneira desrespeitosa em outras aulas, as medidas jurídicas serão tomadas. Posteriormente, já em outra aula, o aluno me pediu desculpas, que foram prontamente aceitas.</p>

DATA	COMENTARIO
31/03/11	<p>As crianças estavam assistindo ao filme do "Máscara 2" durante o recreio e a aula de EDF era exatamente após o recreio. Quando cheguei à sala e tentei retomar o conteúdo que vinha sendo trabalhado (xadrez), houve resistência por parte das crianças, e o aluno Leonardo me falou que o desejo deles era continuar assistindo o filme. Eu aceitei, mas com uma condição: essa seria a "aula livre" da semana (que geralmente ocorre nas sextas), e na sexta continuaríamos com o conteúdo. Organizamos uma votação, a maioria das crianças optou pelo filme e o acordo foi selado. Desse modo, nessa aula as crianças ficaram vendo filme.</p>

PLANO DE AULA XADREZ 3

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Intelectivos - Xadrez

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Verdade

VALOR HUMANO RELATIVO: Discernimento

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 21/03/2011 a 25/03/2011

DISCERNINDO AS MELHORES JOGADAS

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Verdade/Discernimento” através do conteúdo do Xadrez;
- Ensinar o princípio do valor das peças do xadrez;
- Explicar os objetivos das três fases de jogo do xadrez: abertura, meio de jogo e final de jogo.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é discernimento?”
- Perguntar às crianças o que é “discernimento”.
- Explicar a elas, através da citação: “saber escolher entre o certo e o errado é saber discernir”, o que é “discernimento”.
- Valor das Peças: propor situações de troca de peças e explicar quando vale a pena realizar a troca e quando não vale. Expor que o valor das peças não decide jogo, e é apenas uma forma de “discernir” quando uma troca de peças

- vale a pena ou não, ou para saber quem está em vantagem material no jogo.
- Aberturas: é o início do jogo. Seus objetivos estratégicos são:
 - 5) Desenvolvimento: posicionar as peças (em particular bispos e cavalos) em casas-chave, onde possam exercer grande impacto no decorrer da partida;
 - 6) Controle do centro: controlar as casas centrais permite que as peças sejam movidas para qualquer parte do tabuleiro facilmente;
 - 7) Segurança do rei: conseguida normalmente por meio do roque (também chamado de *encastelamento* do rei);
 - 8) Estrutura de peões: enxadristas experientes evitam a todo custo a criação de fraquezas na estrutura de peões, tais como peões dobrados, isolados ou atrasados, dentre outras.
 - Meio de jogo: é a fase intermediária do jogo, na qual se avançam as peças promovendo trocas com o objetivo de obter vantagem material e preparando o mate.
 - Fim de jogo: é a fase na qual a vitória, o empate ou a derrota se consumam.
 - O tempo restante da aula poderá ser utilizado para as crianças que já têm alguma noção jogarem xadrez.
 - No final da aula, realizar a harmonização de encerramento (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AValiação

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de xadrez propostas;
- Consegue desenvolver uma partida de xadrez contra seu colega.

MATERIAL E ESPAÇO

1 Tabuleiro magnético de xadrez;

Diversos jogos de xadrez.

O espaço pode ser a própria sala de aula.

DISCERNIMENTO

É a utilização da inteligência e do poder discriminatório do que é certo ou errado para tomar uma posição perante uma circunstância ou fato, de acordo com a nossa consciência. Nossa capacidade de discernimento cresce na medida em que exploramos as regiões mais sutis da mente e ampliamos o poder de captação e percepção da verdade, reconhecendo o ser interno como guia. É a conexão entre a lógica e o sentimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRISTO, S. A. S., **Xadrez na sala de aula: aproximações pedagógicas**. São José dos Campos: Pulso, 2010.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
31/03/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o "xadrez", o valor absoluto a "verdade" e o valor relativo o "discernimento". Iniciamos com a discussão do que é "discernimento" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Expus no quadro o valor das peças e propus situações hipotéticas de trocas de peças, de modo a exercitar o "discernimento". Depois, a turma foi desafiada a jogar uma partida de xadrez contra o professor. A turma teve dificuldades de concentração na partida, o que acabou gerando um ambiente tumultuado para a prática do xadrez. Entretanto, mesmo assim a partida foi jogada e permitiu o aprendizado da dinâmica do jogo.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
31/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (discernimento). Iniciamos com a discussão do que é "discernimento" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Expus no quadro o valor das peças e propus situações hipotéticas de trocas de peças, de modo a exercitar o "discernimento". Depois, a turma foi desafiada a jogar uma partida de xadrez contra o professor. A turma se concentrou bastante durante o jogo, que serviu para aprimorar o conhecimento das crianças acerca da dinâmica do jogo de xadrez.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
29/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (discernimento). Iniciamos com a discussão do que é "discernimento" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Expus no quadro o valor das peças e propus situações hipotéticas de trocas de peças, de modo a exercitar o "discernimento". Depois, a turma foi desafiada a jogar uma partida de xadrez contra o professor. Houve muitas conversas e alguma dispersão por parte de algumas crianças, mas no geral a partida rendeu diversos lances que possibilitaram o exercício dos conhecimentos enxadrísticos trabalhados nas outras aulas.

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
25/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (discernimento). Neste dia optamos por não realizar a harmonização, devido à resistência das crianças com relação à atividade. Esta atividade será trabalhada esporadicamente. Iniciamos com uma partida de xadrez, o professor contra a turma. Nos lances em que foi possível, procurei enfatizar as situações de troca ou sacrifício de peças, de modo a questionar quais trocas valem a pena serem realizadas. A partir disso, conversamos sobre o que é "discernimento", e sobre a importância desse valor para saber diferenciar o que é certo do que é errado nas atitudes cotidianas. Em seguida, expus no quadro o valor das peças do xadrez, colocando situações hipotéticas de trocas de peças para que as crianças exercitassem seu "discernimento". Depois, expliquei as fases do jogo e os princípios de abertura, jogando novamente uma partida de xadrez o professor versus a turma. Houveram alguns problemas de comportamento por parte de quatro alunos, mas nada que não fosse contornável com uma boa conversa.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
25/03/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (discernimento). Neste dia optamos por não realizar a harmonização, devido à resistência das mesmas com relação à atividade. Esta atividade será trabalhada esporadicamente. Iniciamos com a discussão do que é "discernimento" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Expus no quadro o valor das peças e propus situações hipotéticas de trocas de peças, de modo a exercitar o "discernimento". Depois, a turma se dispersou e tive dificuldades para retomar a comunicação com a turma toda. Realizamos a atividade do silêncio, na qual toda a turma deveria ficar 2' em silêncio antes de continuar com a aula, sendo que a cada barulho a contagem era recomeçada. Após, passei algumas noções de abertura de jogo e realizamos uma partida do professor versus a turma.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
01/04/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (discernimento). Iniciamos com a discussão do que é "discernimento" e qual sua importância para a vida e para o xadrez. Expus no quadro o valor das peças e propus situações hipotéticas de trocas de peças, de modo a exercitar o "discernimento". Depois, a turma foi desafiada a jogar uma partida de xadrez contra o professor, valendo uma caixa de bombons para a turma toda. Para o azar da turma, eles acabaram derrotados, mesmo com toda a ajuda de dois dos alunos da classe que já possuem uma certa experiência no xadrez.</p>

PLANO DE AULA XADREZ 4

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Intelectivos - Xadrez

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Verdade

VALOR HUMANO RELATIVO: Atenção

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 21/03/2011 a 25/03/2011

ATENÇÃO AO PERIGO

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Verdade/Atenção” através do conteúdo do Xadrez;
- Explicar algumas situações perigosas do xadrez, como a “cravada”, “raio-x”, “garfo”, etc.
- Propor algumas situações-problema para a turma resolver.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Realizar a harmonização. Fechar os olhos, em postura adequada na cadeira (coluna reta, queixo erguido), tomar algumas respirações profundas. Prestar atenção nos cinco sentidos. Prestar atenção na respiração. Conectar com a pergunta: “agora, imagine em sua mente: o que é atenção?”
- Perguntar às crianças o que é “atenção”.
- Explicar a elas, através da citação: “do que vale olhar sem ver?” (Goethe), o que é “atenção”.
- Cravada: quando uma peça ameaça uma linha, uma diagonal ou uma coluna que contém duas peças do adversário. Geralmente ocorre com Bispo, Torre ou Dama.

- Raio-X: quando uma peça ameaça o rei adversário e outra peça que está atrás do rei na mesma linha, diagonal ou coluna. O rei terá que ser mexido, e a peça que está atrás será capturada.
- Garfo: quando uma peça ameaça duas peças do adversário simultaneamente. Muito comum acontecer através do Cavalo e do Peão.
- O tempo restante da aula poderá ser utilizado para as crianças que já têm alguma noção jogarem xadrez.
- No final da aula, realizar a harmonização de encerramento (1 minuto de silêncio para interiorizar o aprendizado ocorrido durante a aula).

AValiação

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de xadrez propostas;
- Consegue identificar a solução das situações-problema propostas.

MATERIAL E ESPAÇO

1 Tabuleiro magnético de xadrez;

Diversos jogos de xadrez.

O espaço pode ser a própria sala de aula.

ATENÇÃO

Estar presente por inteiro em tudo o que observar, sentir, escutar, dizer ou fazer é fundamental para que possamos ter a experiência real das oportunidades de aprendizado e crescimento que a vida oferece. Ao focar nossa atenção em algo, ocorre uma comunicação energética entre nós e o objeto do nosso foco, fazendo surgir novas ideias que são desenvolvidas pela mente, que as delinea e dá início ao processo de criação. Atentos a nós mesmos, aos semelhantes e a à natureza, poderemos encontrar Deus em nós e no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRISTO, S. A. S., **Xadrez na sala de aula: aproximações pedagógicas**. São José dos Campos: Pulso, 2010.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

Link: <http://www.ronaud.com/frases-pensamentos-citacoes-sobre-atencao>

Acessado em: 13/03/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
04/04/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o "xadrez", o valor absoluto a "verdade" e o valor relativo a "atenção". Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez. Optei por não ensinar as armadilhas do xadrez (cravada, raio-x e garfo), pois percebi que seria mais apropriado recapitular as regras de movimentações das peças. Em seguida, as crianças foram divididas em duplas e cada dupla pôde jogar xadrez. Uma das crianças ficou sem dupla e jogou contra a estagiária de pedagogia que estava auxiliando a turma neste dia. As crianças se concentraram bastante durante o jogo, entretanto, tiveram muitas dificuldades para lembrar as regras de movimentação das peças, mesmo tendo recapitulado esse tópico com as crianças.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
01/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (atenção). Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez, utilizando a citação de Goethe ("Nada vale olhar sem ver"). As crianças se interessaram em saber quem foi Goethe, de onde ele veio, qual foi sua importância para a literatura mundial. Em seguida, expliquei algumas armadilhas perigosas do xadrez: a cravada, o raio-x e o garfo. Depois, as crianças foram divididas em duplas e cada dupla pôde jogar xadrez. Uma das crianças ficou sem dupla e jogou contra o professor no tabuleiro magnético. A aula ocorreu sem grandes problemas de disciplina.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
04/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (atenção). Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez, utilizando a citação de Goethe ("Nada vale olhar sem ver"). As crianças se interessaram em saber quem foi Goethe, de onde ele veio, qual foi sua importância para a literatura mundial. Em seguida, expliquei algumas armadilhas perigosas do xadrez: a cravada, o raio-x e o garfo. Depois, as crianças foram divididas em duplas e cada dupla pôde jogar xadrez. Uma das crianças ficou sem dupla e jogou contra o professor no tabuleiro magnético. A aula ocorreu sem grandes problemas de disciplina.

DATA	COMENTÁRIO
07/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (atenção). Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez, utilizando a citação de Goethe ("Nada vale olhar sem ver"). Em seguida, expliquei algumas armadilhas perigosas do xadrez: a cravada, o raio-x e o garfo. Depois, quando íamos dividir a turma em duplas para dar início aos jogos de xadrez, uma aluna e um aluno ficaram atrapalhando a aula, fazendo bagunça pela sala e cutucando seus colegas, ignorando os pedidos do professor. Tive uma conversa séria com os dois e fizemos um pacto no qual ambos prometeram se comportar melhor desse dia em diante.

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
29/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (atenção). Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez, utilizando a citação de Goethe ("Nada vale olhar sem ver"). As crianças se interessaram em saber quem foi Goethe, de onde ele veio, qual foi sua importância para a literatura mundial. Indiquei dois livros ("Fausto" e "Os sofrimentos do jovem Werther") para que elas tivessem contato com a obra desse autor. Em seguida, expliquei algumas armadilhas perigosas do xadrez: a cravada, o raio-x e o garfo. Depois, as crianças foram divididas em duplas e cada dupla pôde jogar xadrez. Uma das crianças ficou sem dupla e jogou contra o professor no tabuleiro magnético. Dois alunos mais uma vez ficaram conversando muito durante as explicações e foram advertidos verbalmente pelo professor em virtude desse comportamento.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
29/03/11	Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (atenção). Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez, utilizando a citação de Goethe ("Nada vale olhar sem ver"). As crianças se interessaram em saber quem foi Goethe, de onde ele veio, qual foi sua importância para a literatura mundial. Indiquei dois livros ("Fausto" e "Os sofrimentos do jovem Werther") para que elas tivessem contato com a obra desse autor. Em seguida, expliquei algumas armadilhas perigosas do xadrez: a cravada, o raio-x e o garfo. Depois, as crianças foram divididas em duplas e cada dupla pôde jogar xadrez. Uma das crianças ficou sem dupla e jogou contra o professor no tabuleiro magnético. A aula ocorreu sem grandes problemas de disciplina.

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
05/04/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (xadrez), o valor absoluto (verdade) e o valor relativo (atenção). Explicamos o que é "atenção" e qual a importância desse valor para a vida e para o xadrez. Em seguida, expliquei algumas armadilhas perigosas do xadrez: a cravada, o raio-x e o garfo. Depois, a turma desafiou o professor num jogo de xadrez valendo chocolates no tabuleiro magnético. Durante o jogo as crianças demonstraram algum aprendizado no que concerne à movimentação das peças e elaboração de estratégias. Entretanto, as estratégias eram muito rudimentares, e não permitiram que vencessem o jogo, mas isso é secundário.</p>

PLANO DE AULA YOGA 1

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Ginástica - Yoga

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Paz

VALOR HUMANO RELATIVO: Concentração

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 04/04/2011 a 08/04/2011

CONHECENDO A PAZ ATRAVÉS DO YOGA

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Paz/Concentração” através do conteúdo do Yoga;
- Conhecer a origem do Yoga, seus princípios e seus objetivos;
- Conhecer e vivenciar alguns exercícios de yoga, sejam eles *asanas*, *pranayama* ou de *consciência respiratória*.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “concentração” e qual a importância de se possuir esta habilidade.
- Contar a história do yoga, contextualizando sua origem e seu significado na cultura indiana e na cultura brasileira. Explicar quais são seus princípios e objetivos.
 - **Princípios do yoga:** quer dizer “união consigo mesmo, com Deus”. Fundamenta-se na ideia de que os seres humanos devem buscar o máximo aprimoramento de suas capacidades, sejam elas corporais, mentais ou espirituais. Trata-se de encontrar o estado único e eterno do *samadhi* – a iluminação -, através de práticas corporais inspiradas nos elementos da natureza – os animais, o sol, a lua, as montanhas, etc.

- **Objetivos do yoga:** integrar, equilibrar o corpo, a mente e o espírito através da prática dos asanas (posturas corporais), do pranayama (exercícios de consciência respiratória) e da meditação (elevação do nível de consciência, queda na frequência de ondas cerebrais).

- Apresentar a série de posturas do dia e executar:
 1. Surya Namaskara (p. 176)
 2. Sequencia do Guerreiro (p. 188)
 3. Tirar um dos pés do chão e fingir que é uma árvore, com os braços erguidos ao lado do corpo, simulando galhos, e os dedos das mãos afastados, simulando folhas. Sentir o vento balançando a árvore, seus galhos e folhas, sem perder o equilíbrio. (p. 104) / Eka Pada Pranamasana (p. 245)
 4. Halasana (p. 242) / Sarvangasana (p. 241)
 5. Shavasana (p. 193) – Pranayama: exercício de respiração abdominal
- Encerrar a aula com um exercício de consciência respiratória, no qual as crianças ficam sentadas em uma posição confortável e de olhos fechados, e prestam atenção em suas respirações durante algum tempo (máximo de 5').

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de yoga propostas;
- É capaz de se concentrar nos exercícios respiratórios, sem atrapalhar seus colegas.

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha.

Espaço amplo.

HISTÓRIA DO YOGA

A história do Yoga é narrada através dos tempos, desde os povos Arianos, cuja linguagem era o sânscrito. Devido as transformações geológicas do planeta,

estes povos imigraram para a região que atualmente, considera-se a Índia. No sânscrito, as palavras expressam cristalinidade e autenticidade. Sua entonação transforma-a em uma linguagem mântica, isto é, em um som natural. Dessa forma, justifica-se os sentidos atribuídos à palavra "Yoga", que significa, união consigo mesmo, conseqüentemente, com Deus.

A forma como se originou o Yoga dentro da história tradicional, ainda é um mistério. Segundo as tradições, o Yoga se desenvolveu à partir das observações dos movimentos existentes na própria natureza, dos gestos dos animais, das sensações dos vegetais, dos sons da natureza, da força das montanhas e da energia transformadora do Sol.

De acordo com algumas pesquisas desenvolvidas a mais de 25 anos, o Yoga surgiu em torno de 50.000 anos A.C. e as suas tradições orais foram passadas para as novas gerações, ou seja, os ensinamentos fundamentais. Esses ensinamentos não se perderam ao longo dos anos e foram passados de geração a geração, transmitidos de mestre para discípulos e de pai para filho. Por volta do ano 300 A.C., o Yoga foi codificado por um grande pesquisador e mestre da época, conhecido por Pantajali, que desenvolveu um sistema didático para o estudo e a prática desta Ciência Natural, o "Yoga Sutras".

Assim, compreendemos que a procedência do Yoga ocorreu praticamente junto com a origem da Humanidade. O que antecedeu todos os grandes acontecimentos da História, conseqüentemente, influenciou todos os conceitos filosóficos e científicos desenvolvidos ao longo dos anos.

Atualmente, o Yoga se consolida como uma Ciência Natural, a qual desperta o ser humano para a sua natureza essencial, a vida do Espírito. E isso se dá por meio das práticas de exercícios físicos, respiratórios e sons (os mantras). Em decorrência dessas práticas, as capacidades e potenciais que antes estavam adormecidos pelos nossos condicionamentos mentais, são ampliados através do auto-conhecimento.

CONCENTRAÇÃO

A concentração da mente em determinado ponto leva à compreensão e a

vivências mais profundas e abrangentes do objeto da nossa atenção. Nada pode ser adequadamente examinado, assimilado ou executado sem concentração. Este é o caminho para alcançar a elevação espiritual e a felicidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

SARASWATI, S. S. **Yoga education for children**. India: Yoga Publications Trust, 2007.

Link: http://www.iyn.com.br/historico_yoga

Acessado em: 27/03/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
05/04/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o "yoga", o valor absoluto a "paz" e o valor relativo a "concentração". Iniciamos conversando sobre o que é "concentração" e sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, contei brevemente a história do yoga e expliquei quais são as partes de uma aula de yoga (asanas, pranayama e meditação/relaxamento). Por fim, fomos para a parte prática, na qual realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação. Nesses dois últimos exercícios as crianças não conseguiram se concentrar totalmente, pois ficaram fazendo muito barulho e se cutucando mutuamente.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
05/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (concentração). A aula começou com 20 minutos de atraso, devido à uma falha na organização dos horários dos professores, que foi alterado sem comunicação prévia dos mesmos. Devido a isso, a professora regente da turma não sabia que era aula de EDF e permitiu que as crianças fossem à biblioteca para pegar livros. Quando cheguei à sala, tive que aguardar o retorno das crianças para dar início à aula. Iniciamos conversando sobre o que é "concentração" e sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, contei brevemente a história do yoga e expliquei quais são as partes de uma aula de yoga (asanas, pranayama e meditação/relaxamento). Por fim, fomos para a parte prática, na qual realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação. Nesses dois últimos exercícios as crianças não conseguiram se concentrar totalmente, pois ficaram fazendo muito barulho.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
07/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (concentração). Iniciamos conversando sobre o que é "concentração" e sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, contei brevemente a história do yoga e expliquei quais são as partes de uma aula de yoga (asanas, pranayama e meditação/relaxamento). Por fim, fomos para a parte prática, na qual realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação. Nesses dois últimos exercícios as crianças não conseguiram se concentrar totalmente, pois ficaram fazendo muito barulho e se cutucando mutuamente.

DATA	COMENTÁRIO
11/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (concentração). Iniciamos conversando sobre o que é "concentração" e sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, contei brevemente a história do yoga e expliquei quais são as partes de uma aula de yoga (asanas, pranayama e meditação/relaxamento). Por fim, fomos para a parte prática, na qual realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação. Os alunos que apresentaram problemas na aula anterior foram observados com atenção, mas se comportaram bem durante a aula. A aluna, em verdade, teve uma dor de estômago e solicitou ao professor para ir embora. Encaminhamos a aluna para a Secretaria que tomou as providências cabíveis.

4º e 5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
07/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (concentração). Iniciamos conversando sobre o que é "concentração" e sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, contei brevemente a história do yoga e expliquei quais são as partes de uma aula de yoga (asanas, pranayama e meditação/relaxamento). Por fim, fomos para a parte prática, na qual realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação. Nesses dois últimos exercícios as crianças não conseguiram se concentrar totalmente, pois ficaram fazendo muito barulho e se cutucando mutuamente.

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
08/04/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (concentração). Iniciamos conversando sobre o que é "concentração" e sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, contei brevemente a história do yoga e expliquei quais são as partes de uma aula de yoga (asanas, pranayama e meditação/relaxamento). Por fim, fomos para a parte prática, na qual realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação. As crianças prestaram atenção no começo da parte prática, mas depois se dispersaram pelo espaço e ficaram se arrastando no chão. Apenas duas alunas fizeram todas as atividades práticas propostas.</p>

PLANO DE AULA YOGA 2

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Ginástica - Yoga

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Paz

VALOR HUMANO RELATIVO: Silêncio Interior

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 04/04/2011 a 08/04/2011

CONCENTRANDO-SE NO SILÊNCIO INTERIOR

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Paz/Silêncio Interior” através do conteúdo do Yoga;
- Conhecer a teoria dos Chakras e sua relação com a pirâmide das necessidades de Maslow;
- Conhecer e vivenciar alguns exercícios de yoga, sejam eles *asanas*, *pranayama* ou de *consciência respiratória*.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “silêncio interior”. Conversar com elas acerca da importância e dos benefícios dessa prática meditativa.
- Expor a teoria dos chakras e sua relação com a pirâmide das necessidades de Maslow.
- Apresentar a série de posturas do dia e executar:
 - Surya Namaskara (p. 176)
 - Sequencia do Guerreiro (p. 188)
 - Natavarasana (p. 249) / Natarajasana I (p. 250) / Natarajasana II (p.

251)

- Halasana (p. 242) / Sarvangasana (p. 241)
- Padmasana ou Meio-Padmasana (p. 193) – Pranayama: exercícios de respiração abdominal com contração de esfíncteres uretral e anal.
- Encerrar a aula com um exercício de consciência respiratória, no qual as crianças ficam sentadas em uma posição confortável e de olhos fechados, e prestam atenção em suas respirações durante algum tempo (máximo de 5').

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de yoga propostas;
- É capaz de canalizar sua atenção ao silêncio interior, sem atrapalhar seus colegas.

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha.

Espaço amplo.

SILÊNCIO INTERIOR

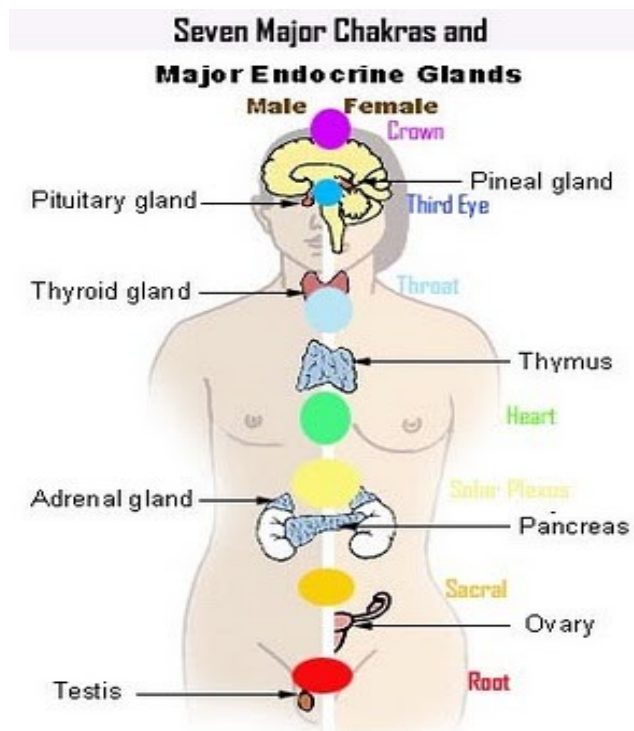
A paz e a alegria estão no reino interior. Dirigir a mente para dentro de nós é um exercício extremamente eficiente que nos ensina a ouvir a voz da divindade interna. O silêncio interior permite o fluxo da consciência, que nos traz inspirações e gestações de propósitos mais elevados. No silêncio interior nosso espírito comunga com o cosmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

SARASWATI, S. S. **Yoga education for children**. Índia: Yoga Publications Trust, 2007.

ANEXOS



ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:**1º ano:**

DATA	COMENTÁRIO
11/04/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o "yoga", o valor absoluto a "paz" e o valor relativo o "silêncio interior". Iniciamos com a explicação do que é "silêncio interior", sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, abordamos a Teoria dos Chakras, explicando o que são os chakras, como podem ser dinamizados e qual seu contexto dentro da prática do yoga. Depois, fomos para a parte prática, onde realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação.

2º ano, 3º anos, 4ª ano e Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
08/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (silêncio interior). Iniciamos com a explicação do que é "silêncio interior", sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, abordamos a Teoria dos Chakras, correlacionando cada chakra com uma glândula hormonal, explicando o que são os chakras, como podem ser dinamizados e qual seu contexto dentro da prática do yoga. Depois, fomos para a parte prática, onde realizamos alguns asanas, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
08/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (silêncio interior). Iniciamos com a explicação do que é "silêncio interior", sua importância para a vida e para a prática do yoga. Em seguida, quando eu ia iniciar a explicação da teoria dos chakras, um aluno e alguns outros colegas iniciaram conversas paralelas. Tentei levar o problema na conversa, combinando com o aluno que iniciou as conversas ficaria em silêncio durante a explicação do professor. Entretanto, novamente ele interrompeu a aula com suas conversas paralelas. Desisti de abordar a parte teórica e resolvi ir direto para a prática. Entretanto, mais uma vez o aluno atrapalhou a aula, tendo batido num colega e machucado a mão de outro. Nesse momento pedi para ele se retirar de minha aula, pois não tinha condições de fazer a aula com ele presente. O restante da turma acabou ficando sem a prática em virtude dos problemas de comportamento desse colega. Ao final de aula a Secretária da escola, eu e o aluno tivemos uma conversa séria com ele e resolvemos falar com sua mãe, para tentar auxiliar na solução do problema de comportamento dele.

DATA	COMENTARIO
12/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (silêncio interior). Como na última aula tive muitos problemas de conversas paralelas durante a explicação da "Teoria dos Chakras", passei um trabalho de pesquisa com 4 questões relacionadas ao Yoga e à Teoria dos Chakras, para ser entregue no dia 19/04. As crianças copiaram as questões e, em seguida, fomos para a prática. A mesma ocorreu com tranquilidade, fizemos os asanas planejados, um exercício respiratório (pranayama) e um de meditação.

PLANO DE AULA YOGA 3

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Ginástica - Yoga

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Paz

VALOR HUMANO RELATIVO: Autocontrole

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 11/04/2011 a 15/04/2011

CONTROLANDO OS ANIMAIS DENTRO DE NÓS

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Paz/Autocontrole” através do conteúdo do Yoga;
- Conhecer e vivenciar alguns exercícios de yoga, sejam eles *asanas*, *pranayama* ou de *consciência respiratória*.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “autocontrole”. Conversar com elas acerca da importância e dos benefícios de se aprimorar esse atributo humano.
- Apresentar a série de posturas do dia e executar:
 - Ardha Chandra Namaskara (p. 184)
 - Espíritos dos animais presentes em nós (p. 104)

2.1. Matsyasana – Peixe

2.2. Bhujangasana – Cobra

2.3. Tiryaka Bhujangasana – Cobra olhando para sua cauda

2.4. Shashank Bhujangasana – Cobra dando o bote

2.5. Poorna Bhujangasana (p. 219) – Cobra inteira

2.6. Sarpasana – Serpente

2.7. Shalabhasana – Gafanhoto

2.8. Utthan Pristhasana – Lagarto

2.9. Marjariasana – Gato se alongando

2.10. Vyaghrasana – Tigre

2.11. Ardha Ushtrasana – Meio camelo

2.12. Ushtrasana – Camelo

2.13. Simhasana - Leão

- Pose do Zangão (p. 216) / Pose da Cegonha (p. 217)
- Sirshasana – Invertida
- Shavasana (p. 193) – Pranayama: Nadi Shodhana Pranayama (p. 265)

Encerrar a aula com um exercício de consciência respiratória, no qual as crianças ficam sentadas em uma posição confortável e de olhos fechados, e prestam atenção em suas respirações durante algum tempo (máximo de 5').

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de yoga propostas;
- É capaz de manter o autocontrole durante as posturas vivenciadas durante a aula, permanecendo a maior parte do tempo concentrado em sua consciência corporal.

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha.

Espaço amplo.

AUTOCONTROLE

O autocontrole evita infligir dor, aborrecimento e constrangimentos aos outros e a nós mesmos. Constitui um elemento importante para vencer nossas tendências inferiores, atingir nossas qualidades e nos preparar melhor para viver. O assenhoreamento dos nossos impulsos não se consegue pela repressão ou negação dos instintos, mas pela disciplina mental e elevação do nível de consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos.** São Paulo: Peirópolis, 1996.

SARASWATI, S. S. **Yoga education for children.** India: Yoga Publications Trust, 2007.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
14/04/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o "yoga", o valor absoluto a "paz" e o valor relativo o "autocontrole". Conversamos com a turma sobre o que é "autocontrole", diferenciando essa característica entre seres-humanos e animais. Em seguida, fiz um desafio: combinei com a turma um voto de silêncio até o final da aula, e cada um tinha que manter seu autocontrole. É claro que muitas crianças conversaram durante a aula, mas bem menos do que o habitual. Durante a prática, realizamos a "saudação à meia-lua", os asanas dos animais, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação.

2º ano e Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
14/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (autocontrole). Conversamos com a turma sobre o que é "autocontrole", diferenciando essa característica entre seres-humanos e animais. Em seguida, fiz um desafio: combinei com a turma um voto de silêncio até o final da aula, e cada um tinha que manter seu autocontrole. É claro que muitas crianças conversaram durante a aula, mas bem menos do que o habitual. Durante a prática, realizamos a "saudação à meia-lua", os asanas dos animais, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
12/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (autocontrole). Conversamos com a turma sobre o que é "autocontrole", diferenciando essa característica entre seres-humanos e animais. Em seguida, fiz um desafio: combinei com a turma um voto de silêncio até o final da aula, e cada um tinha que manter seu autocontrole. É claro que muitas crianças conversaram durante a aula, mas bem menos do que o habitual. Durante a prática, realizamos a "saudação à meia-lua", os asanas dos animais, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação. Infelizmente no final da aula a prática foi atrapalhada pela saída das outras turmas.

DATA	COMENTÁRIO
18/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (autocontrole). Conversamos com a turma sobre o que é "autocontrole", diferenciando essa característica entre seres-humanos e animais. Em seguida, fiz um desafio: combinei com a turma um voto de silêncio até o final da aula, e cada um tinha que manter seu autocontrole. É claro que muitas crianças conversaram durante a aula, mas bem menos do que o habitual. Durante a prática, realizamos a "saudação à meia-lua", os asanas dos animais, dois exercícios de equilíbrio. Quando fui ensinar a invertida, as crianças começaram a conversar muito e resolvi retornar à sala como medida de punição educativa.

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
12/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (autocontrole). Conversamos com a turma sobre o que é "autocontrole", diferenciando essa característica entre seres-humanos e animais. Durante a prática, realizamos a "saudação à meia-lua", os asanas dos animais, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação. Infelizmente nos exercícios de pranayama e meditação as crianças tiveram muita dificuldade para ficar em silêncio e se concentrarem. Espero que com a prática possam melhorar nesse quesito.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
15/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (autocontrole). Iniciamos a aula conversando sobre o que é "autocontrole" e a diferença entre os seres-humanos e os animais. Entretanto, por diversas vezes o raciocínio foi interrompido por conversas paralelas. Em determinado momento da aula, resolvi passar algumas questões para pesquisa no quadro, como forma de punição educativa pelo comportamento das crianças. A pesquisa deverá ser entregue juntamente com as questões sobre o "yoga" e os "chakras". Neste dia não houve aula prática.

DATA	COMENTÁRIO
19/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (autocontrole). Recolhi os trabalhos solicitados para as crianças nas aulas anteriores. Em seguida, como não realizamos a prática na aula anterior, saímos para o pátio e fizemos a prática do yoga. Praticamos os asanas dos animais, dois asanas de equilíbrio, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação.

PLANO DE AULA YOGA 4

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Ginástica - Yoga

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Paz

VALOR HUMANO RELATIVO: Paciência

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 11/04/2011 a 15/04/2011

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Paz/Paciência” através do conteúdo do Yoga;
- Conhecer e vivenciar alguns exercícios de yoga, sejam eles *asanas*, *pranayama* ou de *consciência respiratória*.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “paciência”. Conversar com elas acerca da importância e dos benefícios de se aprimorar esse atributo humano.
- Apresentar a série de posturas do dia e executar:
 - Poorna Chandra Namaskara (p. 187)
 - Asanas dos objetos (p. 222)
 - 2.1. Baka Dhyanasana – Guindaste paciente (p. 206)
 - 2.2. Nauka Sanchalanasana – Remando o barco (p. 222)
 - 2.3. Chakki Chalanasana – Mexendo o moinho (p. 223)
 - 2.4. Naukasana – Barco (p. 223)
 - 2.5. Vajrasana – Raio (p. 224)
 - 2.6. Supta Vajrasana – Raio dormindo (p. 225)
 - 2.7. Chakrasana – Roda (p. 227)

2.8. Setu Asana – Ponte (p. 229)

2.9. Ardha Matsyendrasana – Torção de meia-coluna (p. 236)

- Eka Padasana (p. 257) / Arjunasana (p. 252)
- Sirshasana – Invertida
- Padmasana (p. 246) – Pranayama: Nadi Shodhana Pranayama (p. 265)
- Encerrar a aula com um exercício de consciência respiratória, no qual as crianças ficam sentadas em uma posição confortável e de olhos fechados, e prestam atenção em suas respirações durante algum tempo (máximo de 5').

AValiação

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades de yoga propostas;

MATERIAL E ESPAÇO

Tatames de borracha.

Espaço amplo.

PACIÊNCIA

Estamos todos subordinados ao tempo de maturação das coisas. Nada acontece fora de hora. Paciência não quer dizer lentidão e postura de enfado, preguiça ou desestímulo. Somos pacientes quando agimos dando o que temos de melhor e entregando o resultado à vontade maior. Com paciência superamos etapas com menos sofrimento, sempre movidos pela esperança e crença na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

SARASWATI, S. S. **Yoga education for children**. India: Yoga Publications Trust, 2007.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:**1º ano:**

DATA	COMENTÁRIO
18/04/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o "yoga", o valor absoluto a "paz" e o valor relativo a "paciência". Conversamos sobre o que é "paciência", utilizando exemplos práticos; destacamos sua importância e como exercitá-la. Em seguida, fomos para a parte prática, na qual realizamos a "saudação à lua cheia", os asanas dos objetos, dois exercícios de equilíbrio, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação. Várias crianças ficaram correndo pelo pátio e não fizeram a aula.

2º ano, 3º anos, 4º ano e Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
15/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (yoga), o valor absoluto (paz) e o valor relativo (paciência). Conversamos sobre o que é "paciência", utilizando exemplos práticos; destacamos sua importância e como exercitá-la. Em seguida, fomos para a parte prática, na qual realizamos a "saudação à lua cheia", os asanas dos objetos, dois exercícios de equilíbrio, a invertida, um exercício de pranayama e um de meditação.

A turma do 5º ano não realizou esta aula pois ficaria muito atrasado em relação ao planejamento proposto.

PLANO DE AULA DANÇA 1

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Dança – Brinquedos Cantados/Cantigas de Roda

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Amor

VALOR HUMANO RELATIVO: Igualdade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 25/04/2011 a 29/04/2011

IGUALDADE ATRAVÉS DA RODA

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar o “Amor/Igualdade” através do conteúdo do brinquedo cantado “Escravos de Jó”;
- Conhecer e vivenciar diferentes formas de se cantar a cantiga “Escravos de Jó” e combiná-la com movimentos corporais que mantenham o ritmo.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “igualdade”. Conversar com elas acerca desse valor, relacionando-o à sua representação em grupo como sendo um círculo.
- Perguntar se as crianças conhecem a cantiga “Escravos de Jó”. Cantar a cantiga em conjunto com quem já sabe, para quem ainda não sabe aprender.
- Distribuir um objeto para cada criança e, num espaço amplo, todos sentados no chão, cantar a música passando o objeto para a direita, marcando o ritmo bem forte.
- Na primeira vez é cantada a música com a letra tradicional;
- Na segunda, a melodia é entoada apenas com os sons de "lá-lá-lá" no mesmo ritmo;

- Na terceira vez, os jogadores apenas murmuram a melodia no mesmo ritmo fazendo "Boca Chiusa";
- Na quarta vez, os jogadores apenas movimentam os objetos no ritmo, sem nenhum som, de modo que apenas as batidas na mesa deem o ritmo da cantiga;
- Propor que os estudantes realizem a movimentação desse brinquedo cantado com o próprio corpo em vez de utilizar o objeto. Formar um círculo com arcos no chão, sobre os quais as crianças, seguindo a letra da música, deslocar-se-ão.
- Decidir em conjunto como serão essas movimentações, enfatizando a importância da cooperação e da participação de todos os estudantes.
- Em seguida, separar a turma em grupos de aproximadamente 5 crianças. Cada grupo deverá criar uma maneira própria de movimentar-se no brinquedo cantado do "Escravos de Jó", fazendo movimentos corporais ao ritmo da cantiga.
- Encerrar a aula com as apresentações dos grupos.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus companheiros de grupo para a criação de uma coreografia para a cantiga "Escravos de Jó".

MATERIAL E ESPAÇO

Vários objetos iguais (bolinhas de gude, lápis, caixas de fósforo).

Espaço amplo.

IGUALDADE

Estamos contidos e contemos toda a criação – não estamos separados. Se excluirmos nome e forma, somos iguais em essência. A igualdade de direitos,

obrigações e oportunidades estabelecida na sociedade é básica para o progresso do homem em todos os níveis da personalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Curitiba. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno pedagógico: educação física/Secretaria Municipal da Educação**. Curitiba: SME, 2008.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_J%C3%B3 Acessado em: 22/04/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
28/04/11	<p>Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria o “brinquedo cantado”, o valor absoluto o “amor” e o valor relativo a “igualdade”. Conversamos sobre o que é “igualdade” e mostrando que numa organização de grupo este valor é expresso através da organização em círculo. Em seguida, fomos para a prática no pátio externo. Primeiro cantamos a música “Escravos de Jó”, para que as crianças que não conheciam a música passassem a conhecer. Depois, cada criança pegou um lápis e tentamos fazer o brinquedo cantado passando os lápis enquanto cantava a música, mas não foi possível, devido à dificuldade de entendimento do movimento de passagem do lápis para os colegas.</p> <p>Partimos para os movimentos corporais, ou seja, enquanto cantávamos a música, fazíamos movimentos com o corpo. Fizemos diversas coreografias baseadas na música trabalhada. Ao final, dividimos as meninas e os meninos e solicitamos a criação de uma coreografia própria. Apesar do esforço, as crianças não conseguiram apresentar a coreografia, somente cantando a música em grupo.</p>

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
29/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (brinquedo cantado), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (igualdade). Conversamos sobre o que é "igualdade", explicando que todos os seres-humanos são iguais perante a lei, independente de suas características pessoais. Relacionamos o valor "igualdade" ao símbolo do círculo. Em seguida, explicamos que o brinquedo cantado da aula seria o "Escravos de Jó". Cantei a música e a maioria das crianças já conheciam a mesma. Fomos para a prática no pátio externo. Fizemos um círculo e cada pessoa tinha um lápis à mão. O lápis deveria ser passado conforme a música do "Escravos de Jó". Depois, fizemos a mesma atividade, só que agora somente cantando a música com "lálálá". Em seguida, fizemos somente marcando o ritmo da música através das batidas dos lápis. Depois, todos em pé e de mãos dadas em círculo, fizemos o movimento com o corpo, criando uma coreografia para a música. Por fim, a turma foi dividida em dois grandes grupos e cada grupo teve que montar uma coreografia para a música. As apresentações não foram muito criativas, ficando com elementos muito similares à coreografia montada pelo professor.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
26/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (brinquedo cantado), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (igualdade). Conversamos sobre o que é "igualdade", explicando que todos os seres-humanos são iguais perante a lei, independente de suas características pessoais. Em seguida, explicamos que o brinquedo cantado da aula seria o "Escravos de Jó". Cantei a música e a maioria das crianças já conheciam a mesma. Fomos para a prática no pátio externo. Fizemos um círculo e cada pessoa tinha um lápis à mão. O lápis deveria ser passado conforme a música do "Escravos de Jó". Depois, fizemos a mesma atividade, só que agora somente cantando a música com "lálálá". Em seguida, fizemos somente marcando o ritmo da música através das batidas dos lápis. A aula encerrou nesta atividade, não sendo possível prosseguir para as outras atividades devido ao excesso de conversas paralelas a cada vez que ocorria a transição de atividade.

DATA	COMENTÁRIO
26/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (brinquedo cantado), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (igualdade). Conversamos sobre o que é "igualdade", explicando que todos os seres-humanos são iguais perante a lei, independente de suas características pessoais. Em seguida, explicamos que o brinquedo cantado da aula seria o "Escravos de Jó". Cantei a música e a maioria das crianças já conheciam a mesma. Fomos para a prática no pátio externo. Fizemos um círculo e cada pessoa tinha um lápis à mão. O lápis deveria ser passado conforme a música do "Escravos de Jó". Depois, fizemos a mesma atividade, só que agora somente cantando a música com "lálálá". Em seguida, fizemos somente marcando o ritmo da música através das batidas dos lápis. Finalmente, fizemos a música através de movimentos corporais, formando uma coreografia. Na última atividade a turma foi dividida em dois grupos, sendo que cada grupo deveria criar uma coreografia para a música. Um dos grupos não fez a atividade pois ficou muito disperso.

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
03/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (brinquedo cantado), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (igualdade). Conversamos sobre o que é "igualdade", explicando que todos os seres-humanos são iguais perante a lei, independente de suas características pessoais. Em seguida, explicamos que o brinquedo cantado da aula seria o "Escravos de Jó". Cantei a música e a maioria das crianças já conheciam a mesma. Fomos para a prática no pátio externo. Fizemos um círculo e cada pessoa tinha um lápis à mão. O lápis deveria ser passado conforme a música do "Escravos de Jó". Depois, fizemos a mesma atividade, só que agora somente cantando a música com "lálálá". Em seguida, fizemos somente marcando o ritmo da música através das batidas dos lápis. Finalmente, fizemos a música através de movimentos corporais, formando uma coreografia. Na última atividade a turma foi dividida em cinco grupos, sendo que cada grupo deveria criar uma coreografia própria para a música trabalhada. As coreografias foram bem criativas.

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
29/04/11	Escrevi no quadro o conteúdo (brinquedo cantado), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (igualdade). Conversamos sobre o que é "igualdade", explicando que todos os seres-humanos são iguais perante a lei, independente de suas características pessoais. Relacionamos o valor "igualdade" ao símbolo do círculo, desenhando no quadro diversas conformações das pessoas (colunas, filas) e explicando que a única que representava a igualdade era o círculo. Houve um grande problema com o burburinho e o excesso de interrupções por parte das crianças durante a explicação. Isso acabou gerando uma perda de tempo de aula muito grande, e não saímos para a prática como punição pelo comportamento das crianças. Ao invés disso, tivemos uma conversa com as mesmas, mostrando que uma aula participativa se faz com muito respeito ao momento de se falar de cada um.

DATA	COMENTÁRIO
03/05/11	Recapitulamos o conteúdo da aula anterior e fomos direto para a prática. Explicamos que o brinquedo cantado da aula seria o "Escravos de Jó". Cantei a música e a maioria das crianças já conheciam a mesma. Fomos para a prática no pátio externo. Fizemos um círculo e cada pessoa tinha um lápis à mão. O lápis deveria ser passado conforme a música do "Escravos de Jó". Depois, fizemos a mesma atividade, só que agora somente cantando a música com "lálálá". Em seguida, fizemos somente marcando o ritmo da música através das batidas dos lápis. Finalmente, fizemos a música através de movimentos corporais, formando uma coreografia. Na última atividade a turma foi dividida em cinco grupos, sendo que cada grupo deveria criar uma coreografia própria para a música trabalhada. As coreografias foram bem criativas.

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
28/04/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (brinquedo cantado), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (igualdade). Conversamos sobre o que é "igualdade", explicando que todos os seres-humanos são iguais perante a lei, independente de suas características pessoais. Relacionamos o valor "igualdade" ao símbolo do círculo. Em seguida, explicamos que o brinquedo cantado da aula seria o "Escravos de Jó". Cantei a música e a maioria das crianças já conheciam a mesma. Fomos para a prática no pátio externo. Fizemos um círculo e cada pessoa tinha um lápis à mão. O lápis deveria ser passado conforme a música do "Escravos de Jó". Depois, fizemos a mesma atividade, só que agora somente cantando a música com "lálálá". Em seguida, fizemos somente marcando o ritmo da música através das batidas dos lápis. Depois, todos em pé e de mãos dadas em círculo, fizemos o movimento com o corpo, criando uma coreografia para a música. Por fim, a turma foi dividida em dois grandes grupos e cada grupo teve que montar uma coreografia para a música. As apresentações não foram muito criativas, ficando com elementos muito similares à coreografia montada pelo professor. O que me surpreendeu nessa turma foi o elevado interesse por parte de um aluno que se mostrava com grande preconceito contra a dança.</p>

PLANO DE AULA DANÇA 2

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Dança – Danças Circulares

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Amor

VALOR HUMANO RELATIVO: Devoção

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 25/04/2011 a 29/04/2011

DEVOÇÃO ATRAVÉS DAS DANÇAS CIRCULARES

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar o “Amor/Devoção” através do conteúdo da dança circular indiana “Paz, Amor e Harmonia”;
- Elaborar outras coreografias para a mesma música, agora trabalhando em grupos.
- Solicitar pesquisa sobre Cantigas de Roda.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Dividir a turma em grupos e solicitar uma pesquisa. Cada grupo deverá perguntar a seus familiares (pais, irmãos, tios, avós, etc) quais cantigas de roda eles brincavam em suas épocas. Cada grupo deverá trazer pelo menos uma cantiga de roda para ensinar para a turma na próxima aula.
- Perguntar às crianças o que elas entendem por “devoção”. Explicar o que é “devoção” e sua relação com as danças circulares.
- Explicar a coreografia da dança circular indiana “Paz, Amor e Harmonia”, baseada em mudrás.
- Dançar a música com a turma toda na roda, procurar sentir a energia da música fluindo pelo corpo. Dançar uma outra vez, para firmar bem o ritmo da

música e a coreografia.

- Em seguida, separar a turma em grupos de aproximadamente 5 crianças. Cada grupo deverá criar uma maneira própria de dançar essa música e apresentar para os colegas.
- Encerrar a aula com as apresentações dos grupos.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus companheiros de grupo para a criação de uma coreografia para a dança circular indiana “Paz, Amor e Harmonia”.

MATERIAL E ESPAÇO

Aparelho de som com CD.

Espaço amplo.

DEVOÇÃO

A devoção reconstrói fundamentos morais e amorosos (paz, amor e harmonia, são apenas exemplos de valores que compõem estes fundamentos), estimula a fé e destrói dúvidas corrosivas que dificultam o autoconhecimento. Devoção é entrega amorosa. Ser devoto é fazer de cada ato uma celebração do amor de Deus e por Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

SANTOS, C. **Danças circulares sagradas**. Monte Crista, Garuva, SC, 2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
02/05/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria as "danças circulares", o valor absoluto o "amor" e o valor relativo a "devoção". Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Realizamos a coreografia duas vezes. Depois disso, os mesmos grupos que foram organizados em sala de aula para o trabalho de pesquisa se reuniram e tiveram que criar uma nova coreografia.

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
05/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (danças circulares), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (devoção). Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Realizamos a coreografia duas vezes. Depois disso, os mesmos grupos que foram organizados em sala de aula para o trabalho de pesquisa se reuniram e tiveram que criar uma nova coreografia. Os grupos apresentaram suas coreografias, mas alguns grupos tiveram certo receio de apresentar e foram estimulados pelo professor, deixando de lado momentaneamente a inibição e se apresentando também.

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
02/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (danças circulares), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (devoção). Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Realizamos a coreografia duas vezes. Depois disso, os mesmos grupos que foram organizados em sala de aula para o trabalho de pesquisa se reuniram e tiveram que criar uma nova coreografia. Apenas dois grupos apresentaram sua coreografia, pois os outros grupos, mesmo incentivados por mim, ficaram com receio e vergonha de apresentar.

DATA	COMENTÁRIO
02/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (danças circulares), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (devoção). Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Na hora de realizar a coreografia as crianças ficaram conversando, sem prestar atenção na dança. Parei a aula e ameacei voltar para a sala caso eles continuassem com esse comportamento. Tentei retomar a dança, entretanto, algumas crianças permaneceram com conversas paralelas. Cumpri o que disse e retornamos à sala de aula. Já de volta, conversei com as crianças acerca da importância de se prestar atenção durante a explicação e de se concentrar nas atividades práticas. Depois, pedi para que os grupos se reunissem para traçar estratégias para o trabalho da aula seguinte.</p>

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
06/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (danças circulares), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (devoção). Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Realizamos a coreografia duas vezes. Depois disso, os mesmos grupos que foram organizados em sala de aula para o trabalho de pesquisa se reuniram e tiveram que criar uma nova coreografia. Novamente as coreografias foram criativas, e apenas um grupo teve dificuldades para apresentar devido à inibição. Procurei incentivar o grupo, entretanto, mesmo assim, o grupo não quis apresentar. Resolvi não forçar a situação.</p>

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
06/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (danças circulares), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (devoção). Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Realizamos a coreografia duas vezes. Depois disso, os mesmos grupos que foram organizados em sala de aula para o trabalho de pesquisa se reuniram e tiveram que criar uma nova coreografia. Novamente as coreografias foram criativas, mas dois dos cinco grupos não apresentaram a coreografia, pois perderam o foco do trabalho durante a reunião do grupo, ficando apenas bagunçando e conversando no momento de criar a coreografia.

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
02/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (danças circulares), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (devoção). Primeiro, organizamos os grupos para o trabalho de pesquisa sobre "Cantigas de Roda", para a aula seguinte. Depois, conversamos sobre o que é "devoção" e sua relação com as danças circulares, também conhecidas como danças sagradas. Em seguida, fomos para o pátio externo, onde ensinei uma coreografia simples de Dança Circular Indiana. Realizamos a coreografia duas vezes. Entretanto, durante a realização da coreografia, algumas crianças ficaram tentando atrapalhar a prática de quem estava interessado. Tentei conversar com elas, mas as crianças ignoraram e continuaram agindo da mesma forma.

PLANO DE AULA DANÇA 3

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Dança – Cantigas de Roda

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Amor

VALOR HUMANO RELATIVO: Alegria

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 02/05/2011 a 06/05/2011

ALEGRANDO-SE ATRAVÉS DAS CANTIGAS DE RODA

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar o “Amor/Alegria” através do conteúdo das cantigas de roda;
- Resgatar, através de pesquisa, diversas cantigas de roda trazidas pelas crianças;
- Socializar essas cantigas, para que todos possam aprender e vivenciar todas as cantigas de roda pesquisadas.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que elas entendem por “alegria”. Explicar para as crianças o que é “alegria”, qual a diferença entre “alegria” e “felicidade” e conectar com a alegria que se sente quando se está dançando e cantando em grupo.
- Questionar para cada grupo qual foi a cantiga de roda que pesquisaram, escrevendo uma lista das cantigas no quadro.
- Em seguida, ir para um espaço amplo, e pedir para que cada grupo apresente e ensine a cantiga de roda que pesquisou, de modo a socializar o conhecimento.

- Encerrar a aula com uma roda de conversa sobre como as crianças se sentiram questionando seus familiares acerca das cantigas de roda.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus companheiros de grupo para a pesquisa e prática da cantiga de roda.

MATERIAL E ESPAÇO

Espaço amplo.

ALEGRIA

É um estado anunciado pela alma que inunda o coração e a mente. Independe de prazeres sensoriais, aquisições materiais ou condicionamento exterior. Alegria é o estado natural do ser-humano e só desaparece quando eclipsada pela falta de autoconhecimento e pela ausência de amorosidade. A capacidade de superação de problemas é alimentada pela alegria de viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos.** São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
05/05/11	<p>Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seriam as "cantigas de roda", o valor absoluto o "amor" e o valor relativo a "alegria". Conversamos com a turma sobre o que é "alegria", procurando diferenciar esse sentimento de "felicidade". Em seguida, fomos para um espaço amplo. Pedi para as crianças formarem um círculo, entretanto, houve muitas dificuldades para a formação, visto que algumas crianças não queriam segurar a mão de outras (por não terem muita afinidade com o colega). Improvisei, dizendo que era para todos imaginar que tínhamos virado uma enorme minhoca. Nesse momento, todos deram as mãos, foi como mágica. Em seguida, brincamos um pouco de minhoca, andando pelo espaço, agachando, pulando, tudo em formação de minhoca. Finalmente, disse que a minhoca ia dormir e que ela dormia em círculo. Nesse momento as crianças formaram o círculo pedido inicialmente. A partir daí iniciamos com o canto e dança de algumas cantigas de roda simples e conhecidas (Escravos de Jó, Marcha Soldado, Cai cai Balão, Ciranda cirandinha, etc). As crianças apreciaram bastante esse momento da aula. Finalizamos a aula com uma grande salva de palmas, para todos os cantores-dançarinos que participaram da aula.</p>

2º ano e 3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
06/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (cantigas de roda), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (alegria). Conversamos com as crianças sobre o que é "alegria", quais são suas expressões e diferenciamos esse sentimento do sentimento de "felicidade". Em seguida, elencamos no quadro as cantigas de roda que cada grupo pesquisou, elaborando uma estratégia de apresentação das cantigas de roda. Fomos para um espaço amplo, no qual organizamos uma formação em círculo. A estratégia de apresentação seguiu a seguinte ordem: 1) o grupo apresentava a cantiga de roda que pesquisou; 2) a turma cantava a cantiga; 3) uma coreografia para a cantiga era elaborada a partir da contribuição das crianças; 4) era realizada a prática, cantando e dançando a cantiga de roda. As crianças apresentaram bastante alegria e criatividade durante a aula.</p>

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
10/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (cantigas de roda), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (alegria). Conversamos com as crianças sobre o que é "alegria", quais são suas expressões e diferenciamos esse sentimento do sentimento de "felicidade". Em seguida, elencamos no quadro as cantigas de roda que cada grupo pesquisou, elaborando uma estratégia de apresentação das cantigas de roda. Fomos para um espaço amplo, no qual organizamos uma formação em círculo. A estratégia de apresentação seguiu a seguinte ordem: 1) o grupo apresentava a cantiga de roda que pesquisou; 2) a turma cantava a cantiga; 3) uma coreografia para a cantiga era elaborada a partir da contribuição das crianças; 4) era realizada a prática, cantando e dançando a cantiga de roda. As crianças apresentaram bastante alegria e criatividade durante a aula. Um dos grupos não lembrava o ritmo da cantiga que pesquisaram e então foi sugerido improvisar um "rap". Pedi para as crianças fazerem um ritmo com palmas e "beatbox", e cantamos a cantiga em forma de "rap". Ao final da aula, cada grupo entregou a cantiga de roda que pesquisou por escrito. Dois dos cinco grupos não apresentaram o trabalho.</p>

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
10/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (cantigas de roda), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (alegria). Conversamos com as crianças sobre o que é "alegria", quais são suas expressões e diferenciamos esse sentimento do sentimento de "felicidade". Em seguida, elencamos no quadro as cantigas de roda que cada grupo pesquisou, elaborando uma estratégia de apresentação das cantigas de roda. Fomos para um espaço amplo, no qual organizamos uma formação em círculo. A estratégia de apresentação seguiu a seguinte ordem: 1) o grupo apresentava a cantiga de roda que pesquisou; 2) a turma cantava a cantiga; 3) uma coreografia para a cantiga era elaborada a partir da contribuição das crianças; 4) era realizada a prática, cantando e dançando a cantiga de roda. As crianças apresentaram bastante alegria e criatividade durante a aula. Ao final da aula, cada grupo entregou a cantiga de roda que pesquisou por escrito. Um dos cinco grupos não apresentou o trabalho, pois o grupo foi desfeito pelo seu líder, pois este quis ficar no grupo de um grande amigo seu. Expliquei para eles que isso não deveria acontecer, pois necessitamos aprender a trabalhar em grupo mesmo com pessoas que talvez não tenhamos muita afinidade.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
05/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (cantigas de roda), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (alegria). Conversamos com as crianças sobre o que é "alegria", quais são suas expressões e diferenciamos esse sentimento do sentimento de "felicidade". Em seguida, elencamos no quadro as cantigas de roda que cada grupo pesquisou, elaborando uma estratégia de apresentação das cantigas de roda. Fomos para um espaço amplo, no qual organizamos uma formação em círculo. A estratégia de apresentação seguiu a seguinte ordem: 1) o grupo apresentava a cantiga de roda que pesquisou; 2) a turma cantava a cantiga; 3) uma coreografia para a cantiga era elaborada a partir da contribuição das crianças; 4) era realizada a prática, cantando e dançando a cantiga de roda. As crianças apresentaram bastante alegria durante a aula, entretanto, em alguns momentos, ficou evidente uma dificuldade de atenção e concentração nas atividades. Apenas um aluno deu o trabalho de entregar a cantiga de roda pesquisada por escrito, em nome de seu grupo.</p>

PLANO DE AULA DANÇA 4

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Dança – Atividades rítmicas e expressivas

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Amor

VALOR HUMANO RELATIVO: Amizade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 09/05/2011 a 13/05/2011

RITMOS CORPORAIS NUMA BANDA DE AMIGOS

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar o “Amor/Amizade” através do conteúdo das atividades rítmicas e expressivas, mais especificamente a “percussão corporal”;
- Conhecer, através de vídeos, de que se trata a “percussão corporal”;
- Construir possibilidades sonoras com o próprio corpo e montar uma pequena seção rítmica com um grupo de amigos.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “amizade”. Ler a citação “amizade é como música: são duas cordas afinadas no mesmo tom vibrando juntas”. Conversar sobre esse sentimento de união e cooperação com os amigos, esse sentimento de fraternidade e alegria. Falar um pouco sobre as bandas de música, a amizade e união entre seus membros.
- Assistir a dois vídeos: um do grupo de percussão corporal “Barbatuques” e outro que emula a canção de abertura do programa de TV “Esporte Espetacular”, também através de percussão corporal.
- Em seguida, ir para um espaço amplo, e tentar construir pequenas seções

rítmicas com as crianças, a partir da exploração dos barulhos feitos com o próprio corpo, de maneira natural. Exemplos:

2. Assobiar;

1. Fazer o ritmo da cavalgada de um cavalo;

2. Fazer sequências de palmas e batiques nas coxas e peito;

- Separar a turma em grupos de 5 a 7 crianças e pedir para que as mesmas criem um ritmo através da percussão corporal. Ao final da aula, cada grupo deverá apresentar o que criou. É a banda com os amigos.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus companheiros de grupo na exploração da percussão corporal e na criação de sequências rítmicas.

MATERIAL E ESPAÇO

Espaço amplo.

AMIZADE

A verdadeira amizade é adesão amorosa, fonte de inspiração e aprimoramento mútuos. O intercâmbio honesto e leal de experiências fortalece a amizade e une os corações. A compreensão das dificuldades, o apoio na dor e na alegria, a crítica terna e objetiva e o reconhecimento de talentos e qualidades dos outros é o procedimento de quem nutre amizade verdadeira; caso contrário, reduzem-se a ligação e o relacionamento amoroso a atitudes convencionais de comportamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: o programa de educação em valores humanos.** São Paulo: Peirópolis, 1996.

Vídeo “Barbatuques”: <http://www.youtube.com/watch?v=i-EPUPpUJNo>

Vídeo "Tema Esporte Espetacular": <http://www.youtube.com/watch?v=FCR2K4gnbu0>

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
09/05/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seria a "percussão corporal", o valor absoluto o "amor" e o valor relativo a "amizade". Primeiro conversamos sobre o que é amizade, quais são as atitudes que esperamos dos nossos verdadeiros amigos e relacionamos esse sentimento à uma banda de músicos. Em seguida, exibimos dois pequenos vídeos que mostravam exemplos de "percussão corporal". Depois, fomos para um espaço amplo, onde brincamos de explorar as possibilidades sonoras do nosso corpo, através da criação de diversas sequências rítmicas (Ex.: palma, peito, palma, coxa, estalar a língua, batucar na bochecha). Por fim, separei a turma em grupos e pedi para cada grupo realizar uma sequência rítmica diferente, formando uma banda de amigos ao final da aula.

2º ano e 3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
13/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (percussão corporal), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (amizade). Conversamos com a turma sobre o que é amizade, quais são as atitudes que esperamos dos nossos verdadeiros amigos e relacionamos esse sentimento à uma banda de músicos. Em seguida, exibimos dois pequenos vídeos que mostravam exemplos de "percussão corporal". Depois, fomos para um espaço amplo, onde brincamos de explorar as possibilidades sonoras do nosso corpo, através da criação de diversas sequências rítmicas (Ex.: palma, peito, palma, coxa, estalar a língua, batucar na bochecha). Por fim, separei a turma em grupos e pedi para cada grupo realizar uma sequência rítmica diferente, criando uma música própria. No final da aula, cada grupo apresentou a música que criou a partir da percussão corporal.

4º ano:

DATA	COMENTARIO
13/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (percussão corporal), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (amizade). Conversamos com a turma sobre o que é amizade, quais são as atitudes que esperamos dos nossos verdadeiros amigos e relacionamos esse sentimento à uma banda de músicos. Durante essa explicação tive que interromper minha fala por diversas vezes em virtude das conversas paralelas ao tema da aula. Em seguida, não pudemos exibir os dois vídeos que mostravam exemplos de "percussão corporal". Depois, decidi que não iríamos sair da sala em virtude do excesso de conversas durante a explicação, e como punição iríamos realizar a prática dentro da sala. Começamos a explorar as possibilidades sonoras do nosso corpo, através da criação de diversas sequências rítmicas (Ex.: palma, peito, palma, coxa, estalar a língua, batucar na bochecha). Criamos sequencias também batucando nos objetos, carteiras, quadro, etc. Por fim, separei a turma em grupos (cada fila era um grupo) e pedi para cada grupo realizar uma sequência rítmica diferente, criando uma música própria. No final da aula, cada grupo apresentou a música que criou a partir da percussão corporal e dos objetos.</p>

5º ano:

DATA	COMENTARIO
13/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (percussão corporal), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (amizade). Conversamos com a turma sobre o que é amizade, quais são as atitudes que esperamos dos nossos verdadeiros amigos e relacionamos esse sentimento à uma banda de músicos. Em seguida, não pudemos exibir dois pequenos vídeos que mostravam exemplos de "percussão corporal", o que foi um pouco decepcionante, visto que deu trabalho para conseguir gravar o material da internet em um Dvd, algo que não precisaria ser feito se cada sala da escola tivesse computador conectado a um Datashow. Depois, fomos para um espaço amplo, onde brincamos de explorar as possibilidades sonoras do nosso corpo, através da criação de diversas sequências rítmicas (Ex.: palma, peito, palma, coxa, estalar a língua, batucar na bochecha). Por fim, separei a turma em grupos e pedi para cada grupo realizar uma sequência rítmica diferente, criando uma música própria. No final da aula, cada grupo teria que apresentar o que criou para toda a turma, mas devido à desorganização do trabalho em grupo, metade da turma não fez o trabalho. Uma outra metade se reuniu em grupos e apresentou sua percussão corporal exclusivamente para o professor e alguns poucos interessados.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTARIO
09/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (percussão corporal), o valor absoluto (amor) e o valor relativo (amizade). Conversamos com a turma sobre o que é amizade, quais são as atitudes que esperamos dos nossos verdadeiros amigos e relacionamos esse sentimento à uma banda de músicos. Em seguida, exibimos dois pequenos vídeos que mostravam exemplos de "percussão corporal". Depois, fomos para um espaço amplo, onde brincamos de explorar as possibilidades sonoras do nosso corpo, através da criação de diversas sequências rítmicas (Ex.: palma, peito, palma, coxa, estalar a língua, batucar na bochecha). Por fim, separei a turma em dois grupos e pedi para cada grupo realizar uma sequência rítmica diferente, criando uma música própria. Entretanto, houve muita dificuldade na criação da música pelos grupos, o que inviabilizou as apresentações. Um ponto positivo da aula foi o interesse de um aluno que até então não tinha se interessado uma aula inteira pelo conteúdo.</p>

PLANO DE AULA JOGOS COOPERATIVOS 1

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Cooperativos

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Não-Violência

VALOR HUMANO RELATIVO: Cooperação

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 09/05/2011 a 13/05/2011

DANÇA DA CADEIRA COOPERATIVA

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Não-Violência/Cooperação” através da atividade da “dança da cadeira cooperativa”;
- Conhecer as diferenças entre jogos competitivos e jogos cooperativos.
- Vislumbrar as possibilidades de uma sociedade pautada no “cooperativismo”.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “cooperação”. Depois de definir um conceito para esse valor, explicar que o valor que se opõe é a “competição”. Montar um quadro que aponta as diferenças entre os jogos competitivos e os jogos cooperativos. Traçar algumas relações com a organização social pautada na “competição” e como poderia ser se ela fosse pautada na “cooperação”.
- Questionar como é a brincadeira da “Dança da Cadeira” convencional. A partir da fala das crianças, explicar as regras da “Dança da Cadeira Cooperativa”.
- Arrumar as cadeiras formando um círculo e dispor as crianças em volta dele. Deixar uma cadeira a menos que o número de crianças. Ao som da música todos dançam ao redor das cadeiras. Quando a música para, todos devem

sentar, porém ninguém é eliminado. Só quem sai é uma das cadeiras. As crianças devem criar soluções para todos sentarem. Cada vez que a música parar retira-se uma cadeira. Continua-se até restar uma única cadeira.

- Conversar com as crianças sobre o que acharam dessa nova forma de brincar, enfatizando que essa brincadeira não exclui ninguém, pelo contrário, inclui todos os participantes.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com a turma para a solução do problema imposto pela atividade (todos sentar, com número de cadeiras reduzindo gradualmente).

MATERIAL E ESPAÇO

Cadeiras e aparelho de som.

DIFERENÇAS ENTRE JOGOS COOPERATIVOS E JOGOS COMPETITIVOS

JOGOS COOPERATIVOS	JOGOS COMPETITIVOS
Visão de que “tem para todos”	Visão de que “só tem para um”
Objetivos comuns	Objetivos exclusivos
Ganhar com o outro	Ganhar do outro
Jogar com	Jogar contra
Confiança mútua	Desconfiança, suspeita
Todos fazem parte	Todos à parte
Descontração, atenção	Preocupação, tensão
Solidariedade	Rivalidade
Diversão para todos	Diversão à custa de alguns
A vitória é compartilhada	A vitória é uma ilusão
Vontade de continuar jogando	Pressa para acabar o jogo

COOPERAÇÃO

É fazer junto, trabalhar em comum. A cooperação fortalece o espírito de grupo e enfraquece a competição e a necessidade de ganhar – mostra que o outro não é adversário, mas companheiro. O reconhecimento da importância de cada um no todo abre a mente e o coração para o conjunto, e isso faz que ofereçamos prazerosamente nossos talentos para o bem comum. O egoísmo competitivo superestima nossa atuação e diminui a qualidade da atividade do outro. A cooperação apara as arestas da vaidade e do orgulho auto-suficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos:** em busca de novos paradigmas na educação física. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação:** o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
12/05/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seriam os "jogos cooperativos", o valor absoluto da "não-violência" e o valor relativo da "cooperação". Primeiro conversamos sobre o que é cooperação. Questionei a elas o que é cooperação, e várias crianças ergueram a mão querendo falar. Escolhi uma delas para falar e ela disse que era "copeiro" - as pessoas que trabalham na copa das empresas e casas. Explicamos que cooperação é "ajudar os outros", "cooperar". A criança que coopera é aquela que ajuda os colegas a atingirem seus objetivos, ajudando na passagem da consciência egocêntrica da criança pequena para uma consciência etnocêntrica, o primeiro passo para uma superconsciência. Questionamos a diferença entre "competir" e "cooperar", coisa que as crianças não souberam responder e compreenderam através do exemplo da diferença entre a "Dança da cadeira tradicional" e a "Dança da cadeira cooperativa". Fizemos a prática da "Dança da cadeira cooperativa". Várias crianças ficavam se jogando por cima das outras durante a hora de sentar todos no número de cadeiras disponível, e por incrível que pareça, nenhuma delas se machucou. Houve bastante barulho e desorganização na hora de arrumar a sala de aula, reorganizar as carteiras. Essa aula também apresentou um pouco de uma cultura sonora nova para eles: o rock n'roll de bandas como Led Zepellin e Black Sabbath.

2º ano, 4º ano e 5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
19/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (cooperação). Conversamos com a turma sobre o que é cooperação, explicando as diferenças entre cooperar e competir. Elaboramos um quadro elencando as diferenças entre os jogos competitivos e os jogos cooperativos. Questionei às crianças como se brinca da "dança da cadeira" e elas explicaram. Em seguida, descrevi como se brinca da "dança da cadeira coletiva". Organizamos a sala, fazendo um círculo de cadeiras no centro da mesma, com uma cadeira a menos do que o número de participantes. Realizamos a brincadeira, que acabou com todas as crianças sentando juntas numa cadeira só, uma verdadeira festa. Por fim, organizamos a sala novamente.</p>

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
10/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (cooperação). Conversamos com a turma sobre o que é cooperação, explicando as diferenças entre cooperar e competir. Elaboramos um quadro elencando as diferenças entre os jogos competitivos e os jogos cooperativos. Questionei às crianças como se brinca da "dança da cadeira" e elas explicaram. Em seguida, descrevi como se brinca da "dança da cadeira coletiva". Organizamos a sala, fazendo um círculo de cadeiras no centro da mesma, com uma cadeira a menos do que o número de participantes. Realizamos a brincadeira, que acabou com todas as crianças sentando juntas numa cadeira só, uma verdadeira festa. Por fim, organizamos a sala novamente. A aula foi bastante barulhenta.</p>

DATA	COMENTÁRIO
10/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (cooperação). Conversamos com a turma sobre o que é cooperação, explicando as diferenças entre cooperar e competir. Elaboramos um quadro elencando as diferenças entre os jogos competitivos e os jogos cooperativos. Questionei às crianças como se brinca da "dança da cadeira" e elas explicaram. Em seguida, descrevi como se brinca da "dança da cadeira coletiva". Organizamos a sala, fazendo um círculo de cadeiras no centro da mesma, com uma cadeira a menos do que o número de participantes. Realizamos a brincadeira, que acabou com todas as crianças sentando juntas numa cadeira só, uma verdadeira festa. Por fim, organizamos a sala novamente. A aula foi bastante barulhenta e houveram situações em que as crianças se machucaram na hora de sentar num número de cadeiras reduzida. Conversamos com as mesmas sobre essas situações, para procurar organizar melhor esses pontos em futuras atividades.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
12/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (cooperação). Questionei as crianças o que é cooperação, e elas disseram que é “cooperar”. Perguntei qual a diferença entre “competir” e “cooperar”, e as crianças não souberam responder. Explicamos a diferença entre uma coisa e outra através do contraponto das características dos jogos competitivos e dos jogos cooperativos. Depois, demos o exemplo da “Dança da cadeira”, que pode ser “competitiva” ou “cooperativa”. Realizamos a prática da “Dança da cadeira cooperativa”. Houve um comportamento por parte dos alunos mais sexualmente despertos de tentar fazer com que alguma menina sentasse em seu colo durante a brincadeira, atitude que fez com que as meninas da turma desistissem de brincar. Conversamos com as crianças sobre aquele comportamento, que aquilo era sexualidade onde não existe, e que existem maneiras mais refinadas de se conseguir alguma coisa quando o assunto é esse. Essa temática é bastante recorrente entre os comentários das crianças durante as aulas. É necessário pensar em alguma sequência pedagógica que aborde esse assunto. O objetivo da aula foi parcialmente atingido.</p>

PLANO DE AULA JOGOS COOPERATIVOS 2

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Cooperativos

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Não-Violência

VALOR HUMANO RELATIVO: Unidade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 16/05/2011 a 20/05/2011

QUEIMADA DIVERTIDA PARA FORMAR UM SÓ TIME

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Não-Violência/Unidade” através da atividade da “queimada divertida”;
- Conhecer as diferenças entre jogos competitivos e jogos cooperativos.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “unidade”. Procurar definir um conceito consensual desse valor, explicando sua explicação física e sua importância social.
- Questionar como é a brincadeira da “Queimada” convencional. A partir da fala das crianças, explicar as regras da “Queimada divertida”.
- Idêntico ao jogo tradicional de bola queimada, mas com algumas modificações. Começa-se o jogo com um jogador em cada zona de queimado (base) e os demais divididos em cada lado do campo de jogo. O primeiro arremesso é dado por um aluno de um dos times do campo de jogo. Quando um aluno for atingido e “queimado” por um colega do campo de jogo, ele (o queimado) apenas troca de grupo (não vai para a zona de queimado), ficando o outro time com mais um jogador. Se o aluno da zona de queimado atingir

alguém no campo de jogo, procede-se do seguinte modo: o aluno queimado ocupa o lugar de quem o queimou (a zona de queimado, a base) e aquele que o queimou passa para o outro lado do campo (ou seja, para o time que seria o seu na forma tradicional). Esses procedimentos permitirão que os times sejam misturados constantemente. Quando restar apenas um jogador para ser queimado (em qualquer lado), só quem poderá queimá-lo é o aluno da zona de queimado; quando isso ocorrer, ambos passarão juntos para o outro lado do campo, encerrando o jogo. Desse modo, o objetivo do jogo é fazer com que todos terminem formando um único time.

- Conversar com as crianças sobre o que acharam dessa nova forma de brincar, traçando uma relação entre a unidade final dos dois times que tornaram-se apenas um, com o valor relativo trabalhado nessa aula.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus colegas na prática da atividade.

MATERIAL E ESPAÇO

Bola e giz para demarcar o campo de jogo.

UNIDADE

Apesar da multiplicidade de aspectos e diversidade de funções e formas, nada nem ninguém pode ser considerado isolado. Tudo o que existe na natureza e no universo interage e se comunica energeticamente. Se abirmos o coração e o intelecto para a vida, veremos nitidamente a unidade da natureza. O amor é a grande ação unificadora, a energia que anima, mantém e transforma a existência. O espírito de Deus refulge dentro e através de Sua obra e unifica a aparente diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos**: em busca de novos paradigmas na educação física. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
16/05/11	Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seriam os "jogos cooperativos", o valor absoluto da "não-violência" e o valor relativo da "unidade". Questionamos para a turma o que é "unidade", e eles associaram ao conceito de número um. Tentamos ampliar esse conceito, mostrando exemplos de unidade como união. Em seguida, questionei para a turma quem já tinha jogado "queimada". Algumas crianças levantaram a mão e se empolgaram com a possibilidade do jogo. Questionei algumas regras da queimada e elas explicaram o que acontecia em cada situação. Depois, expliquei que a "queimada cooperativa" é um pouco diferente, que a criança que é queimada não vai para a base, saindo do campo, mas sim troca de time. O objetivo também é diferente: não é queimar todos os jogadores da equipe adversária, mas sim terminar o jogo todos formando uma unidade num mesmo time. A prática ocorreu de maneira satisfatória e divertida.

2º ano, 3º anos, 4º ano, 5º ano e Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
20/05/11	Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (unidade). Conversamos com a turma sobre o que significa unidade. Elas associaram ao conceito do número 1. Tentei ampliar o conceito, mostrando que na natureza temos diversas unidades organizadas em estruturas com diferentes níveis de complexidade (quanta, elétron, átomo, molécula, célula, corpo, grupo, sociedade, natureza, planeta, sistema planetário, galáxia, universo). Em seguida, questionei se sabiam jogar "queimada" e coloquei algumas situações de jogo, perguntando o que aconteceria em cada caso. Depois, expliquei que jogaríamos a "queimada cooperativa". A diferença é que o jogador queimado não sai do campo de jogo e vai para a base, mas sim troca de time. O objetivo não é queimar todos os jogadores da equipe adversária e vencer o jogo somente com a própria equipe, mas sim formar uma unidade num mesmo time ao final do jogo, todos vencendo o jogo juntos. A prática foi satisfatória e divertida.

PLANO DE AULA JOGOS COOPERATIVOS 3

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Cooperativos

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Não-Violência

VALOR HUMANO RELATIVO: Fraternidade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 23/05/2011 a 27/05/2011

FRATERNIDADE ATRAVÉS DO FUTEBOL DE PARCEIROS

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Não-Violência/Fraternidade” através da atividade do “futpar”;
- Relacionar a parceria vivenciada através da atividade prática do futpar ao valor da fraternidade.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “fraternidade”. Procurar definir um conceito consensual desse valor, explicando que a fraternidade é um dos valores que nos permite viver em sociedade, ao lado dos valores da “liberdade e igualdade”. Devemos olhar e tratar os outros como irmãos e irmãs.
- Explicar às crianças que faremos um futebol fraterno, no qual cada jogador jogará ao lado de um parceiro, que será seu irmão ou irmã no jogo. Trata-se do jogo cooperativo conhecido como “Futpar”.
- Formar vários times com 3 duplas cada time mais um goleiro que atuará sozinho. As duplas terão de atuar de mãos dadas e não poderão soltar as mãos durante a partida. Caso isso ocorra, será marcada falta para o time adversário. As partidas terão 3 minutos de duração e o time vencedor dá o

lugar para um time que estiver de fora. Enquanto as partidas estiverem acontecendo, os times que estão de fora ajudarão o professor a fiscalizar as regras do jogo, atuando como árbitros da partida.

- Conversar com as crianças sobre o que acharam dessa nova forma de jogar futebol, traçando uma relação entre a parceria das duplas e o valor da fraternidade.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus colegas na prática da atividade.

MATERIAL E ESPAÇO

Bola de futebol e 4 cones para demarcar os gols.

FRATERNIDADE

A ideia de fraternidade estabelece que o homem, como animal político, fez uma escolha consciente pela vida em sociedade e para tal estabelece com seus semelhantes uma relação de igualdade, visto que em essência não há nada que hierarquicamente os diferencie: são como irmãos (*fraternos*). Este conceito é a peça-chave para a plena configuração da cidadania entre os homens, pois, por princípio, todos os homens são iguais. De uma certa forma, a fraternidade não é independente da liberdade e da igualdade, pois para que cada uma efetivamente se manifeste é preciso que as demais sejam válidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos**: em busca de novos paradigmas na educação física. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

Link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fraternidade>

Acessado em: 21/05/2011.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:

1º ano:

DATA	COMENTÁRIO
23/05/11	<p>Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seriam os "jogos cooperativos", o valor absoluto da "não-violência" e o valor relativo da "fraternidade". Primeiro conversamos sobre o que é fraternidade.</p> <p>Questionamos se as crianças possuem irmãos ou irmãs e perguntamos o que sentem por eles. Explicamos que esse sentimento é a fraternidade e que devemos alimentar esse sentimento não só para com nossos irmãos de sangue, mas também para com todos os seres-humanos. Explicamos que para aprender esse valor faríamos o "Futebol Fraternal", no qual cada criança joga em dupla, de mãos dadas com outra criança. Se soltasse as mãos durante o jogo era considerado falta. A regra foi flexibilizada durante a prática, visto que muitas vezes as crianças não conseguiam permanecer com as mãos dadas e desistiam do jogo. Algumas crianças desistiram no meio da prática mesmo assim. Entretanto, nenhuma teve dificuldade para pegar na mão dos colegas.</p>

2º ano:

DATA	COMENTÁRIO
26/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (fraternidade). Primeiro conversamos sobre o que é fraternidade. Questionamos se as crianças possuem irmãos ou irmãs e perguntamos o que sentem por eles. Explicamos que esse sentimento é a fraternidade e que devemos alimentar esse sentimento não só para com nossos irmãos de sangue, mas também para com todos os seres-humanos. Explicamos que para aprender esse valor faríamos o "Futebol Fraternal", no qual cada criança joga em dupla, de mãos dadas com outra criança. Se soltasse as mãos durante o jogo era considerado falta. A regra foi flexibilizada durante a prática, visto que muitas vezes as crianças não conseguiam permanecer com as mãos dadas e desistiam do jogo. As crianças não tiveram problemas para dar as mãos umas às outras.</p>

3º anos:

DATA	COMENTÁRIO
23/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (fraternidade). Primeiro conversamos sobre o que é fraternidade. Questionamos se as crianças possuem irmãos ou irmãs e perguntamos o que sentem por eles. Explicamos que esse sentimento é a fraternidade e que devemos alimentar esse sentimento não só para com nossos irmãos de sangue, mas também para com todos os seres-humanos. Explicamos que para aprender esse valor faríamos o “Futebol Fraternal”, no qual cada criança joga em dupla, de mãos dadas com outra criança. Se soltasse as mãos durante o jogo era considerado falta. A regra foi flexibilizada durante a prática, visto que muitas vezes as crianças não conseguiam permanecer com as mãos dadas e desistiam do jogo. As crianças apresentaram reclamações na hora de dar as mãos umas para outras.</p>

4º ano:

DATA	COMENTÁRIO
24/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (fraternidade). Primeiro conversamos sobre o que é fraternidade. Questionamos se as crianças possuem irmãos ou irmãs e perguntamos o que sentem por eles. Explicamos que esse sentimento é a fraternidade e que devemos alimentar esse sentimento não só para com nossos irmãos de sangue, mas também para com todos os seres-humanos. Explicamos que para aprender esse valor faríamos o “Futebol Fraternal”, no qual cada criança joga em dupla, de mãos dadas com outra criança. Se soltasse as mãos durante o jogo era considerado falta. Foi organizado três equipes: enquanto duas jogavam, a outra ajudava o professor a marcar as faltas. As crianças gostaram de exercer a função de árbitro, sendo justas na maioria das vezes.</p>

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
24/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (fraternidade). Primeiro conversamos sobre o que é fraternidade. Questionamos se as crianças possuem irmãos ou irmãs e perguntamos o que sentem por eles. Explicamos que esse sentimento é a fraternidade e que devemos alimentar esse sentimento não só para com nossos irmãos de sangue, mas também para com todos os seres-humanos. Explicamos que para aprender esse valor faríamos o “Futebol Fraternal”, no qual cada criança joga em dupla, de mãos dadas com outra criança. Se soltasse as mãos durante o jogo era considerado falta. A regra foi flexibilizada durante a prática, visto que muitas vezes as crianças não conseguiam permanecer com as mãos dadas e desistiam do jogo. Algumas crianças ficaram reclamando na hora de dar as mãos, dizendo que não gostariam de dar as mãos para determinados colegas. Eu lembrei a elas sobre o valor da “fraternidade”, dizendo que deveríamos considerar os colegas como irmãos. Mesmo assim, algumas crianças não deram as mãos e reorganizaram as duplas.</p>

Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
23/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (fraternidade). Primeiro conversamos sobre o que é fraternidade. Questionamos se as crianças possuem irmãos ou irmãs e perguntamos o que sentem por eles. Explicamos que esse sentimento é a fraternidade e que devemos alimentar esse sentimento não só para com nossos irmãos de sangue, mas também para com todos os seres-humanos.</p> <p>Explicamos que para aprender esse valor faríamos o "Futebol Fraternal", no qual cada criança joga em dupla, de mãos dadas com outra criança. Se soltasse as mãos durante o jogo era considerado falta. As crianças jogaram muito pouco, pois não estavam se sentindo à vontade de mãos dadas com os colegas. Foi muito difícil para elas ter que dividir os movimentos na partida com as vontades de outras crianças. No fim das contas, algumas crianças foram brincar de pega-pega, enquanto apenas duas duplas ficaram jogando o futebol.</p>

PLANO DE AULA JOGOS COOPERATIVOS 4

PROFESSOR: Thiago Felipe Sebben

ÁREA DE ENSINO: Educação Física

CONTEÚDO: Jogos Cooperativos

VALOR HUMANO ABSOLUTO: Não-Violência

VALOR HUMANO RELATIVO: Solidariedade

SÉRIE/CICLO: 1º ano ao 5º ano

DATA: 23/05/2011 a 27/05/2011

SOLIDARIEDADE ATRAVÉS DE ATIVIDADES COOPERATIVAS EM GRUPO

OBJETIVOS

- Conhecer e vivenciar a “Não-Violência/Solidariedade” através de algumas atividades cooperativas;
- Relacionar as práticas vivenciadas ao valor da solidariedade.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

- Escrever no quadro o conteúdo, o Valor Absoluto e o Valor Relativo que se pretende trabalhar nessa aula.
- Perguntar às crianças o que é “solidariedade”. Procurar definir um conceito consensual desse valor, explicando o que é solidariedade através da citação do provérbio coreano: “até uma folha de papel pesa menos quando dois a levantam”. Pedir para as crianças citarem exemplos de situações em que podemos ser solidários às pessoas ao nosso redor.
- Atividades práticas cooperativas:
 - a) Caranguejos:** formar várias duplas. As crianças devem ficar agachadas, de costas um para o outro e com os braços entrelaçados. Cada dupla será um “caranguejo”, que deverá cumprir diferentes tarefas determinadas pelo professor: levantar, andar, sentar, rastejar, etc.
 - b) Cadeira amiga:** formar vários trios, com dois alunos, frente a frente, formando uma cadeirinha com os braços. Isso é feito da seguinte maneira:

com o braço direito estendido, flexionar o esquerdo (em 90º) segurando o próprio cotovelo direito. O outro companheiro fará o mesmo. Nessa posição, ambos devem encaixar-se, segurando os braços flexionados do companheiro, formando uma cadeira para o terceiro companheiro sentar. O terceiro participante sentará sobre os braços dos outros companheiros, que o transportarão livremente e com cuidado para não deixá-lo cair. Após algum tempo, trocar as posições.

c) Espaguete humano: formar grupos de 6 a 8 alunos, dispostos em círculo, todos de frente para o centro do círculo. Cada aluno estende um dos braços e segura a mão de um colega que não esteja exatamente ao seu lado. Em seguida, dá a outra mão a outro colega que também não esteja ao seu lado. Com as mãos entrelaçadas, forma-se um saboroso “espaguete humano”. O desafio é fazer as crianças cooperarem para desfazer o espaguete, sem soltar as mãos, até retornar ao círculo inicial.

d) Nó humano: formar grupos de 10 a 20 alunos, dispostos em círculo com as mãos dadas. Explica-se que será formado um nó humano e que cada aluno deve memorizar o colega que está à sua direita e à sua esquerda. Após esse cuidado, as crianças soltam as mãos e circulam livremente próximas umas das outras. Em determinado momento o professor para a movimentação e pede para que cada criança cruze os braços à frente do corpo e pegue novamente as mãos dos dois colegas que estavam ao seu lado quando a atividade foi iniciada, de forma que os alunos irão pegar, com a mão esquerda, a mão direita do colega que estava à sua direita e, com a mão direita, a mão esquerda do colega que estava à sua esquerda. Quando todas as mãos estiverem seguras, o “nó-humano” estará formado. O objetivo passa a ser desfazer o nó sem soltar as mãos e retornar à formação original.

e) Esteira humana: todos os alunos deitam no chão, em decúbito dorsal. Metade dos alunos ficam virados para um lado e a outra metade para o outro, sendo que as cabeças dos alunos deverão ficar encostadas umas nas outras. Cada aluno deverá esticar seu braço na linha de seu ombro. Em seguida, um voluntário deita-se no início da esteira humana e deverá ser

transportado até seu final.

- Conversar com as crianças sobre o que acharam das atividades realizadas na aula e a relação que traçam entre as atividades e o valor humano trabalhado na aula, que é “solidariedade”. Questionar se quaisquer uma das atividades que realizamos seria possível ser feita individualmente.

AVALIAÇÃO

Verificar se o estudante:

- Compreende os valores humanos trabalhados;
- Vivencia as atividades propostas durante a aula;
- Colabora com seus colegas na prática da atividade.

MATERIAL E ESPAÇO

Espaço amplo. Não será necessário o uso de nenhum material.

SOLIDARIEDADE

É a comunicação profunda com o nosso semelhante, porque, sendo solidários, enfatizamos nossas similaridades e dissolvemos empecilhos em forma de personalidade, credo, cultura, raça ou posição sócio-econômica. A solidariedade supera a indiferença e faz reconhecer o outro em nós. Ela nos torna mais receptivos e identificados com a humanidade e toda a criação divina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos**: em busca de novos paradigmas na educação física. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.

ANOTAÇÕES SOBRE A AULA:**1º ano:**

DATA	COMENTÁRIO
26/05/11	<p>Explicamos para a turma que o conteúdo da aula seriam os "jogos cooperativos", o valor absoluto da "não-violência" e o valor relativo da "solidariedade". Primeiro conversamos sobre o que é solidariedade, mostrando exemplos. Pedi para uma criança ficar em pé e levantar sua carteira do chão sozinha. Depois, peguei de um lado da carteira e pedi para a criança me ajudar a levantar. Perguntei qual ficou mais fácil, e ela disse da segunda vez, obviamente. Em seguida, contei uma estória, na qual uma criança com dois cachorros quentes encontra um mendigo sem nenhum e divide com ele seu lanche. Expliquei que essas eram atitudes de solidariedade e que nossa prática exigiria de nós essa atitude. Na prática, realizamos as brincadeiras cooperativas propostas. As atividades que mais entusiasmaram a turma foi a esteira humana e a cadeirinha.</p>

2º ano, 3º anos, 4º ano, Classe Especial:

DATA	COMENTÁRIO
27/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (solidariedade). Conversamos sobre o que é solidariedade, através da citação proposta. Depois mostrei exemplos de atitudes solidárias. Pedi para uma criança ficar em pé e levantar sua carteira do chão sozinha. Depois, peguei de um lado da carteira e pedi para a criança me ajudar a levantar. Perguntei qual ficou mais fácil, e ela disse da segunda vez, obviamente. Em seguida, contei uma estória, na qual uma criança com dois cachorros quentes encontra um mendigo sem nenhum e divide com ele seu lanche. Expliquei que essas eram atitudes de solidariedade e que nossa prática exigiria de nós essa atitude. Na prática, realizamos as brincadeiras cooperativas propostas. As atividades que mais entusiasmaram a turma foi a esteira humana e a cadeirinha.</p>

5º ano:

DATA	COMENTÁRIO
27/05/11	<p>Escrevi no quadro o conteúdo (jogos cooperativos), o valor absoluto (não-violência) e o valor relativo (solidariedade). Primeiramente, resolvemos algumas situações burocráticas referente às crianças que iam ao Encontro Esportivo na semana seguinte (passando orientações específicas para o evento e pegando autorizações dos pais). Em seguida, conversamos sobre o que é solidariedade, através da citação proposta. Depois mostrei exemplos de atitudes solidárias. Pedi para uma criança ficar em pé e levantar sua carteira do chão sozinha. Depois, peguei de um lado da carteira e pedi para a criança me ajudar a levantar. Perguntei qual ficou mais fácil, e ela disse da segunda vez, obviamente. Em seguida, contei uma estória, na qual uma criança com dois cachorros quentes encontra um mendigo sem nenhum e divide com ele seu lanche. Ao final, sobrou muito pouco tempo para a prática e deixei um tempo livre em sala de aula, para as crianças conversarem sobre as expectativas do Encontro Esportivo da próxima semana.</p>